

C O R A G E M

O Prazer de Viver Perigosamente

Não o chame incerteza, chama-o assombro
Não o chame insegurança, chama-o liberdade

Não estou aqui para te dar um dogma. Um dogma te dá segurança. Não estou aqui para te fazer uma promessa para o futuro, qualquer promessa para o futuro te dá segurança. Simplesmente estou aqui para que esteja acordado e seja consciente, quer dizer, para que esteja aqui e agora com toda a insegurança que tem a vida, com toda a incerteza que tem a vida, com todo o perigo que tem a vida.

Sei que vieste aqui procurando certezas, credos, algum «ismo», algum sitio ao que pertencer, alguém em quem confiar. Vem aqui a consequência de seu medo. Está procurando uma espécie de formosa prisão para poder viver sem consciência.

Eu gostaria de te dar mais insegurança, mais incerteza, porque a vida é assim, Deus é assim. A única forma de responder quando há mais insegurança e perigo é com consciência.

Há duas possibilidades. Ou fecha os olhos e te volta dogmático: católico, hinduista ou muçulmano... então, converte-te em uma avestruz. Isso não troca sua vida, simplesmente te tampa os olhos. Volta-te estúpido, volta-te pouco inteligente. Com sua pouca inteligência se sente seguro; todos os idiotas se sentem seguros. De fato, só os idiotas se sentem seguros. Um homem realmente vivo sempre se sentirá inseguro. Que segurança pode ter?

A vida não é um processo mecânico, não pode ser segura. É um mistério imprevisível. Ninguém sabe o que vai passar no momento seguinte. Nem sequer Deus, que supõe que está por aí no Sétimo Céu, nem sequer ele —se é que está por aí—, nem sequer ele sabe o que vai passar!... Porque se soubesse o que vai passar a vida seria falsa, tudo estaria escrito de antemão, e tudo estaria determinado de antemão. Se o futuro não está determinado, como pode saber o que vai ocorrer a seguir? Se Deus soubesse o que ia ocorrer no momento seguinte, a vida só seria um processo mecânico, inerte. Não haveria liberdade, e como pode existir a vida sem liberdade? Não haveria nenhuma possibilidade de crescer, nem de não crescer. Se tudo está destinado de antemão, não haverá glória nem grandeza. Então só serão robôs.

Não, não há nada seguro. Este é minha mensagem. Não pode haver nada seguro porque uma vida segura é pior que a morte. Não há nada seguro. A vida está cheia de incertezas, cheia de surpresas, essa é sua beleza! Nunca chega a um ponto no que possa dizer: «Agora, estou seguro.» Quando diz que está seguro está proclamando sua morte; há-te suicidado.

A vida continua com mil e uma incertezas. Isso é liberdade. Não o chame insegurança. Posso entender por que a mente chama «insegurança» à liberdade... estiveste alguma vez no cárcere durante uns meses ou uns anos? Se um prisioneiro estiver uns quantos anos no cárcere, quando chega o dia de sua liberdade, começa a sentir-se inseguro sobre o futuro. No cárcere todo estava garantido; tudo era uma rotina sem vida. Serviam-lhe a comida, davam-lhe amparo; não tinha medo de passar fome ao dia seguinte e que não houvesse comida; nada disso, tudo estava garantido. Agora, de repente, depois de tantos anos, quando chega o carcereiro e lhe diz: «Agora será posto em liberdade», começa a tremer. Ao sair dos muros da prisão voltará a ter incertezas; terá que voltar a procurar e rebuscar; terá que voltar a viver em liberdade.

A liberdade dá meu—Ido. A gente fala da liberdade, mas tem medo. E um ser humano não será um ser humano enquanto siga tendo medo à liberdade. Dou-lhes liberdade, não

lhes dou segurança. Dou-lhes compreensão, não lhes dou conhecimento. O conhecimento te dará segurança. Se te der uma fórmula, uma fórmula determinada: que há um Deus, um Espírito Santo e seu único filho, Jesus; que há um Céu e um Inferno, que estas ações estão bem e essas estão mau; se cometer um pecado iras ao Inferno, se fizer o que chamo boas ações irá ao Céu —e se acabou!— então, estará seguro. Por isso há tantas pessoas que decidiram ser cristãos, muçulmanos ou jainistas, porque não querem ser livres, querem uma fórmula fixa.

De repente, estava morrendo um homem depois de um acidente de carro. Ninguém sabia que era judeu, de modo que chamaram um sacerdote católico. O sacerdote se reclinou junto ao homem —o homem se estava morrendo, eram os últimos estertores da morte e o sacerdote disse: —Crie na Santa Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo? O homem abriu os olhos e disse: —Estou aqui a ponto de morrer... e ele está jogando às adivinhações!

Quando a morte chama a sua porta, todas suas convicções não serão mais que absurdas adivinhações. Não afeire a nenhuma convicção. A vida é incerta, a mesma natureza da vida é a incerteza. E a pessoa inteligente sempre está insegura.

A própria disposição de manter-se na incerteza é coragem. Esta disposição de estar na incerteza é confiança. Uma pessoa inteligente é aquela que permanece alerta em qualquer situação, que responde às situações com todo seu coração. Não é que saiba o que vai ocorrer; não é que saiba, «se fizer isto acontecerá aquilo». A vida não é uma ciência; não é uma cadeia de causa e efeito. Quando esquento água até os 100 'C, se evapora, isso está garantido. Mas na vida real, não há nada tão seguro como isso.

Cada indivíduo é uma liberdade, uma liberdade desconhecida. É impossível predizê-lo, impossível imaginar-lhe Terá que viver estando acordados e com compreensão.

Vem para ver-me em busca de conhecimento, quer fórmulas fixas para poder te aferrar a elas. Eu não lhe dou isso. Em realidade, se tiver alguma, você a Quito! Pouco a pouco, vou destruindo suas convicções e, pouco a pouco, vou voltando cada vez mais indeciso; pouco a pouco vou voltando mais inseguro. Isso é quão único terá que fazer. Isto é quão único tem que fazer um professor! te deixar completamente livre. Totalmente livre, com todas as possibilidades abertas, sem nada fixo... terá que estar acordado, não pode fazer nada mais.

Isto é o que chamo compreensão. Se compreender, a insegurança é uma parte intrínseca à vida, e está bem que seja assim, porque transforma a vida em liberdade, converte-a em uma surpresa constante. Nunca se sabe o que vai acontecer. Mantém-te permanentemente maravilhado. Não o chame incerteza, chama-o assombro. Não o chame insegurança, chama-o liberdade.

Não pode ser sincero se não ser corajoso
Não pode ser amoroso se não ser corajoso
Não pode confiar se não ser corajoso
Não pode investigar a realidade se não ser corajoso
portanto, a coragem vai primeiro
e todo o resto vai depois

O que é a coragem?

Em princípio não há muita diferença entre uma pessoa covarde e uma corajoso. A única diferença é que o covarde escuta seus medos e se deixa levar por eles, enquanto que a pessoa corajoso os aparta e continua seu caminho. A pessoa corajoso entra no desconhecido apesar de todos os medos.

CORAGEM é entrar no desconhecido apesar de todos os medos. A coragem não é falta de medo. A falta de medo surge quando cada vez te volta mais corajoso. A falta de medo é a experiência absoluta da coragem; é a fragrância da coragem quando esta é absoluta. Mas, em princípio, não há tanta diferença entre uma pessoa covarde e uma corajoso. A única diferença é que o covarde disposta atenção a seus medos e se deixa levar por eles, enquanto que a pessoa corajoso os aparta e segue seu caminho. A pessoa corajoso entra no desconhecido apesar de todos seus medos. Conhece o medo, sabe que está aí.

Quando entra em um mar desconhecido, como fez Colombo, tem medo, um medo terrível, porque nunca sabe o que pode acontecer. Abandona a borda da segurança. Em certo sentido, estava perfeitamente, mas te faltava uma coisa: a aventura. Emociona-te entrar no desconhecido. O coração começa a pulsar de novo, está vivo de novo, totalmente vivo. Todas as células de seu ser estão vivas porque aceitaste o desafio do desconhecido.

Aceitar o desafio do desconhecido, apesar de todos os medos, é coragem. Os medos estão aí mas, se segue aceitando a provocação, pouco a pouco, esses medos irão desaparecendo. A experiência de felicidade que nos produz o desconhecido, o grande êxtase que começa a acontecer com o desconhecido, volta-te mais forte, dá-te integridade, agudiza sua inteligência. Pela primeira vez, começa a sentir que a vida não é só aborrecimento, a não ser aventura. Depois, pouco a pouco irão desaparecendo os medos e sempre estará procurando alguma aventura.

Mas, basicamente, a coragem é arriscar o conhecido pelo desconhecido, o familiar pelo não familiar, o cômodo pelo incômodo, uma árdua peregrinação a um destino desconhecido. A gente nunca sabe se será capaz de consegui-lo ou não. É apostar, e só os jogadores sabem o que é a vida.

O Tao DA CORAGEM

A vida não escuta seus raciocínios; vai por seu próprio caminho sem deter-se. Você tem que escutar à vida, a vida não vai escutar seus raciocínios, não lhe interessam seus disquisiciones.

Quando vai pela vida, o que te encontra? aproxima-se uma grande tormenta, e as árvores grandes caem. Deveriam sobreviver, segundo Charles Darwin, porque são os mais aptos, os mais fortes, os mais poderosos. Note em uma velha árvore de oito metros de altura e trezentos anos. A mesma presença da árvore dá força, dá sensação de força e poder. Há milhões de raízes que se estenderam pela terra, aprofundando para que a árvore esteja de pé com todo seu poder. A árvore, é obvio, luta, não quer claudicar, não quer render-se... mas cai durante a tormenta, morre, já não está vivo e toda a força que tinha se foi. A tormenta foi muito, a tormenta sempre é muito, porque vem da totalidade e a árvore só é individual.

Também há novelo pequenas e erva corrente; quando chega a tormenta a erva cede, por isso a tormenta não pode lhe fazer danifico. Como muito a limpará bem, nada mais; arrastará toda a terra que se foi acumulando sobre a erva. A tormenta lhe dá uma boa ducha, e quando se acaba, as pequenas novelo e as ervas estão de novo dançando felizes. A erva quase não tem raízes, até um menino a pode arrancar, mas venceu à tormenta. O que ocorreu?

A erva seguiu o caminho do Tao, o caminho do Lao Tzu, e a árvore seguiu o caminho do Charles Darwin. A grande árvore era muito racional: tentou resistir, tentou demonstrar sua força. Se tenta demonstrar sua força, será derrotado. Todos os Hitlers, Napoleones e Alejandros são árvores grandes, fortes. Serão derrotados. Os Lao Tzus são pequenas novelo: ninguém as pode derrotar porque sempre estão dispostas a ceder. Como vais derrotar a alguém se estiver disposto a ceder, se disser: «Já me derrotaste», se disser: «Senhor, desfrute de sua vitória, não faz falta que se incomode, já me venceu»? Inclusive um Alejandro se sentiria inútil diante de um Lao Tzu não poderia fazer nada. Isto é exatamente o que aconteceu...

Na época do Alejandro havia um sannyasín, um místico que se chamava Dandamis; nessa época Alejandro estava na Índia. Quando ia se partir a Índia, os amigos lhe disseram que à volta devia lhes trazer um sannyasín, já que essa estranha flor só florescia na Índia. —Traz um sannyasín —lhe disseram—. vais trazer muitas coisas mas não se esqueça de trazemos um sannyasín, queremos conhecer o fenômeno do sannyas, o que é, o que é exatamente um sannyasín.

Estava tão entregue às guerras e as lutas que esteve a ponto de esquecer-se; mas ao retornar, justo na fronteira da Índia, de repente se lembrou. Quando estava a ponto de abandonar o último povo, pediu a seus soldados que fossem ao povo e perguntassem se havia algum sannyasín pelos arredores. Deu a casualidade de que ali, ao lado do rio, estava Dandamis, e a gente disse: —perguntaste no momento oportuno, chegaste no momento oportuno. Há muitos sannyasíns, mas sempre é estranho encontrar um verdadeiro sannyasín, e agora está aqui. Pode receber darshan*, pode lhe visitar.

Alejandro riu e disse: —Não vim aqui para receber darshan, irão meus soldados para lhe buscar. Levarei-me isso a capital de meu país.

—Não vai ser tão fácil —disseram os aldeãos.

Alejandro não podia acreditá-lo, que dificuldade podia haver? Tinha conquistado a imperadores e grandes reis, que dificuldade podia ter com um pobre mendigo, um sannyasín? Os soldados foram encontrar se com o tal Dandamis que estava nu na borda DELríó. —Alejandro Magno te convida a lhe acompanhar a seu país —disseram—. Terão todas as comodidades e te proporcionará tudo o que necessite. Será hóspede do rei.

O faquir nu riu e disse: —lhe digam a seu amo que quem se chama a si mesmo magno não pode ser magno. E ninguém me pode levar a nenhum sítio... um sannyasín se move como as nuvens, com liberdade absoluta. Não sou escravo de ninguém.

—Deve ter ouvido falar do Alejandro Magno, é um homem perigoso. Se lhe disser que não, não te fará conta, simplesmente te cortará a cabeça —lhe disseram.

O sannyasín disse: —É melhor que digam a seu professor que venha, possivelmente possa entender o que estou dizendo.

Alejandro teve que ir, porque os soldados voltaram e lhe disseram: —É um homem estranho, luminoso, emana algo do mais à frente. Está nu, mas em sua presença não o nota, só te dá conta depois. É tão capitalista que em sua presença se esquece de todo o mundo. É magnético, e está rodeado de um enorme silêncio; é como se os arredores gozassem com sua presença. Vale a pena lhe ver, mas parece que o pobre homem vai ter

problemas, porque diz que ninguém lhe pode levar a nenhum sítio, que não é escravo de ninguém.

Alejandro foi ver lhe com a espada desenvainada. Dandamis riu e disse: —Baixa sua espada, aqui não te servirá de nada. Volta a embainhar a espada; aqui não te servirá de nada porque só pode ferir meu corpo, e faz tempo que o abandonei. Sua espada não me pode ferir, portanto volta a guardá-la; não seja infantil.

E se diz que esta é a primeira vez que Alejandro obedeceu as ordens de alguém, porque em presença deste homem não podia recordar quem era. Voltou a guardar a espada em sua vagem e disse:

—Nunca conheci a um homem tão belo. —Quando voltou para seu acampamento disse—: É difícil matar a um homem que está disposto a morrer, não tem sentido fazê-lo. Pode matar a alguém que resiste, então, tem algum sentido; mas não pode matar a alguém que te está dizendo: «Esta é minha cabeça, corta-me isso Y Dandamis realmente dijo: —Ésta es mi cabeza, córtamela. Cuando caiga, verás cómo rueda por la arena, y yo también veré cómo cae en la arena, porque no soy el cuerpo. Soy un testigo.

E Dandamis realmente disse: —Esta é minha cabeça, corta-me isso Quando cair, verá como roda pela areia, e eu também verei como cai na areia, porque não sou o corpo. Sou uma testemunha.

Alejandro teve que comunicar-lhe a seus amigos: —Podia ter trazido alguns sannyasins, mas não eram sannyasins. Logo me encontrei com um homem que era realmente estranho; tinham razão no que diziam, é uma estranha flor, mas ninguém lhe pode obrigar porque não tem medo à morte. Se uma pessoa não tiver medo à morte, como pode lhe obrigar a fazer algo?

Seu medo é o que te escraviza, é seu medo. Se não ter medo já não é um escravo; de fato, seu medo te obriga a escravizar a outros antes de que eles escravizem a ti.

A pessoa que não tem medo, não lhe terá medo a ninguém e ninguém lhe temerá que—. O medo desaparece completamente.

O CAMINHO DO CORAÇÃO

A palavra «coragem» é muito interessante. Provém da raiz latina, cor, que quer dizer coração. A palavra coragem provém da raiz cor —cor quer dizer coração—, portanto, ser corajoso significa viver com coração. Os covardes e só os covardes vivem com a cabeça; estão atemorizados, rodeiam-se da segurança da razão. Atemorizados, fecham todas as janelas e as portas e se escondem detrás.

O caminho do coração é o caminho da coragem. É viver na insegurança, é viver com amor, com confiança; é entrar no desconhecido. É renunciar ao passado e permitir o futuro. Coragem é entrar por caminhos perigosos. A vida é perigosa, e só os, covardes podem evitar o perigo, mas então, já estarão mortos. A pessoa que está viva, realmente viva, vital, sempre se aventurará ao desconhecido. Ali encontrará perigos, mas se arriscará. O coração sempre está disposto a arriscar-se, ao coração gosta de apostar. A cabeça é um homem de negócios. A cabeça sempre faz cálculos, é ardilosa. O coração não é calculador.

A palavra inglesa courage é muito bonita, muito interessante. Viver através do coração é descobrir o significado. O poeta vive através do coração e, pouco a pouco, começa a sentir em seu coração os sons do desconhecido. A cabeça não pode escutá-los, está muito longe do desconhecido. A cabeça está cheia do conhecido.

O que é sua mente? É tudo o que conheceste. É o passado, o que morreu, o que se foi. A mente não é mais que passado acumulado, memória. O coração é futuro; o coração é

esperança, o coração sempre está em algum lugar do futuro. A cabeça pensa no passado, o coração sonha com o futuro.

O futuro está por vir. O futuro ainda não existe. O futuro ainda tem uma possibilidade, chegará, já está chegando. Em cada momento, o futuro se converte em presente e o presente se converte em passado. O passado não tem nenhuma oportunidade, já foi utilizado. Já te afastaste que ele, extinguiu-se, está morto, é como uma tumba. O futuro é como uma semente; está por vir, sempre está por vir, sempre chega e se encontra com o presente. Sempre está trocando. O presente não é mais que uma mudança para o futuro. É o passo que já deste; é ir para o futuro.

TODO MUNDO QUER SER AUTÊNTICO, porque ser autêntico dá muita alegria e muita felicidade, por que deveríamos ser falsos? Tem que ter o valor de aprofundar um pouco mais: por que tem medo? O que te pode fazer o mundo? A gente se pode rir de ti; sentará-lhes bem, a risada sempre é uma medicina, é saudável. A gente pode pensar que está louco... mas não te volta louco simplesmente porque eles pensem que está louco.

Se sua alegria, suas lágrimas e seu baile são autênticos, antes ou depois haverá gente que começará a te entender, possivelmente se somem a sua caravana. Eu mesmo comecei meu caminho sozinho, depois a gente começou a chegar e se converteu em uma caravana mundial! Não convidei a ninguém, só tenho feito o que sentia que vinha de meu coração.

Só respondo ante meu coração e ante ninguém mais. Você só deve responder ante sua pessoa. Não vá contra ti mesmo, porque fazê-lo é cometer um suicídio, é te destruir. E, o que pode ganhar? Embora a gente te respeite e pensem que é uma pessoa muito séria, respeitável e honrada, isso não vai enriquecer te. Estas coisas não lhe vão proporcionar uma maior compreensão da vida e de sua enorme beleza.

Quantos milhões de pessoas viveram sobre a Terra antes que você? Nem sequer sabe seus nomes; não lhe afeta absolutamente se tiverem vivido ou não. Houve Santos e houve pecadores, houve gente muito respeitável e houve toda classe de excêntricos e loucos, mas todos eles desapareceram, não ficou nem rastro deles sobre a Terra.

Só deveria preocupar-se de cuidar e proteger as qualidades que poderá te levar contigo quando a morte aniquile seu corpo e sua mente, porque estas qualidades serão sua única companhia. São os únicos valores verdadeiros, e só as pessoas que o conseguem estão vivas; o resto finge estar vivo.

Uma noite escura a KGB bate na porta do Yussel Finkelstein. Yussel abre a porta. O homem da KGB ruge: —Vive aqui Yussel Finkelstein?

—Não—responde Yussel na porta com seu pijama puído.

—Não? Então, como te chama?

—Yussel Finkelstein.

O homem da KGB lhe derruba de um golpe e diz: —Não acaba de dizer que não vivia aqui?

Yussel lhe responde: —E a isto chama vida?

Viver não sempre é vida. Note em sua vida. Poderia dizer que é uma bênção? Poderia dizer que é um presente, um obséquio da existência? Você gostaria que te tocasse esta vida uma e outra vez?

NÃO FAÇA CASO DAS ESCRITURAS, faz caso a seu coração. Essa é a única escritura que eu recomendo: escuta atentamente, muito conscientemente, e nunca te equivocará. Escutando a seu próprio coração nunca estará dividido. Escutando a seu

próprio coração, começará a ir na direção correta, sem ter que pensar no que está bem ou está mau.

A nova humanidade terá uma habilidade que consistirá no segredo de escutar ao coração conscientemente, vigiando, atentamente. Lhe siga aonde quer que te leve. Sim, às vezes te levará a algum perigo, mas lembra que esses perigos são necessários para que matures. Às vezes te confundirá, mas essas confusões são parte do crescimento. Cairá muitas vezes; volta a te levantar, porque caindo e te levantando é como volta a recuperar forças. Assim é como alguém se equilibra.

Mas não obedeça as regras que vêm impostas do exterior. As regras impostas nunca estarão bem, porque as inventou alguém que quer te dominar! Sim, no mundo também houve grandes iluminados: um Buda, um Jesus ou um Mahoma. Não deram regras para o mundo, deram seu amor. Mas, antes ou depois, seus discípulos se reúnem e começam a marcar as normas de conduta. Quando o professor já não está, quando a luz se foi e estão na escuridão, começam a procurar provas determinadas normas que obedecer, porque agora já não está a luz que lhes iluminava. Agora têm que depender das normas. Jesus fez o que lhe sussurrou o coração, mas os cristãos não estão fazendo o que lhes sussurra seu coração. São imitadores e, assim que imita, está insultando à humanidade, está insultando a seu Deus.

Não seja um imitador, seja original sempre. Não te converta em uma cópia. Isso é o que acontece todo mundo, cópias e mais cópia.

Se for original a vida realmente é um baile, e ser original é seu destino. Note em quão diferente é Krishna da Buda. Se Krishna tivesse imitado a Buda, teríamos perdido um dos homens mais formosos desta Terra. Ou se Buda tivesse imitado a Krishna só teria sido uma imitação troça. Imagine a Buda tocando a flauta! Teria insone a todo mundo, não era um flautista. Imagine a Buda dançando; é ridículo, é absurdo.

E o mesmo passa com a Krishna. Sentado debaixo de uma árvore sem uma flauta sem coroa nem plumas de pavão, sem belos trajes, sentado debaixo de uma árvore com os olhos fechados como se fosse um mendigo, sem gente dançando a seu redor, sem baile, sem música... Krishna pareceria pobre, estaria empobrecido. Um Buda é um Buda, um Krishna é um Krishna, e você é você. E você não é, de maneira nenhuma, menos que outros. Respeite, respeite sua voz interior e obedeça-a.

Tenha em conta que não te estou garantindo que isto te vá conduzir sempre ao correto. Muitas vezes conduzirá ao equivocado, porque para chegar à porta correta terá que chamar primeiro a muitas portas equivocadas. É assim. Se te encontrar com a porta correta de repente, não saberá reconhecer que era a correta. Portanto, lembra que no balanço final os esforços nunca sobram; todos os esforços contribuem ao desenvolvimento final de seu crescimento.

Não seja indeciso, não se preocupe muito de te equivocar. Este é um dos problemas: ensinou-se às pessoas a não equivocar-se, e então se voltam tão indecisos, tão covardes e temerosos de fazer algo mal, que ficam paralisados. Não podem mover-se se por acaso passa algo mau. Convertem-se em rochas, perdem a mobilidade.

Comete tudo os equívocos que possa, e lembra só uma coisa: não volte a cometer o mesmo engano. Então, estará crescendo. Parte de sua liberdade consiste em te equivocar, inclusive o ir contra Deus forma parte de sua dignidade. Assim começará a ter uma coluna vertebral; por outro lado, há milhões de pessoas sem coluna vertebral.

te esqueça de tudo o que lhe hão dito: «Isto está bem e isso está mau.» A vida não é estática. O que hoje está bem pode estar mau amanhã, o que está mal neste momento pode estar bem no momento seguinte. A vida não se pode enquadrar, não se pode etiquetar tão facilmente: «Isto está bem e aquilo está mau.» A vida não é uma farmácia onde cada garrafa tem sua etiqueta e sabe qual é qual. A vida é um mistério: em um

momento determinado utiliza uma coisa e está bem, e em outro momento, terá passado tanta água pelo Ganges, que já não servirá e estará mau.

Qual é minha definição do que está bem? Está bem aquilo que está em harmonia com a existência, e o que não está em harmonia com a existência está mau. Terá que estar muito acordado em todo momento, porque tem que decidir espontaneamente. Não pode contar com respostas premeditadas para o que está bem e o que está mau. Só os estúpidos contam com as respostas premeditadas, porque desse modo não precisam ter inteligência, não lhes faz falta. Já sabem o que está bem e o que está mau, podem aprendê-la lista de cor; não é muito larga.

Os Dez Mandamentos —que singelo!— sabe o que está bem e o que está mau. Mas a vida troca constantemente. Se voltasse Moisés, não acredito que voltasse a lhes dar os mesmos dez mandamentos, não poderia. Como vai dar os mesmos mandamentos três mil anos mais tarde? Teria que inventar algo novo.

Mas esta é minha conclusão: sempre que há uns mandamentos, a gente se encontra com dificuldades, porque no momento que se divulgam já se ficaram antiquados. A vida vai muito rápido; é dinâmica, não é estática. Não é um charco estancado, é o Ganges, está fluindo. Nunca é o mesmo rio em dois instantes consecutivos. Uma coisa pode estar bem em um momento, e não estar bem no momento seguinte.

O que podemos fazer? A única possibilidade é que a gente seja tão consciente que possa decidir como responder à vida cambiante.

Uma história zen:

Havia dois templos rivais. Os dois professores —provavelmente só se tratava de supostos professores; em realidade, deviam ser sacerdotes estavam tão em contra um do outro que disseram a seus seguidores que não deviam olhar nunca para o outro templo.

Cada sacerdote tinha um menino a seu serviço para lhe trazer coisas ou fazer os recados. O sacerdote do primeiro templo disse a seu menino servente: —Não fale nunca com o outro menino. Essa gente é perigosa.

Mas os meninos são meninos. Um dia se encontraram na estrada, e o menino do primeiro templo lhe perguntou ao outro: Aonde vai?

O outro lhe disse: —Aonde me leve o vento. —Provavelmente, devia ter escutado grandes questione zen no templo; —Aonde me leve o vento —disse. Uma grande declaração, Tao puro.

Mas o primeiro menino estava muito envergonhado e ofendido porque não tinha encontrado nenhuma resposta a isto. Estava triste e zangado, e também lhe remoía a consciência... —Meu professor me há dito que não devia falar com essa gente. Essa gente é realmente perigosa. Mas que classe de resposta é essa? Humilhou-me.

Foi a seu professor e lhe disse o que tinha ocorrido: —Sinto ter falado com ele. Tinha razão, são estranhos. Que classe de resposta é essa? Eu lhe perguntei: «Aonde vai?» — uma pergunta singela, normal— e sabia que estava indo ao mercado igual a eu. Mas me respondeu: «Aonde me leve o vento.»

O professor lhe disse: —Tinha-te advertido, mas não me fizeste conta. Olhe, amanhã te volta a colocar no mesmo sítio. Quando chegar ele, pergunta-lhe: «Aonde vai?», e ele dirá: «Aonde me leve o vento.»~ Então, você também tem que ser um pouco mais filosófico e lhe dizer: «E se não ter pernas?» —porque a alma é imaterial e o vento não se pode levar a alma a nenhum sítio«então, o que fará?»

O menino queria estar absolutamente preparado; passou-se toda a noite repetindo-o. À manhã seguinte partiu muito em breve para o lugar, colocou-se no mesmo sítio, e à mesma hora voltou a aparecer o outro menino. Estava muito contente, agora te ia ensinar o que é a verdadeira filosofia. Assim que lhe perguntou: —Aonde vai? —E ficou esperando...

Mas o menino disse: —Vou ao mercado a comprar verduras.

E agora, do que lhe servia a filosofia que tinha aprendido?

A vida é assim. Não pode te preparar, não pode estar preparado. Essa é sua beleza, esse é o mistério, que sempre te agarra de surpresa, sempre chega de surpresa. Se tiver olhos, dará-te conta de que cada momento é uma surpresa e não se pode aplicar uma resposta premeditada.

O CAMINHO DA INTELIGÊNCIA

A inteligência é vivacidade, é espontaneidade. É abertura, é vulnerabilidade. É imparcialidade, é valor para atuar sem procurar resultados. E por que digo que é valor? É valor porque quando atua para obter um resultado, o resultado te protege; o resultado te dá confiança, dá-te segurança. Conhece-o bem, sabe como conseguiu-lo, é muito eficiente. Atuar sem um resultado é atuar inocentemente. Não tem nenhuma segurança, pode te equivocar, pode te perder.

A pessoa que está lista para sair a explorar o que se chama verdade, também tem que estar lista para cometer muitos enganos, equívocos, tem que ser capaz de arriscar. Pode te perder, mas é a forma de chegar. Ao te perder muitas vezes, aprende a não te perder. Ao cometer muitos enganos aprende o que é um engano, e como não cometê-lo. Sabendo o que é um engano, vai aproximando mais à verdade. É uma exploração individual; não pode depender das conclusões de outros.

VOCÊ NASCEU COMO UMA NÃO—MENTE. Permite que isto impregne dentro seu coração todo o possível, porque deste modo, abrirá-se uma porta. Se tiver nascido como não—MENTE, significa que a mente é produto da sociedade. Não é natural, é cultivada. Lhe foram amontoando isso em cima. No fundo segue sendo livre, pode te sair daí. Não pode te sair da natureza, mas sempre que o ditas podem te sair do artificial.

A existência precede ao pensamento. De modo que a existência não é um estado mental, é um estado ulterior. A maneira de conhecer o fundamental é ser, não pensar. Ciência quer dizer pensar, filosofia quer dizer pensar, teologia quer dizer pensar. Religiosidade não quer dizer pensar. A perspectiva religiosa é uma perspectiva de não—pensamento. É mais íntima, aproxima-te mais à realidade. Faz que caia tudo o que te obstaculiza, desbloqueia-te; começa a fluir na vida. Não pensa que está separado, olhando. Não crie que é um observador, à margem, distante. Encontra-te, mescla-te e te funde com a realidade.

Mas há outra forma de saber. Não se pode chamar «conhecimento». É mais parecida com o amor e menos parecida com o conhecimento. É tão íntima que a palavra «conhecimento» não é suficiente para expressá-la. É mais adequada a palavra «amor», mais expressiva.

Na história da consciência humana, o primeiro que evoluiu foi a magia. A magia era uma combinação de ciência e religião. A magia tinha algo da mente e algo da não—MENTE. Da magia surgiu a filosofia. Depois, da filosofia nasceu a ciência. A magia era de uma vez não—MENTE e mente. A filosofia só era mente. E depois, a mente mais a experimentação se converteram em ciência. A religiosidade é um estado de não—MENTE.

A religiosidade e a ciência são duas perspectivas da realidade. A ciência aborda a realidade através do secundário; a religiosidade vai diretamente. A ciência tem uma perspectiva indireta; a ciência tem uma perspectiva imediata. A ciência dá voltas e voltas; a religiosidade simplesmente penetra o coração da realidade.

Algumas costure mais... O pensamento só pode pensar a respeito do conhecido... mascar o que já está mascado. O pensamento nunca pode ser original. Como pode pensar a respeito do desconhecido? Algo que consiga pensar pertencerá ao conhecido. Só pode pensar porque sabe. O pensamento, como muito, pode criar novas combinações. Pode imaginar um cavalo que voa, feito de ouro, mas nada disto é novo. Sabe que há pássaros que voam, sabe que existe o ouro, sabe que há cavalos; combina as três coisas juntas. O pensamento, como muito, pode imaginar-se novas combinações, mas não pode conhecer o desconhecido. Desconhecido-o está mais à frente. O pensamento vai em círculos, volta a conhecer o conhecido uma e outra vez. Volta a mascar o mascado. O pensamento nunca é original.

Encontrar-se com a realidade originalmente, de raiz, encontrar-se com a realidade sem intermediários —encontrar-se com a realidade como se fosse o primeiro homem que existiu— é liberador. A mesma novidade disto te libera.

A VERDADE É UMA EXPERIÊNCIA, NÃO UMA CRENÇA. A verdade nunca se conhece estudando-a; terá que encontrar a verdade, terá que lhe fazer frente. Quem estuda o amor é como quem estuda o Himalaya vendo um mapa das montanhas. O mapa não é a montanha! Se te obcecar muito com o mapa, não verá a montanha. Se te obcecar muito com o mapa, pode ter a montanha diante de ti, mas seguirá sem ser capaz de vê-la.

E é assim. A montanha está diante de ti, mas seus olhos estão cheios de mapas, mapas da montanha, mapas dessa mesma montanha feitos por diversos exploradores. Uns escalaram a montanha pela cara Norte, outros pelo Este. Fizeram distintos mapas: o Corán, a Bíblia, o Gita... diferentes mapas da mesma verdade. Mas você está tão cheio de mapas, tão arrasado por seu peso que não pode te mover nem um centímetro. Não pode ver que a montanha está diante de ti, as cúpulas de neve imaculada brilhando como o ouro sob o sol da manhã. Não tem olhos para vê-lo.

O olho que tem prejuízos está cego, o coração cheio de conclusões está morto. Muitas hipóteses a priori e sua inteligência começará a perder rapidez, beleza, intensidade. turva-se. muito frio, frio, absolutamente indiferente. E a indiferença mata o mistério.

Se realmente quer ter a experiência do misterioso, terá que abrir uma nova porta em seu ser. Não estou dizendo que deixe de ser científico, só estou dizendo que a ciência pode converter-se em uma atividade periférica para ti. Quando está no laboratório sei um cientista, mas quando sair do laboratório, te esqueça da ciência. Escuta os pássaros, e não de uma forma científica! Olhe as flores, e não de uma forma científica, porque quando olha uma rosa de uma forma científica, está olhando outra coisa completamente distinta. Não é a mesma rosa que experimenta o poeta.

A experiência não depende do objeto, a experiência depende do experimentador, da capacidade de experimentação.

OBSERVANDO UMA FLOR, TE converta NELA; dança a seu redor, canta uma canção. O ar é fresco e tonificante, o sol dá calor e a flor está em seu melhor momento. A flor está dançando com o vento, regozijando-se, cantando uma canção, cantando aleluia. Participa com ela! Abandona a indiferença, a objetividade, o distanciamento. Abandona todas suas atitudes científicas. Flui um pouco mais, te funda um pouco mais, te mescle um pouco mais. Deixa que a flor lhe fale com seu coração, deixa que a flor se introduza dentro de sua pessoa. Convida-a, é um hóspede! Então, poderá perceber o mistério.

É o primeiro passo para o misterioso e o último passo é este: se pode participar um momento, terá a chave, o segredo. Participa de tudo o que está fazendo. Ao andar, não o

faça mecanicamente, não fique observando-o, sei isso. Ao dançar, não o faça tecnicamente, a técnica é irrelevante. Pode ser tecnicamente.

A inteligência obtusa é o que se denomina intelecto. Os assim chamados intelectuais não são realmente inteligentes, só são intelectuais. O intelecto é um cadáver. Pode decorá-lo, pode decorá-lo com grandes pérolas, diamantes, esmeraldas, mas um cadáver segue sendo um cadáver.

Estar vivo é uma questão completamente distinta.

A CIÊNCIA É SER EXATO, ser absolutamente exato sobre os fatos. Se for muito exato sobre os fatos não poderá sentir o mistério, quanto mais exato é, mais se evapora o mistério. O mistério necessita uma certa vaguedad; o mistério necessita algo não determinado, sem demarcar. A ciência é objetiva; o mistério não é objetivo, é existencial.

Um fato só é uma parte da existência, uma pequena parte; a ciência tráfico das partes porque é mais singelo tratar das partes. São mais pequenas, pode as analisar; não lhe superam porque pode as ter nas mãos. Pode diseccionarlas, pode as etiquetar, pode estar absolutamente seguro de suas características, quantidades, possibilidades, mas nesse mesmo processo está matando o mistério. A ciência é o assassinato do mistério.

Se quer experimentar o misterioso terá que entrar por outra porta, desde outra dimensão completamente distinta. A dimensão da mente é a dimensão da ciência, e a dimensão da meditação é a dimensão do milagroso, o misterioso.

A meditação faz que tudo seja indefinido. A meditação te leva ao desconhecido, o inexplorado. A meditação te leva, pouco a pouco, a um tipo de dissolução onde o observador e o observado se voltam um. Mas isso não é possível para a ciência. O observador deve ser o observador, e o observado deve ser o observado, e tem que haver uma distinção clara em cada momento. Não deve te esquecer de ti mesmo nem um instante; não deve te interessar, te dissolver, te inundar, ser passional ou amoroso com o propósito de sua investigação. Tem que permanecer imparcial, tem que ser correto e, entretanto, te perder a alegria de fazê-lo. te dissolva na dança, te converta na dança, te esqueça do bailarino.

Quando começa a haver uma unidade tão profunda em muitos aspectos de sua vida, quando os que estão a seu redor começam a ter grandiosas experiências de desaparecimento, de ausência de ego, de inexistência... quando a flor está aí mas você não está, quando o arco íris está aí mas você não está... quando as nuvens estão vagando pelo céu no interior e o exterior, e você não está... quando há um silêncio absoluto no que a ti respeita; quando dentro de ti não há ninguém, só puro silêncio, silêncio imaculado, imperturbável, sem alterar-se pelo raciocínio, o pensamento, a emoção, o sentimento..., este é o momento de meditação.

A mente desapareceu, e quando desaparece a mente aparece o mistério.

O CAMINHO DA CONFIANÇA

A confiança é a maior inteligência. por que não confiam as pessoas? Porque não confiam em sua inteligência. Têm medo, têm medo de ser enganados. Têm medo; por isso duvidam. A dúvida surge do medo. A dúvida surge de uma espécie de insegurança em sua própria inteligência. Não está tão seguro para confiar e atuar da confiança. A confiança precisa de uma grande inteligência, coragem, integridade. Para poder entrar, necessita que haja um grande coração. Se não ser muito inteligente, protege-te com a dúvida.

Se for inteligente está preparado para penetrar no desconhecido, porque sabe que, embora desapareça todo mundo conhecido e esteja no desconhecido, será capaz de te instalar aí. Confia em sua inteligência. A dúvida está em guarda; a inteligência se mantém aberta porque sabe que «aconteça o que acontecer, será capaz de aceitar o desafio, será capaz de responder de uma forma adequada». A mente medíocre não tem essa confiança em si mesmo. O conhecimento é medíocre.

Estar em um estado de não—saber é inteligência, é atenção, e não é acumulativo. Tudo o que acontece em cada momento, desaparece e não deixa rastro, não deixa um rastro existencial. Volta a te encontrar em estado puro, volta a ser inocente, volta a ser um menino.

Não tente compreender a vida. Vive-a! Não tente compreender o amor. te instale no amor. Então saberá, e esse saber surgirá de sua experiência. Esse saber não destruirá o mistério: quanto mais saiba, mais saberá que fica muito por saber.

A vida não é um problema. Se a considerar um problema está dando um passo equivocado. A vida é um mistério que tem que viver, amar, experimentar.

Em realidade, a mente que procura explicações é uma mente medrosa. devido a este medo, quer procurar explicações a tudo. Não pode fazer nada se não o explicaram antes. Graças às explicações, sente que é um terreno familiar, conhece a zona, e agora se pode mover com o mapa, a guia e o programa. Não está disposta a entrar em um terreno desconhecido, inexplorado, sem ter um mapa, sem ter uma guia. Mas a vida é assim, e não pode haver um mapa porque a vida vai trocando. Todos os momentos são agora. Não há nada velho sob o sol, e me acredite, tudo é novo. Há um tremendo dinamismo, um movimento absoluto. Só a mudança é permanente, quão único não troca é a mudança.

O resto sempre troca, por isso não pode ter um mapa; quando conseguir ter o mapa preparado já estará antiquado. Quando estiver disponível o mapa já será inútil, a vida terá trocado de trajetória. A vida terá começado a jogar outro jogo. Na vida não lhe pode arrumar isso com um mapa, porque não é mensurável; na vida não pode arrumar lhe consultando isso uma guia, porque as guias só existem quando as coisas estão estancadas. A vida não está estancada, é dinâmica, é um processo. Não pode fazer um mapa da vida. Não é mensurável, é um mistério incomensurável. Não procure explicações.

E isto é o que chamo maturidade mental: quando alguém chega a um ponto no que olhe a vida sem fazer perguntas, e se inunda nela com coragem e sem medo.

O MUNDO ESTÁ CHEIO DE PESSOAS PSEUDO—RELIGIOSAS, Iglesias, templos, gurudwaras*, mesquitas, está cheio de pessoas religiosas. E não te dá conta que o mundo é absolutamente irreligioso? O mundo é irreligioso com tantas pessoas religiosas? Que milagre é este? Todo mundo é religioso, entretanto, a soma total é irreligiosidad. A religião é falsa. A gente cultivou» a confiança. A confiança se converteu em uma crença e não em uma experiência. Lhes ensinou a acreditar, não lhes ensinou ou seja; nisto se equivocou a humanidade.

Não cria nunca. Se não poder confiar é melhor que duvide, porque através da dúvida, antes ou depois, poderá surgir a possibilidade da confiança. Não pode viver eternamente com a dúvida. A dúvida é uma enfermidade; é uma doença. Se dúvidas nunca estará satisfeito; se dúvidas sempre terá medo, se dúvidas sempre estará angustiado, dividido e indeciso. Se dúvidas estará vivendo um pesadelo. De modo que algum dia começará a tentar sair dela. Por isso digo que é melhor ser um ateu antes que ser um teísta, um pseudoteísta.

Ensinarão-lhe a acreditar da infância, condicionaram a mente de todo o mundo para acreditar: acreditar em Deus, acreditar na alma, acreditar nisto e aquilo. A crença te impregnou até os ossos e o sangue, entretanto, segue sendo uma crença, não soubeste. E, não liberará a menos que saiba. O conhecimento libera, só o conhecimento. Todas as crenças são emprestadas; foram-lhe dadas por outros, não são suas flores. Como é possível que um pouco emprestado te conduza à realidade, a realidade absoluta? te esqueça de tudo o que tiraste que outros. É melhor ser um mendigo que ser rico, não rico a costa de sua economia, a não ser a costa do que roubaste; rico a costa do que lhe emprestaram, rico a costa da tradição, rico a costa da herança. Não, é melhor ser um mendigo mas estar por sua conta. Essa pobreza tem riqueza em seu interior porque é autêntica, e a riqueza de sua crença é muito pobre. As crenças nunca podem impregnar muito fundo; permanecem a flor de pele. Se arranhar um pouco, aparecerá a incredulidade.

Crie em Deus; se, de repente, quebra sua empresa, aparecerá a incredulidade. Dirá: «Não acredito, não posso acreditar em Deus.» Se crie em Deus e morre sua amada, surgirá a incredulidade. Crie em Deus e basta que se mora sua amada para destruir sua crença? Não tem muito valor. A confiança não se pode destruir nunca, uma vez que está aí, não haverá nada que a possa destruir. Não a pode destruir nada, absolutamente nada.

Recorda que há uma grande diferença entre confiança e crença. A confiança é pessoal; a crença é social. Tem que desenvolver a confiança; seja o que seja, pode seguir acreditando, e podem te impor crenças. Abandona as crenças. Terá medo, porque quando abandona as crenças, surge a dúvida. Cada crença obriga à dúvida a esconder-se em alguma parte, reprime as dúvidas. Não se preocupe por isso, deixa que surjam dúvidas. Todo mundo tem que acontecer a noite escura antes de que chegue o amanhecer. Todo mundo tem que acontecer a dúvida. O caminho é largo, a noite é escura. Mas, quando chega o dia depois de um comprido viaje e uma noite escura, então, saberá que valeu a pena. A confiança não se pode «cultivar», não tente cultivá-la nunca; isto é o que toda a humanidade esteve fazendo. A confiança cultivada se converte em crença. Descobre a confiança dentro de ti mesmo, não a cultive. Aprofunda mais em seu ser, vê até o centro de seu ser e descobre-a.

PARA INVESTIGAR É PRECISO QUE HAJA CONFIANÇA porque vais entrar te no desconhecido. É preciso que haja uma enorme confiança e coragem, porque vais afastar te do convencional e o tradicional, vais afastar te da multidão. vais inundar te em mar aberto sem saber se existir a outra borda.

Não poderia te mandar a fazer esta investigação sem te preparar para confiar. Parecerá contraditório, mas o que posso fazer? A vida é assim. Só uma pessoa que tenha uma grande confiança será capaz de ter grandes duvida, de investigar algo assim.

Uma pessoa que tem pouca confiança duvidará pouco. A pessoa que não tem confiança só finge que dúvida. Não pode investigar em profundidade. A profundidade chega com a confiança, e terá que tomar algum risco.

antes de te mandar ao mar desconhecido, tenho que te preparar para essa enorme viagem no que tem que ir sozinho, mas posso te acompanhar até o navio. Antes, terá que conhecer a beleza da confiança, o êxtase do caminho do coração, para que quando estiver no mar aberto da realidade tenha bastante coragem para continuar. Aconteça o que acontecer, terá confiança em ti mesmo.

Imagine o como pode confiar em nada ou em ninguém se não confiar em ti mesmo? É impossível. Se dúvidas de ti, como vais confiar? Você é o que tem que confiar, mas se não confiar em ti, como vais confiar na confiança? É absolutamente necessário que o

coração se abra antes de que o Intelecto se transforme em inteligência. Esta é a diferença entre intelecto e inteligência.

A inteligência é o intelecto em harmonia com seu coração.

O coração sabe como confiar.

O intelecto sabe como procurar e indagar.

Há um antigo conto oriental:

Dois mendigos viviam aos subúrbios de um povo. A gente era cego e o outro não tinha pernas. Um dia ardeu o bosque que estava perto do povo onde viviam os dois mendigos. É obvio, competiam entre eles —tinham a mesma profissão, mendigavam da mesma gente— e estavam constantemente zangados o um com o outro. Não eram amigos, eram inimigos.

Duas pessoas que têm a mesma profissão não podem ser amigas. É muito complicado porque é uma questão de competência, de clientes, pode lhe tirar o cliente ao outro. Os mendigos classificam a seus clientes: «Recorda que este homem é meu; não lhe incomode.» Você não sabe a que mendigo pertence, quem é o mendigo que te possui, mas na rua há um mendigo ao que você pertence. Provavelmente, lutou e ganhou a batalha, e agora você é sua posse...

Perto da universidade estava acostumada haver um mendigo; um dia me encontrei isso na rua. Sempre estava aí, perto da universidade, porque os jovens são mais generosos; as pessoas mais majores se vão voltando miseráveis, medrosas. A morte se aproxima e, aparentemente, o dinheiro é o único que lhes pode ajudar. Se tiverem dinheiro, outros lhes poderão ajudar; se não terem dinheiro, nem seus filhos nem suas filhas se preocuparão com eles. Mas os jovens podem esbanjar. São jovens, podem economizar—, a vida está aí, têm toda a vida por diante.

Era um mendigo rico graças aos universitários... Na Índia, um estudante só chega à universidade se pertencer a uma família rica, se não, é um esforço muito grande. Alguns pobres também chegam à universidade, mas é difícil, é duro. Eu também pertencia a uma família pobre. Pelas noites trabalhava de editor em um periódico, e durante o dia ia à universidade. Durante anos, não pude dormir mais de três ou quatro horas; o fazia quando encontrava um momento com o passar do dia ou de noite.

Este mendigo era muito forte. Nenhum outro mendigo podia entrar na rua da universidade, estava proibida inclusive a entrada. Todo mundo sabia a quem pertencia a universidade: a esse mendigo! Um dia, de repente, vi um homem jovem; o velho já não estava ali. —O que ocorreu? Onde está o velho? —perguntei-lhe.

—É meu sogro —me respondeu—. Me deu de presente a universidade.

A universidade não sabia que tinha trocado seu dono, que tinha um novo dono. O homem jovem disse: —Casei-me com sua filha.

Na Índia, quando te casa com a filha de alguém recebe uma dote. Não basta te casando com ela, seu sogro, se for muito rico, tem-te que dar um carro, uma casita. Se não ser tão rico te terá que dar, pelo menos, uma moto, e se não, uma bicicleta, mas te tem que dar algo: uma equipe de rádio, um transistor, um televisor... e um pouco de dinheiro. Se for realmente rico, então te dará a oportunidade de viajar ao estrangeiro, estudar e te converter em uma pessoa mais instruída, um médico, um engenheiro... ele correrá com os gastos.

A filha deste mendigo se casou, e a dote que tinha recebido o jovem era toda a universidade. —A partir de hoje, esta rua e esta universidade me pertencem —disse— E meu sogro me há dito os quais são meus clientes.

Encontrei-me com o velho na rua e lhe disse: —Magnífico! Fez bem em lhe dar uma dote.

—Sim —disse ele—. Só tinha uma filha e queria fazer algo por meu genro. Dei-lhe o melhor sítio para mendigar. Agora estou aqui de novo, tentando arrumar meu monopólio na rua. É um trabalho duro porque há muitos mendigos, e são veteranos que já têm seus clientes. Mas não passa nada, conseguirei-o; jogarei a uns quantos mendigos daqui. —E o fez.

De modo que quando ardeu o bosque, os dois mendigos se pararam a pensar um momento. Eram inimigos, nem sequer se falavam, mas se tratava de uma emergência. O cego lhe disse ao que não tinha pernas: —A única maneira que temos de escapar, é que você se sente em cima de meus ombros; usa minhas pernas e eu usarei seus olhos. É a única maneira de nos salvar.

Entendeu-o imediatamente. Não houve nenhum problema. O homem que não tinha pernas não podia' escapar, não podia atravessar o bosque... estava ardendo. podia-se ter deslocado um pouco, mas teria sido inútil. Terei que encontrar uma saída rápido. O cego também estava seguro de que não poderia sair. Não sabia onde estava o fogo, onde estava a estrada, onde se estavam queimando as árvores e onde não. Era cego... perderia-se. Mas os dois eram inteligentes; esqueceram-se de sua inimizade, fizeram-se amigos e salvaram a vida.

É uma fábula oriental. Tráfico de seu intelecto e seu coração. Não tem nada que ver com os mendigos, tem que ver contigo. Não tem nada que ver com o bosque em chamas, tem que ver contigo... porque você está em chamas.

Você está te queimando, sofrendo, triste e angustiado em todo momento. Só seu intelecto está cego. Tem pernas, pode correr, pode ir rápido, mas como está cego não pode escolher a direção adequada. Indeadidamente, tropeçará-se constantemente, cairá, fará-se mal e sentirá que a vida não tem sentido. Por isso; os intelectuais de todo o mundo dizem: «A vida não tem sentido.»

O motivo pelo que a vida lhes parece um sinsentido é que o intelecto cego está tentando ver a luz, mas é impossível.

dentro de ti há um coração que vê, que sente, mas que não tem pernas; não pode correr. fica aí onde está, pulsando, esperando... algum dia o intelecto o entenderá e será capaz de usar os olhos do coração.

Quando digo a palavra confiança refiro aos olhos do coração.

Quando digo a palavra duvida refiro às pernas de seu intelecto.

Ambas podem sair juntas do fogo sem nenhum problema. Mas recorda, o intelecto tem que aceitar levar a coração sobre seus ombros. Tem que fazê-lo. O coração não tem pernas, só olhos, e o intelecto tem que escutar ao coração e obedecer suas indicações.

Em mãos do coração, o intelecto se volta inteligente. É uma transformação, uma transformação absoluta de energia. Agora a pessoa não se volta intelectual, simplesmente se volta sábia.

A sabedoria nasce do encontro do coração e o intelecto. E quando aprendeste a arte de sincronizar os batimentos do coração de seu coração com o funcionamento de seu intelecto, terá o segredo em suas mãos, a chave professora que abre todos os mistérios.

O CAMINHO DA INOCÊNCIA

A questão fundamental não é a coragem, a questão fundamental é que o conhecido é o morto, e o desconhecido é o vivo. Agarrar-se ao conhecido é como agarrar-se a um cadáver. Não precisa ter valor para deixar de te agarrar, em realidade, precisa ter valor para seguir agarrado. Note simplesmente... O que te deu o que é familiar para ti, o que viveste? Até onde chegaste? Não segue estando vazio? Não sente um grande descontente, uma frustração profunda e sem sentido? De alguma forma o consegue,

segue escondendo a verdade e inventa mentiras para seguir estando comprometido, comprometido.

Esta é a questão: ver com clareza que tudo o que conhece pertence ao passado, já não existe; está no cemitério. Quer estar na tumba ou estar vivo? E esta pergunta não surge só hoje, mas sim amanhã e depois de amanhã seguirá aparecendo. Seguirá estando até seu último fôlego.

Tudo o que conhece, tudo o que acumula —informação, conhecimentos, experiência— se termina assim que o investiga. Conduzir palavras vazias, conduzir esse peso morto, é oprimir sua vida; é uma carga em sua vida que te impede de entrar em um ser vivo, cheio de júbilo, que te espera em cada instante.

O homem de compreensão morre ao passado em cada instante e volta a nascer ao futuro. Sua presente sempre está transformando-se, é um renascimento, uma ressurreição. Não é questão de coragem absolutamente, isto é o primeiro que terá que entender. É questão de clareza, de ter claro o que é o que.

Em segundo lugar, sempre que realmente se trata de uma questão de coragem, ninguém lhe pode dar isso. Não é algo que lhe possam dar de presente. É algo com o que nasce, mas não o deixaste crescer, não deixaste que se assente.

A INOCÊNCIA É CORAGEM E CLAREZA, AMBAS AS COISAS. Se for inocente não precisa ter coragem. Tampouco precisa ter clareza, porque não há nada tão claro e tão transparente como a inocência. A questão é como proteger nossa própria inocência. A inocência não é algo que tenha que alcançar. Não é algo que tenha que aprender. Não é um talento: pintura, música, poesia, escultura. Não é nenhuma destas coisas. É mais parecido à respiração, é algo com o que nasce.

A inocência é a natureza de todo o mundo. Todo mundo é inocente ao nascer.

Como pode nascer e não ser inocente? O nascimento significa que entra no mundo como uma tabula rasa, não há nada escrito. Só tem futuro, não tem passado. Esse é o significado de inocência. Primeiro tenta compreender todos os significados de inocência.

O primeiro é: não passou, só há futuro.

O passado te corrompe porque provoca memórias, experiências, expectativas. As quais, combinadas entre si, voltam-lhe preparado mas não claro. Voltam-lhe ardiloso, mas não inteligente. Podem te ajudar a triunfar no mundo, mas no fundo de seu ser, será um fracassado. Todo o êxito no mundo não se pode comparar com o fracasso que terá que enfrentar finalmente, porque ao final só fica com seu ser interno. perde-se tudo: sua glória, seu poder, seu nome, sua fama... começam a desaparecer como se fossem sombras.

Ao final só fica o que tinha ao princípio. Só te pode levar deste mundo o que trouxe.

Na Índia, a sabedoria popular diz que o mundo é como a sala de espera de uma estação; não é sua casa. Não te vais ficar na sala de espera para sempre. Nenhuma das coisas que há na sala de espera lhe pertencem: os móveis, os quadros das paredes... Usa-os —miras os quadros, senta-se na cadeira, descansa na cama— mas nada te pertence. Só fica uns minutos, ou como muito, umas horas, e depois irá.

Sim, voltasse-te a levar o que trouxeste para a sala de espera, é teu O que trouxeste para o mundo? O mundo é sem dúvida uma sala de espera. Talvez a espera não seja em segundos, em minutos, em horas, em dias, possivelmente seja em anos; mas que diferença há entre estar esperando sete horas ou setenta anos?

Possivelmente, ao cabo de setenta anos, se esqueça de que estava em uma sala de espera. Poderia começar a pensar que é o dono, que construíste essa casa. E porá uma placa com seu nome na sala de espera.

Há pessoas —eu o vi, porque viajei muito— que escrevem seu nome no lavabo ou na sala de espera. A gente grava seu nome nos móveis da sala de espera. Pode parecer uma tolice, mas é como o que faz a gente na vida.

Há uma história muito significativa nas antigas escrituras jainistas. Na Índia se acredita que se alguém se convertesse no imperador do mundo receberia o nome de chakravartin. A palavra chakra significa roda. Na antiga Índia havia uma forma de evitar lutas e violência desnecessárias: uma limusine, uma limusine de ouro muito valiosa, com formosos e fortes cavalos ia de um reino a outro, e se o outro reino não podia lhe impedir o passo, queria dizer que esse reino tinha aceito a superioridade do dono desta limusine. Não havia necessidade de lutar.

A limusine se movia deste modo, e quando a gente lhe obstruía o passo havia uma guerra. Se não era detida, isto demonstrava a superioridade do rei sem necessidade de que houvesse uma guerra: o rei se convertia em chakravartin, aquele cuja roda deu voltas e voltas sem que ninguém a detenha. Este é o desejo de todos os reis: converter-se em chakravartin.

Evidentemente, terá que ter mais poder que Alejandro Magno. Mandar somente sua limusine... isso requer um enorme poder. Ter a certeza absoluta de que se lhe obstrui o passo à limusine haverá uma matança maciça. Isto significa que já tinham reconhecido ao rei; quando este quer conquistar a alguém não há nenhuma forma de impedir-lhe. Esto es mucho más civilizado que lo que hacen países como la Unión Soviética y EE.UU. Mandar una bella carroza, pero eso significa que debes estar muy seguro de tu fuerza; y no sólo tú, sino todos los demás. Sólo entonces podrá valer un símbolo como éste. De modo que todos los reyes deseaban convertirse en un chakravartin algún día.

Mas é uma forma simbólica, é mais civilizado. Não é necessário atacar, não é necessário matar, só se envia uma mensagem simbólica. A limusine irá para ali com a bandeira do rei, e se o outro rei acredita que não tem sentido resisti-la luta só suporia uma derrota e uma violência desnecessária—, dá-lhe a bem-vinda à limusine, e em sua cidade lhe lançam flores.

Isto é muito mais civilizado que o que fazem países como a União Soviética e EUA. Mandar uma bela limusine, mas isso significa que deve estar muito seguro de sua força; e não só você, mas também todos outros. Só então poderá valer um símbolo como este. De modo que todos os reis desejavam converter-se em um chakravartin algum dia.

A história é que um homem se converteu em um chakravartin e isto só acontece uma vez cada milhares de anos. Nem sequer Alejandro Magno conquistou o mundo; ficaram muitas zonas por conquistar. E morreu muito jovem, só tinha trinta e três anos: não era tempo suficiente para conquistar o mundo. E nem sequer se conhecia o mundo inteiro! desconhecia-se a metade do mundo, e nem sequer tinha conseguido conquistar a metade que se conhecia. Este homem, do que lhes vou contar a história, converteu-se em chakravartin.

diz-se que quando morre um chakravartin —porque só aparece um chakravartin cada milhares de anos, é um ser excepcional— ao morrer recebem no Céu com louvores e lhe levam a um sítio especial.

Na mitologia jainista no Céu há umas montanhas paralelas à Himalaya. O Himalaya só é feito de pedras, terra e gelo.

O paralelo do Himalaya no Céu recebe o nome do Sumeru. Sumeru é a montanha suprema; não há nada mais alto que isso, nada melhor que isso. É ouro maciço; em vez de pedras há diamantes, rubis e esmeraldas.

Quando um chakravartin morre é conduzido ao monte Sumeru para gravar seu nome nele. É uma estranha oportunidade, só acontece uma vez cada milhares de anos. Este

homem, é obvio, estava enormemente emocionado porque ia escrever seu nome no monte Sumeru. É o catálogo supremo de todos quão grandes existiram, e também é o catálogo dos que serão. Este imperador ia pertencer a uma linhagem de super-homens.

O guardião lhe deu os instrumentos para gravar seu nome. Queria levar-se consigo a alguns de seus homens; estes se haviam suicidado porque seu imperador se estava morrendo, e não podiam imaginar viver sem ele. Sua mulher, seu primeiro-ministro, sua comandante em chefe e todas as grandes personalidades que lhe rodeavam se haviam suicidado, por isso foram com ele.

O imperador queria que o guardião deixasse entrar em todos para que vissem como gravava seu nome, qual é o prazer de ir sozinho e gravar seu nome se não haver ninguém que o veja? A verdadeira alegria é que o veja todo mundo.

O guardião lhe disse: —Escuta meu conselho, herdei esta profissão. Meu pai era guardião, seu pai era guardião, fomos os guardiões do monte Sumeru há séculos. Escuta meu conselho, não deixe que vão contigo, se não, arrependerá-te.

O imperador não entendia, mas não podia ir contra seu conselho, que interesse ia ter esse homem em impedir-lhe El guardián dijo: —Estoy completamente de acuerdo.

O guardião disse: —Se quiser que o vejam, vete, grava seu nome e depois vem a buscá-los e, se quiser, o ensina. Não tenho nenhuma objeção em que lhe leve isso, mas se decide fazê-lo depois já não poderá trocar de opinião... já estarão contigo. Vete sozinho.

—Era um conselho muito sensato.

O imperador disse: —Está bem. Irei sozinho, gravarei meu nome e voltarei a buscá-los.

O guardião disse: —Estou completamente de acordo.

O imperador foi e viu o monte Sumeru brilhando baixo milhares de sóis —porque o céu não pode ser tão pobre para ter só um sol— há milhares de sóis, e uma montanha dourada muito maior que o Himalaya... e o Himalaya tem quase três mil quilômetros de longitude! Não pôde abrir os olhos durante uns instantes porque lhe deslumbrava a luz. Depois começou a procurar um sítio, o sítio adequado, mas se surpreendeu porque não havia sítio, a montanha estava cheia de nomes gravados.

Não podia acreditar. Pela primeira vez se deu conta do que era. até agora tinha acreditado que era um super-homem dos que só nascem a cada milhares de anos. Mas o tempo existiu da eternidade; inclusive milhares de anos não têm importância, e houve muitos chakravartins. Não havia espaço na montanha maior de todo o universo para escrever seu pequeno nome.

Retornou, agora compreendeu que o guardião tinha razão quando lhe disse que não levasse a sua mulher, a sua comandante em chefe, a seu primeiro-ministro e outros amigos íntimos. Era melhor que não vissem esta situação. Seguiriam pensando que seu imperador era um ser excepcional.

Foi ao guardião e lhe disse: —Não havia espaço.

O guardião lhe respondeu: —Isso é o que te queria dizer. O que tem que fazer é apagar alguns nomes e depois escrever o teu. É o que se fez sempre, toda minha vida vi fazê-lo, meu pai estava acostumado a dizer que se fazia. O pai de meu pai... ninguém viu o Sumeru vazio, com espaço vazio.

»Sempre que chega um chakravartin tem que apagar vários nomes para escrever o seu. De modo que aqui não estão todos os chakravartins. apagaram-se nomes muitas vezes e se tornaram a gravar outros. Faz seu trabalho e se o quer ensinar a seus amigos, pode trazê-los.

O imperador lhe disse:—Não, não quero acostumar-lhe e nem sequer quero escrever meu nome. Que sentido tem? Algum dia chegará alguém e o apagará.

»Toda minha vida é um sinsentido absoluto. Esta era minha única esperança: que o monte Sumeru, a montanha dourada do céu, tivesse meu nome. vivi para isto, era meu

único interesse na vida; estava disposto a matar a todo mundo para consegui-lo. Agora qualquer pessoa pode apagar meu nome e escrever o seu. Que sentido tem escrevê-lo? Não vou fazer o. —O guardião riu—. por que te ri?—disse o imperador.

—É curioso —respondeu o guardião—, mas é quão mesmo tinha ouvido contar a meus avós: ao ver toda a história os chakravartins se vão escrever nada. Não é uma novidade, qualquer que tenha um pouco de inteligência faria o mesmo.

O que pode obter neste mundo? O que pode te levar contigo? Seu nome, seu prestígio, sua respeitabilidade? Seu dinheiro, seu poder... o que? Sua erudição? Não pode te levar nada. Terá que deixá-lo tudo aqui. E nesse momento compreenderá que tudo o que possuía não era teu; a mesma idéia de posse é errônea. As posses lhe corromperam.

Para aumentar suas posses —para ter mais dinheiro, mais poder, para conquistar mais terras— estava fazendo coisas que nem você pode dizer que estão bem. Estava mentindo, não foi honrado. Tinha centenas de caras. Não foi sincero com outros ou contigo mesmo nem um só instante; não podia sê-lo. Tinha que ser falso, mentir, fingir, porque estas são as coisas que lhe ajudam a triunfar no mundo. A autenticidade não te vai ajudar. A honradez não te vai ajudar. A sinceridade não vai ajudar.

Sem posses, sem êxito, sem fama, quem é? Não sabe. É seu nome, é sua fama, é seu prestígio, é seu poder. Mas, além disso, quem é? Suas posses se converteram em sua identidade. Dão-lhe um sentido de identidade falso. Isso é o ego.

O ego não é algo misterioso, é um fenômeno muito singelo. Não sabe quem é, e é impossível viver sem saber quem é. Se não saber quem sou, então o que estou fazendo aqui? Faça o que faça, deixará de ter sentido. O primeiro e primitivo é saber quem sou. Depois, talvez possa fazer algo de acordo com minha natureza, que me dê satisfação, que me leve a casa.

Mas se não saber quem sou e sigo fazendo coisas, como posso chegar aonde deveria ir minha natureza, aonde esta me conduz? estive indo daqui para lá mas nunca poderei dizer: «cheguei, este é o lugar que estava procurando.»

Não sabe quem é, precisa substituí-lo com outra identidade falsa. Suas posses lhe dão essa falsa identidade.

Chega ao mundo como um observador inocente. Todo mundo chega da mesma maneira, com consciência da mesma qualidade. Mas começa a tratar com o mundo dos adultos. Eles lhe podem dar muitas coisas; você só tem uma coisa para dar, e é sua integridade, seu amor próprio. Não tem muitas coisas, só uma, pode chamá-lo como quer: inocência, inteligência, autenticidade. Só tem uma coisa.

Naturalmente, ao menino lhe interessa muito tudo o que vê. Quer ter isto e aquilo; é parte da natureza humana. Se te fixar em um menino pequeno, inclusive em um recém-nascido, verá que suas mãos estão procurando às cegas; tentam encontrar algo. começou sua viagem.

Perderá-se nesta viagem, porque nesta vida não conseguirá nada sem pagar. Mas o pobre menino não sabe que o que está dando é tão valioso, que se ficasse todo mundo em um lado da balança, e no outro lado sua integridade, esta pesaria mais, teria mais valor. O menino não tem forma se soubesse. Este é o problema, porque tem o que tem, mas o dá por feito.

Lhes vou contar uma história que o esclarecerá:

Havia um homem rico, muito rico, que ao final era muito infeliz, o qual é resultado natural do êxito. Não há maior fracasso que o êxito. O êxito só tem importância se sua vida for um fracasso. Quando o alcança te dá conta de que todo mundo te enganou, toda a gente, a sociedade. Este homem tinha todas as riquezas mas não estava em paz consigo mesmo. Começou a procurar essa paz.

Isto é o que está acontecendo na América do Norte. Na América do Norte há mais pessoas que em nenhum outro lugar que procuram a paz mental. Na Índia nunca me encontrei com ninguém que procure a paz mental. Primeiro precisa ter paz no estômago, a paz mental está muito longe. A mente está a milhões de quilômetros do estômago.

Mas na América do Norte todo mundo busca a paz mental, e quando está procurando, encontra a gente que está lista para lhe dar isso. É uma lei básica da economia: onde há demanda há oferta. Não importa se necessitar ou não o que está pedindo. E a ninguém importa o que lhe vão proporcionar: se se tratar de uma publicidade falsa, uma propaganda, ou se realmente há algo substancial.

As pessoas ardilosas e chicoteadas, conhecendo este princípio básico —onde há demanda há oferta— deram um novo passo. Agora dizem: «Não faz falta esperar a que haja demanda, pode-a criar.» E este é a arte da publicidade: criar a demanda.

antes de ler um anúncio não tinha essa necessidade, nunca havia sentido essa necessidade. Mas, ao lê-lo, de repente sente: «meu deus, me estive perdendo isso. Sou tão parvo que nem sequer sabia que existia um pouco parecido.»

antes de começar a manufaturar algo, a produzir algo, inclusive vários anos antes —dois, três ou quatro anos se começa a anunciar o produto. Ainda não está no mercado, porque antes tem que chegar a demanda do produto à mente das pessoas. Quando houver uma necessidade, já estará preparado o fornecimento.

Bernard Shaw dizia que quando começou a escrever e publicou seu primeiro livro não havia demanda, é obvio, ninguém tinha ouvido falar do George Bernard Shaw. Então, como pode dizer «quero o livro do Bernard Shaw, a peça de teatro»? O que estava acostumado a fazer sempre era... publicava o livro, ele mesmo era o editor, punha o dinheiro, e depois ia de uma livraria a outra perguntando:

—Têm o livro do George Bernard Shaw?

—Bernard Shaw? —perguntavam—. Nunca lhe ouvimos mencionar.

—Que estranho —dizia ele— Tem uma livraria e alguma vez ouviste falar de um homem tão importante? Não está ao dia ou o que acontece? O primeiro que deveria fazer é conseguir o livro do George Bernard Shaw. —Só tinha publicado um livro mas anunciava vários, porque já que estava dando voltas, por que anunciar só um livro? E um livro não converte a um homem em um grande escritor.

vestia-se de forma diferente, às vezes levava um chapéu, às vezes levava óculos. A gente começou a ir a sua casa. Pela rua, perguntava-lhe às pessoas: —ouvistes falar... porque me falaram muito de um livro escrito por um tal George Bernard Shaw. A gente diz que está muito bem, que é fantástico. ouvistes algo?

—Não —lhe respondiam—, não ouvimos falar dele.

—É estranho —lhes dizia—. Acreditava que em Londres havia cultura. —Ia a livrarias e clubes, e a todos os sítios onde houvesse possibilidade de criar uma demanda. Vendeu seu livro —normalmente se dedicava a isso—, e finalmente se converteu em um dos grandes escritores de sua época. Tinha motivado a demanda.

Mas se trunfas não necessita que ninguém crie uma necessidade de paz mental. Se trunfas perderá a paz mental pelo caminho. Este é o curso natural. O êxito te tira toda essa paz mental. O êxito extrai todo o significativo da vida: a paz, o silêncio, a alegria, o amor. Vai tirando tudo. Ao final, suas mãos estão cheias de coisas inúteis, e se perde tudo o que tinha valor. E de repente, dá-te conta de que necessita paz mental.

Imediatamente, aparecem quem lhe pode subministrar isso, que não sabem nada da mente e não sabem nada da paz. Tenho lido um livro que se intitula Paz mental escrito por um rabino, Joshua Liebman. Tenho lido todo o livro, e este homem não sabe nada da paz nem da mente. Mas é um negociante. Fez um bom trabalho sem saber nada da paz ou da mente.

Seu livro é um dos mais vendidos, porque quem quer encontrar paz mental, cedo ou tarde, encontrará-se com o livro do Joshua Liebman. Está muito bem escrito. É um bom escritor, muito claro, extraordinário; influenciará-te. Mas, depois de ler este livro, sua paz mental seguirá estando tão longe como antes, ou inclusive mais.

De fato, se uma pessoa souber o que é a paz e o que é a mente, não poderia escrever um livro que se chamasse Paz mental, porque a mente é a origem da falta de paz, da inquietação. Quando não há mente há paz. Paz mental... esse produto não existe.

Se houver mente, então não há paz. Se houver paz, então não há mente. Mas se escrever um livro que se chame Paz da não—MENTE... não o vai comprar ninguém. estive considerando-o... mas acredito que ninguém vai comprar um livro que se chame Paz da não—MENTE. Não terá sentido para eles, embora seja a autêntica realidade.

Um menino não se dá conta de tudo o que leva consigo. Este homem rico estava na mesma situação. Tinha todas as riquezas do mundo, mas procurava a paz mental. Foi de um sábio a outro e todos lhe deram grandes conselhos, mas os conselhos não servem para nada.

De fato, só os parvos dão conselhos, e só os parvos escutam os conselhos. As pessoas soube são contrárias a dar conselhos porque evidentemente um homem sábio sabe que o único que se dá grátis no mundo são os conselhos, e ninguém os escuta, para que incomodar-se?

Um homem sábio primeiro te prepara para que possa escutar seu conselho. Não só te dá conselho, mas também te prepara. Pode custar anos preparar o terreno para semear a semente. que joga sementes em cima das pedras sem preocupar-se das gastar é tolo.

Todos estes sábios lhe deram conselhos mas não serve de nada. Finalmente, um homem ao que não lhe tinha perguntado e que não era nem muito menos famoso; ao contrário, acreditavam que era o parvo do povo... um dia lhe parou na estrada e lhe disse: —Está perdendo o tempo inutilmente, nenhum deles é sábio. Conheço-os perfeitamente mas como sou idiota ninguém me crie. Provavelmente, você tampouco me cria, mas conheço um sábio.

»Ao verte constantemente tão atormentado procurando a paz mental, pensei que seria melhor que te indicasse a pessoa adequada. Além disto sou idiota, ninguém me pede conselho e eu nunca lhe dou conselho a ninguém. Mas isto é muito, vejo-te tão triste e abatido que tive que romper meu silêncio. Vete a ver este homem no povo do lado.

O homem rico foi imediatamente montado em seu formoso cavalo com uma bolsa cheia de preciosos diamantes. Chegou e viu o homem: os sufies lhe conheciam como Amacio Nasruddin.

Perguntou-lhe a Amacie:

—Pode me ajudar a alcançar a paz mental?

Amacie disse:

—te ajudar? Eu lhe posso dar isso.

O homem rico pensou: —Que estranho, primeiro o idiota me sugeriu... e como estava tão desesperado pensei que não haveria nenhum perigo, por isso vim. Mas este parece ainda mais idiota, está dizendo: «Eu lhe posso dar isso.»

O homem rico disse: —Você me pode dar isso? estive com todo tipo de sábios, todos me deram conselhos: faz isto, faz o outro, tenha disciplina, exerce a caridade, ajuda aos pobres, constrói hospitais, isto e aquilo. Dizem todas estas coisas, e além as tenho feito, mas não serve de nada. Em realidade, tenho mais problemas. E você diz que me pode dar paz mental?

Amacie respondeu: —É muito singelo. Baixa lhe do cavalo. —O homem rico se desceu do cavalo. Estava sujeitando sua bolsa quando Amaciou lhe perguntou: —O que leva na bolsa apertado contra o coração?

—São preciosos diamantes —disse ele—, mas se me dá paz lhe darei isso. —antes de que se desse conta do que estava acontecendo, Amacie agarrou a bolsa e saiu correndo! O homem rico se sobressaltou durante um momento; nem sequer sabia o que fazer. Depois ficou a lhe perseguir. Mas se tratava do povo de Amacie, ele conhecia todas as ruas e os atalhos, e além disso estava correndo. O homem rico não tinha deslocado em toda sua vida e estava gordo... Gritava e soprava, e lhe caíam as lágrimas pelas bochechas. —Enganaram-me totalmente! Este homem me tirou o trabalho de toda minha vida, todas minhas economias; o levou tudo —disse.

Começou a lhe seguir uma multidão, e todos se estavam rendo. —São todos idiotas? Este povo está cheio de idiotas? —disse—. Estou completamente arruinado, e em vez de apanhar ao ladrão, estão lhes rendamos.

—Não é um ladrão, é um homem muito sábio —disseram.

O homem rico disse: —O idiota do povo é quem me colocou nesta confusão! —Mas, correndo e suando, perseguiu a Amacie. Amacie chegou à árvore sob o que ainda estava o cavalo. sentou-se sob a árvore com a bolsa, e o homem rico chegou gritando e chorando. Amacie disse: —Toma a bolsa. —O homem rico a apertou contra o coração. —O que sente? —disse-lhe Amacie—. Tem paz mental?

O homem rico disse: —Sim, sinto muita paz. É um homem estranho, e usa métodos estranhos.

—Não são métodos estranhos —disse Amacie—, é matemática pura. Começa a dar por sentido tudo o que tem. Só necessita que lhe dêem uma oportunidade de perdê-lo para que te dê conta imediatamente do que perdeste. Não ganhaste nada novo; é a mesma bolsa que tinha antes sem paz mental. Agora tem a mesma bolsa junto a seu coração e todo mundo pode ver quão tranqüilo está, um sábio perfeito! Vete a casa, e não se preocupe da gente.

Este é o problema do menino, porque chega cheio de inocência e está disposto a comprar algo em troca de sua inocência. Está disposto a comprar qualquer porcaria em troca de sua coragem. Está disposto a comprar brinquedos —e além de brinquedos, que mais há?— e a perder sua claridade. Só o entenderá quando tiver em seu poder todos esses brinquedos mas não lhe façam feliz, não seja um lucro, não lhe satisfaça. Então, dará-se conta do que perdeu; perdeu-se a si mesmo.

Em um mundo melhor, as famílias aprenderão dos meninos. Têm muita pressa por lhes ensinar. Aparentemente, ninguém aprende nada deles, mas lhes podem ensinar muitas coisas. E vós não têm nada que lhes ensinar.

Como é mais velho e tem mais poder, começa-os a converter em algo exatamente igual a você, sem te parar a pensar no que é, o que alcançaste, qual é seu status no mundo interior. É um mendigo, isso é o que quer para seu filho?

Mas ninguém pensa; se não, a gente aprenderia dos meninos. Os meninos contribuem com muitas costure do outro mundo porque estão recém chegados. Ainda levam consigo o silêncio do útero, o silêncio da existência em si.

RECORDA SEMPRE, CONFIA NO DESCONHECIDO. Conhecido-o é a mente. Desconhecido-o não pode ser a mente. Será outra coisa mas não a mente. O único seguro é que a mente é uma acumulação do conhecido. Por exemplo, se chegar a uma bifurcação no caminho e a mente diz, «vamos por aqui, soa-me familiar», isso é a mente. Se escutas a seu ser, querirá ir ao que não é familiar, ao desconhecido. O ser sempre é um aventureiro. A mente é muito ortodoxa, muito conservadora. Quer andar pelo caminho, pelo caminho trilhado uma e outra vez, o caminho de menor resistência. Escuta sempre ao desconhecido. E reúne valor para entrar no desconhecido.

É necessário ser muito corajoso para desenvolver seu destino, não terá que ter medo. As pessoas que estão cheias de medo não podem ir além do conhecido. Conhecido-o dá uma espécie de comodidade, segurança, confiança, porque o conhece. Está perfeitamente informado, sabe como abordá-lo. Pode estar quase dormido e seguir fazendo-o, não precisa estar acordado; é a vantagem que tem o conhecido.

Assim que atravessa a fronteira do conhecido surge o medo, porque agora estará na ignorância, não saberá o que deve fazer e que não. Não estará seguro de ti mesmo, poderá te equivocar; poderá te perder, Este medo é o que mantém às pessoas maniatada, e uma pessoa que está impossibilitada para o novo está morta.

Só se pode viver a vida perigosamente, não há outra forma de vivê-la. A vida só alcança a maturidade e o crescimento através do perigo. Tem que ser um aventureiro, sempre disposto a arriscar o conhecido pelo desconhecido. E assim que tenha provado a alegria que produz a liberdade e a ausência de medo, nunca te arrependerá, porque saberá o que significa viver ao máximo. Saberá o que significa queimar a tocha de sua vida pelos dois extremos. Um só instante dessa intensidade é mais lúcido que toda uma eternidade de vida medíocre.

Quando o novo chama a sua porta... abre-a!

O novo não é familiar Poderia ser um amigo ou um inimigo, quem sabe? E não há nenhuma forma se soubesse!

A única forma de sabê-lo é permiti-lo, por isso surge o temor, o medo.

O NOVO não vem de ti, vem do mais à frente. Não forma parte de ti. Está arriscando todo seu passado. Há uma discontinuidad entre o novo e você, por isso tem medo. viveste que uma maneira, pensaste que uma maneira, criaste uma vida cômoda ao redor de suas crenças. Então chama algo novo a sua porta. Agora o patrão de seu passado se verá perturbado. Se permitir que entre o novo nunca voltará a ser o mesmo, o novo te transformará.

É arriscado. Não sabe até onde pode chegar com o novo. O velho é conhecido, familiar; viveste com isso a muito tempo tempo, está familiarizado com isso. O novo não te resulta familiar. Pode ser um amigo ou um inimigo, quem sabe? E não há forma se soubesse! A única forma de sabê-lo é permiti-lo, por isso surge o temor, o medo.

Tampouco pode seguir rechaçando-o, porque o velho segue sem te dar o que buscas. O velho te promete, mas não cumpre sua promessa. O velho é conhecido mas miserável. O novo pode ser incômodo mas ao menos há uma possibilidade, pode-te proporcionar felicidade. De modo que não pode rechaçá-lo mas tampouco pode aceitá-lo; por isso vacila, tem medo e surge uma grande ansiedade em seu ser. É natural não passa nada estranho. Sempre foi assim e sempre será assim.

Tenta compreender a chegada do novo. Todo mundo quer voltar a ser novo, porque ninguém está satisfeito com o velho. Ninguém pode está-lo, porque seja o que seja, já o conhece. Assim que o conhece se volta repetitivo; assim que o conhece se volta aborrecido, monótono. Quer te liberar disso. Quer explorar, quer ter aventuras. Quer voltar a ser novo, mas, entretanto, quando o novo chama a sua porta acovarda, encolhe-te, esconde-te no velho. Este é o dilema.

Como volta a ser novo? Todo mundo quer ser novo. Precisa ter coragem, e não uma coragem ordinária; precisa ter uma coragem extraordinária. O mundo está cheio de covardes, por isso deixou que crescer a gente. Como vais crescer se for um covarde?

Quando tem uma oportunidade te acovarda, fecha os olhos. Como vais crescer? Como vais ser? Só finge ser.

Já que não pode crescer tem que encontrar crescimentos substitutos. Não pode crescer mas sua conta no banco sim, é um substituto. Não faz falta ter coragem, ajusta-se perfeitamente a sua covardia. Sua conta de banco segue crescendo e crie que está crescendo você. Volta-te mais respeitável. Seu nome e sua fama seguem crescendo e pensa que está crescendo? Só te está enganando. Você não é seu nome, você não é sua fama. Sua conta de banco não é seu ser. Mas se pensar no ser começa a tremer, porque para crescer tem que renunciar à covardia.

Como voltamos a ser novos? Não nos renovamos espontaneamente. A novidade vem do mais à frente, quer dizer, de Deus. A novidade vem da existência. A mente sempre é velha. A mente nunca é nova, é uma acumulação do passado. A novidade vem do mais à frente, é um presente de Deus. Vem do mais à frente e é do mais à frente.

Desconhecido-o e o incognoscível, o mais à frente, têm acesso a ti. Têm acesso a ti porque não está selado nem separado; não é uma ilha. Pode que te tenha esquecido do mais à frente, mas o mais à frente não se esqueceu de ti. O menino pode esquecer-se da mãe, mas a mãe não se esquece do menino. A parte pode começar a pensar: «Estou separada», mas a totalidade sabe que não está separado. A totalidade tem acesso a ti. Ainda está em contato contigo. Por isso, embora você não lhe dê a bem-vinda, o novo segue chegando. Chega de milhares de maneiras. Se tiver olhos para ver, dará-te conta que está chegando constantemente.

A existência te está enchendo de presentes, mas está ancorado a seu passado. Está em uma espécie de tumba. Tornaste-te insensível. Por culpa de sua covardia perdeste a sensibilidade. Ser sensível quer dizer que sente o novo, a emoção do novo; nascerá em ti uma paixão pelo novo e pela aventura, começará a entrar no desconhecido, sem saber aonde vai.

A mente acredita que isto é uma loucura. A mente acredita que não é racional abandonar o velho. Mas Deus sempre é o novo. Por isso, quando falas de Deus, não se pode usar o passado ou o presente. Não se pode dizer: «Deus era», nem se pode dizer: «Deus será. » Só se pode usar o presente: «Deus é». Sempre é novo, sempre é virgem. E tem acesso a ti.

Recorda, todo o novo que aparece em sua vida é uma mensagem de Deus. Se o aceita é religioso. Se o rechaça é irreligioso. Para aceitar o novo, para que o novo possa entrar, o homem precisa relaxar-se um pouco, abrir-se um pouco mais. Abre acontecer com Deus para que entre em ti.

Este é o significado de oração ou meditação... abre-te, diz-lhe sim, diz-lhe: «Entra.» Diz: «estive esperando a muito tempo e estou agradecido que tenha vindo. » Recebe sempre o novo com uma grande alegria. Embora às vezes te produza algum inconveniente, segue valendo a pena. Embora às vezes te meta em um fossa, segue valendo a pena, porque só se aprende através dos enganos, e só se cresce através das dificuldades. O novo suporta dificuldades. Por isso escolhe o velho, porque não tem dificuldades. É uma consolação, um refúgio.

Só o novo, aceito profunda e totalmente, pode te transformar. Não pode introduzir o novo a sua vida; o novo chega. Pode aceitá-lo ou rechaçá-lo. Se o rechaça será como uma pedra, fechada e morta. Se o aceitar te converte em uma flor, começa a te abrir... e nesse abrir-se há celebração.

Só te pode transformar a chegada do novo, não pode te transformar de nenhuma outra maneira. E tenha em conta que não tem nada que ver contigo nem com seus esforços. Mas não fazer nada não é deixar de atuar, a não ser atuar sem vontade, direção nem

impulso de seu passado. A busca do novo não pode ser uma busca corrente, posto que é novo, como pode buscá-lo? Não o conhece, nunca o viu. Procurar o novo é uma exploração aberta. Não sabe. Terá que começar de um estado de não saber, mover-se com a inocência de um menino, emocionado pelas possibilidades... e as possibilidades são infinitas.

Não pode fazer nada para criar o novo, porque tudo o que faça procede do velho, é do passado. Mas isso não quer dizer que tenha que deixar de atuar. É atuar sem vontade, sem direção nem impulso de seu passado. Atuar sem vontade, sem direção nem impulso de seu passado é atuar meditativamente. Atua espontaneamente. Deixa que o dita o momento.

Não imponha sua decisão, porque a decisão procede do passado e destruirá o novo. Atua espontaneamente, como um menino. te abandone absolutamente ao momento, e verá que cada dia se abrem novas coisas, nova luz, novas percepções. E essas percepções irão trocando. De repente, um dia te dará conta de que é novo em cada momento. Já não arrasta o velho, já não te envolve como se fosse uma nuvem. É como uma gota de rocio, jovem e fresca.

Este é o verdadeiro sentido de ressurreição. Se o entender te liberará da memória, quer dizer, da memória psicológica. A memória é uma coisa morta. A memória não é a verdade nem pode sê-lo, porque a verdade sempre está viva, a verdade é vida; a memória é a persistência do que já não existe. É viver em um mundo de fantasmas, mas nos contém, é nossa prisão. De fato, somos nós. A memória origina o problema, esse conjunto que recebe o nome de «Eu», o ego. Naturalmente, essa falsa entidade chamada «Eu» está constantemente atemorizada com a morte. Por isso tem medo ao novo.

Esse «eu» tem medo, mas você não. O ser não tem medo, mas o ego tem medo porque tem muito medo a morrer. É artificial, é arbitrário, foi construído. Pode desbaratar-se em qualquer momento. Quando entra o novo, surge o medo. O ego tem medo, pode desbaratar-se. conseguiu manter-se unido em uma só peça, e agora chega algo novo... que pode fazê-lo pedacinhos. Por isso não aceita o novo com alegria. O ego não pode aceitar com alegria sua própria morte, como vai aceitar com alegria sua morte?

Até que não compreenda que não é o eco, não será capaz de receber o novo. Quando te der conta de que o ego só é sua memória do passado e nada mais, que você não é sua memória, que a memória é como um biocomputador, uma máquina, um aparelho, é funcional mas você está por cima... Você é consciência e não memória. A memória está contida na consciência, mas você é a consciência mesma.

Por exemplo, vê alguém andar pela estrada. Recorda a cara mas não recorda seu nome. Se fosse a memória deveria te lembrar também do nome. Mas diz: «Reconheço essa cara mas não recordo o nome. » Então, começa a procurar em sua memória, entra em sua memória, olha por este lado e por aquele outro e, de repente, aparece o nome e diz: «Sim, esse é o nome. » A memória é seu registro. Você é o que olhe no registro, não é a memória mesma.

Quando está muito tenso tentando recordar algo, com frequência se volta difícil, porque a mesma tensão e esforço de seu ser não lhe permite à memória te dar a informação. Esforça-te por recordar o nome de alguém mas não te sai, embora diga que o tem na ponta da língua. Sabe que sabe, mas segue sem recordar o nome.

Isto é estranho. Se você for a memória, quem te está impedindo de recordá-lo e como é que não te sai? E quem é o que diz: «Sei, mas não me sai»? quanto mais o tenta recordar mais difícil se volta. Depois, farto de tudo, vai ao jardim a dar um passeio e, de repente, olhando uma roseira, aparece, recorda-o.

Você não é sua memória. Você é consciência, a memória é o conteúdo. Mas a memória é a energia vital do ego. A memória, é obvio, é velha e tem medo do novo. O novo

poderia desestabilizá-la, poderia não assimilá-lo. O novo poderia causar problemas. Terá que trocar e voltar a te adaptar. Terá que te reajustar. Isso é complicado.

Para ser novo necessita desidentificar-te do ego. Quando te há desidentificado do ego já não te importa se estiver vivo ou morto. De fato, tanto se estiver vivo como se está morto, sabe que já está morto. Segue sendo um mecanismo. Utiliza-o mas que não te utilize. O ego tem medo à morte porque é inconsistente, por isso surge o temor. Não surge do ser; não pode surgir do ser, porque o ser é vida, como pode a vida ter medo à morte? A vida não sabe nada da morte. Surge do arbitrário, do artificial, surge do que se fabricou de algum modo, do falso, do fingido. E, entretanto, esse deixar-se ir, essa morte, é o que faz estar vivo ao homem. Morrer ao ego é nascer ao ser.

O novo é um mensageiro de Deus, é uma nova mensagem de Deus. É um Evangelho! Escuta o novo, te adapte ao novo. Sei que tem medo. Apesar de seu medo, te deixe levar pelo novo, sua vida se enriquecerá e um dia será capaz de difundir seu esplendor aprisionado.

PERDEMO-NOS MUITAS COISAS na vida porque não somos corajosos. Em realidade, não precisa fazer nenhum esforço para as alcançar —só ser corajoso— e as coisas lhe começam a chegar em lugar de ter que ir as buscar... pelo menos, no mundo interior é assim.

Para mim, o mais corajoso é ser ditoso. Ser infeliz é muito covarde. De fato, não necessita nada para ser infeliz. Até um covarde pode fazê-lo, até um idiota pode fazê-lo. Todo mundo é capaz de ser infeliz, mas para ser ditoso se precisa ter muita coragem, é uma árdua tarefa.

Normalmente, não pensamos assim, mas sim pensamos: «O que faz falta para ser feliz? Todo mundo quer ser feliz. » Isso é mentira. Digam o que digam, é muito estranho que uma pessoa queira ser feliz. É muito estranho que uma pessoa esteja preparada para ser feliz—, a gente investe muito em sua infelicidade. adoram ser infelizes... de fato, são felizes sendo infelizes.

Têm que entender muitas coisas, se não, é muito difícil sair-se DELsurco da miséria. O primeiro: ninguém te está mantendo aí; é você o que decidiu permanecer nessa prisão de miséria. Ninguém está retendo a ninguém. Quem está preparado para sair-se daí, poderá-o fazer neste momento. Ninguém é responsável. Você é o responsável por ser infeliz, mas uma infeliz nunca aceitará sua responsabilidade, e essa é a maneira de seguir sendo infeliz. Diz: «Alguém me está fazendo infeliz. »

Se alguém te está fazendo infeliz, naturalmente, o que pode fazer? Se te fizer infeliz a ti mesmo, pode fazer algo... pode fazer algo imediatamente. Está em suas mãos o ser infeliz ou não. Por isso, a gente segue lhe jogando a responsabilidade a outro, às vezes à mulher, às vezes ao marido, às vezes à família, às vezes ao condicionamento, à infância, à mãe, ao pai... às vezes à sociedade, à história, ao destino, a Deus, mas a jogam a alguém. Trocam os nomes mas o truque é o mesmo.

Um homem realmente se volta um homem quando aceita toda a responsabilidade, quando se faz responsável pelo que é. Este é a principal coragem, a maior coragem. É muito difícil aceitá-lo porque a mente segue dizendo: «Se for responsável, por que o cria?» Para evitá-lo, dizemos que outro é o responsável: «O que posso fazer? Sou impotente... sou uma vítima! Há forças superiores a mim que me sacodem de um lado a outro e não posso fazer nada. Como muito posso chorar porque sou infeliz, e ser mais infeliz porque choro. » E tudo aumenta... se praticar, aumenta. Então, cada vez está mais fundo... vai afundando cada vez mais.

Não há ninguém, não há nenhuma outra força que esteja fazendo nada. Só é você e nada mais que você. Esta é a filosofia do carma, que se trata de sua ação; «carma» significa

ação. Você o tem feito, e você o pode desfazer. Não tem por que esperar ou atrasá-lo. Não necessita tempo... dá um salto e salte daí!

Mas nos acostumamos. Se deixássemos de ser infelizes nos sentiríamos muito sozinhos, perderíamos a nosso companheiro mais próximo. converteu-se em nossa sombra, segue a todas partes. Quando não está com ninguém, pelo menos está com sua infelicidade, está casado com ela. E é um matrimônio muito comprido; estiveste casado com a infelicidade há muitas vidas.

Agora chegou o momento de te divorciar. Isso é o que chamo a maior coragem, te divorciar da infelicidade, perder o hábito mais velho da mente humana, o companheiro mais duradouro.

A coragem de amar

O medo não é mais que a ausência de amor. Faz as coisas com amor, te esqueça do medo. Se amas bem, desaparece o medo.

SE AMAS profundamente, não terá medo. O medo é uma negatividad, uma ausência. Terá que entender isto muito profundamente. Se não o conseguir, nunca será capaz de entender a natureza do medo. É como a escuridão. A escuridão realmente não existe, só é uma aparência. Em realidade, trata-se da ausência de luz. A luz existe; se tirar a luz há escuridão.

A escuridão não existe, não pode tirar a escuridão. Faça o que faça não poderá tirar a escuridão. Não pode trazê-la e não pode tirá-la. Se quer fazer algo com a escuridão, terá que fazer algo com a luz, porque só te pode relacionar com o que existe. Apaga a luz e haverá escuridão, acende a luz e deixará de haver escuridão, mas faz algo com a luz. Não pode fazer nada com a escuridão.

O medo é escuridão. É ausência de amor. Não pode fazer nada com isso, e quanto mais faça mais medo terá, porque te parecerá que é impossível. O problema se irá voltando cada vez mais complicado. Se lutas com a escuridão, esta te derrotará. Pode tirar uma espada e tentar matar a escuridão, mas só te esgotará. E finalmente, a mente pensará: «A escuridão é muito poderosa, por isso me derrota. »

Aqui é onde se equivoca a lógica. É absolutamente lógico: se tiver estado lutando com a escuridão mas não pudeste vencê-la, não pudeste destruí-la, é totalmente lógico que chegue à conclusão de que «a escuridão é muito poderosa. Sinto-me impotente frente a ela. Mas a realidade é exatamente o contrário. Você não é impotente, a escuridão é impotente. De fato, a escuridão não existe, por isso não pode vencê-la. Como pode vencer algo que não existe?

Não lute com o medo; se não, terá cada vez mais medo e entrará em seu ser um medo novo: o medo ao medo, que é muito perigoso. Em primeiro lugar, o medo é uma ausência, e em segundo lugar, o medo ao medo é o medo à ausência de ausência. converte-se em uma loucura!

O medo não é mais que a ausência de amor. Faz as coisas com amor, te esqueça do medo. Se amas bem, desaparece o medo. Sim ama profundamente, não há medo.

Quando te apaixona por alguém, embora só seja um instante, sente medo? Não se produziu em nenhuma relação: se duas pessoas estiverem profundamente apaixonadas e há um encontro, estão em harmonia, não pode haver medo. É como quando a luz está acesa e não há escuridão; esta é a chave professora: ama mais.

Se sentir que há medo em seu ser: ama mais. Sei corajoso no amor, tenha coragem. Sei aventureiro no amor, ama mais, ama incondicionalmente, porque quanto mais ama, menos medo tem.

Quando digo ama refiro às quatro etapas do amor, do sexo até o samadhi.

Ama profundamente.

Se em uma relação sexual, amas profundamente, desaparecerá de seu corpo grande parte do medo. Se seu corpo tremer de medo, é por medo ao sexo; não estiveste em uma relação sexual profunda. Treme-te o corpo, seu corpo não se encontra cômodo, em casa. Ama profundamente; o orgasmo sexual fará desaparecer todo o medo do corpo. Quando digo que fará desaparecer o medo, não quero dizer que te vás voltar corajoso, porque as pessoas corajosas só são covardes ao reverso. Quando digo que desaparecerá o medo quero dizer que não haverá nem covardia nem coragem. São as duas caras do medo.

Note em seus corajosos: dará-te conta de que no fundo têm medo, só se puseram uma armadura. A coragem não é ausência de medo a não ser medo protegido, medo bem defendido, armado.

Quando desaparece o medo te volta uma pessoa sem medo. Uma pessoa sem medo não provoca medo a outros, e não permite que ninguém lhe provoque medo.

O orgasmo sexual profundo lhe produz ao corpo uma sensação de bem-estar. O corpo sente uma sanación muito profunda porque se sente completo.

Depois, o segundo passo é o amor. Se puser condições com a mente não será capaz de amar, essas condições são obstáculos. Posto que o amor é benéfico, do que lhe servem as condições? É muito benéfico, é um grande bem-estar; ama incondicionalmente, não peça nada em troca. Se pode chegar a compreender que amando às pessoas terá menos medo, começará a amar pela alegria de fazê-lo!

Normalmente, a gente só ama quando se cumprem todas as condições. Dizem: «Se fosse assim, amaria-te. » Uma mãe lhe dirá ao menino: «Quererei-te se te leva bem. » Uma esposa dirá a seu marido: «Tem que ser assim, só então te poderei querer. » Todo mundo põe condições; o amor desaparece.

O amor é um céu infinito! Não pode obrigá-lo a estar encolhido, condicionado, limitado. Se deixar que entre ar fresco em uma habitação e depois a fecha a cal e canto —fecha todas as janelas e as portas—, logo o ar estará viciado. Sempre que surge o amor é um ato de liberdade; depois leva esse ar fresco a sua casa, mas se acaba viciando, sujando.

Este é um grande problema para toda a humanidade, sempre foi um problema. Quando te apaixona todo te parece belo porque, nesse momento, não está pondo condições. Duas pessoas se aproximam incondicionalmente. Quando se consolida a relação, quando dão por sentado que o outro está aí, começam a pôr condições: «Deveria ser deste modo, deveria te comportar de outro modo, só então te quererei», como se o amor fosse um negócio.

Se não amar partindo de um coração repleto de amor, está negociando. Quer obrigar à outra pessoa a fazer algo por ti, só assim lhe quererá; se não, trairá seu amor. Está usando o amor como um castigo ou uma imposição, mas não está amando. Está tentando recusar seu amor ou está tentando dá-lo, mas em ambos os casos o amor em si mesmo não é o fim, o fim é alguma outra questão.

Se for um marido e lhe traz presentes a sua esposa, ela estará contente, estará junto a ti, beijará-te; mas se não lhe traz nada há uma distância; não está junto a ti, não se aproxima. Quando faz isto esquece que o amor beneficia a ti, e não só a outros. Em primeiro lugar, o amor ajuda aos que amam. Em segundo lugar, ajuda aos que são amados.

A meu ver... a gente que vem para ver-me sempre me diz: «O outro não me quer. » Ninguém me diz: «Não quero ao outro. » Amar se converteu em uma exigência: «O outro não me ama. » te esqueça do outro! O amor é um belo fenômeno, se amas, você desfrutará.

quanto mais ama, mais lhe amarão. Quanto menos ama e mais exige que lhe amem, menos lhe amarão, fechará-te cada vez mais, confinado em seu ego. E te voltará suscetível: embora alguém se aproxime para te querer, terá medo, porque em todo amor existe a possibilidade de rechaçar, de recusar.

Ninguém te quer, este pensamento está profundamente enraizado em sua mente. Estará esse homem tentando trocar sua forma de pensar? Estará tentando te amar a ti? Deve ser falso, estará tentando te enganar? Deve ser um homem ardiloso, mentiroso. Protege-te. Não permite que ninguém te queira e não quer a outros. Surge o medo: está sozinho no mundo, muito sozinho, encontra-te sozinho, não está conectado.

Então, o que é o medo? O medo é uma sensação de desconexão com a existência. Permite que isto seja a definição de medo: o medo é um estado de desconexão com a existência. Deixaram-lhe sozinho, um menino só chorando em casa; o pai, a mãe e toda a família se foram ao cinema. O menino geme e chora no berço. Deixaram-lhe sozinho sem nenhum contato, sem ninguém que lhe proteja, sem ninguém que lhe console, sem ninguém que lhe queira; solidão, a sua redor vasta solidão. Este é o estado de medo.

Isto acontece porque lhe educam de tal forma que não permite que surja o amor. educou-se à humanidade para algo, menos para amar. Ensinaram-nos a matar. Há exércitos que se adestram durante anos para matar! Ensinaram-nos a calcular: há colégios, universidades, largos anos de aprendizagem só para calcular, de modo que ninguém te possa enganar e você possa enganar a outros. Mas em nenhum sítio lhe dão uma oportunidade para te permitir amar, e amar em liberdade.

De fato, não só é isso, mas também além disso a sociedade põe travas a qualquer intento de amor. Os pais não querem que seus filhos se apaixonem. A nenhum pai gosta, a nenhuma mãe gosta; digam o que digam, a nenhum pai e a nenhuma mãe gosta que seus filhos se apaixonem. Gostam dos matrimônios consertados.

por que? Porque assim que um homem jovem se apaixona por uma mulher ou uma menina, separa-se da família; cria uma nova família, sua própria família. É obvio, está contra sua antiga família, é rebelde, diz: «Agora vou, vou criar meu próprio lar. » E escolhe a sua mulher; o pai não tem nada que ver com isto, a mãe não tem nada que ver com isto, ficaram-se a um lado.

Não, gostariam de arrumá-lo : «Cria um lar, mas vamos lembrar o nós para poder ter direito a tomar decisões. E não te apaixone, porque quando te apaixona, o amor se converte em todo mundo. » Se for um matrimônio consertado só se trata de um trâmite social, não está apaixonado, sua mulher não é sua vida, seu marido não é sua vida. Sempre que continuar o matrimônio consertado, continuará a família. E quando aparece o matrimônio por amor, desaparece a família.

No Ocidente está desaparecendo a família. Agora pode entender o sentido do matrimônio consertado: a família quer seguir existindo. Não importa se destroem a ti, não importa se destruírem a possibilidade de amar; tem que ser sacrificado em nome da família. Se se consertar um matrimônio haverá uma união de famílias. Em um matrimônio consertado uma família pode ter cem membros. Mas se um menino ou uma menina se apaixonam, então se convertem em um mundo em si mesmos. Querem estar sozinhos, ter privacidade. Não querem ter a cem pessoas ao redor: tios e tios dos tios, primos dos primos... não querem todo esse alvoroço; gostariam de ter seu próprio mundo privado. Tudo isto é um inconveniente.

A família está contra o amor. Terá ouvido dizer que a família é a origem do amor, mas eu te digo que a família está contra o amor. A família existe obrigado a que matou o amor, não permitiu que exista.

A sociedade não permite amar porque uma pessoa que está profundamente apaixonada não permitirá que lhe manipulem. Não poderão lhe enviar a uma guerra porque dirá: «Estou muito feliz onde estou! por que me enviam ?por que tenho que matar a estranhos que possivelmente são felizes em suas casas? Não temos nenhum conflito, nenhum choque de interesses...”

Se a nova geração vai aprofundando mais no amor desaparecerão as guerras, porque não haverá muitos loucos para ir à guerra. Se amas experimentar algo da vida, e não quererá guerras nem matanças. Quando não ama não experimenta nada da vida; amas a morte.

O medo mata, quer matar. O medo é destrutivo, o amor é uma energia criativa. Quando ama quer criar, você gostaria de cantar uma canção, pintar ou fazer poesia, mas você não gostaria de te armar com uma baioneta ou uma bomba atômica para sair correndo a matar a absolutos desconhecidos que não têm feito nada, que lhe são tão desconhecidos como você a eles.

Só desaparecerão as guerras quando voltar a haver amor no mundo. Os políticos não querem que ame, a sociedade não quer que ame, a família não te permite amar. Querem controlar sua energia de amor porque é a única energia que existe. Por isso existe o medo.

Se me entender, abandona todos os medos e ama mais, ama incondicionalmente. Não cria que quando ama está fazendo algo por outros; está-o fazendo por ti mesmo. Quando ama, beneficia-te. Não espere, não diga que amará quando amarem outros, não é absolutamente a questão.

Sei egoísta. O amor é egoísta. Ama, dará-te satisfação, por meio disso cada vez terá mais bênçãos.

Quando o amor aprofunda desaparece o medo, o amor é a luz, o medo é a escuridão.

Depois há outra etapa no amor: a oração. As Igrejas, as religiões, as seitas organizadas... ensinam-lhe a rezar. Mas, de fato, lhe impedem de rezar porque a oração é um fenômeno espontâneo, não se pode ensinar. Se lhe ensinaram a rezar em sua infância, lhe impediram de ter uma formosa experiência. A oração é um fenômeno espontâneo.

Lhes vou contar uma história que eu adoro. Leão Tolstoi escreveu um conto: em certo lugar da Rússia havia um lago que se fez famoso porque havia três Santos. Milhares de pessoas viajavam até o lago para ver esses três Santos.

O supremo sacerdote do país se assustou. O que está passando? Nunca tinha ouvido falar desses «Santos» e a igreja não os tinha reconhecido; quem os tinha canonizado? O cristianismo esteve fazendo uma das coisas mais ridículas: dar certificados que dizem: «Este homem é um santo. » Como se um homem fora santo só por ter um certificado!

Mas a gente estava enlouquecida, chegavam muitas notícias de que faziam milagres, assim que o sacerdote teve que ir ver como estava a situação. Foi em um navio até a ilha onde viviam todos esses pobres; não eram mais que pobres, mas eram muito felizes porque só existe uma classe de pobreza, e é a pobreza do coração que não pode amar. Eles eram pobres mas eram ricos, eram as pessoas mais ricas que possa haver.

Estavam felizes sentados debaixo de uma árvore, rendo, divertindo-se e desfrutando. Ao ver o sacerdote se inclinaram, e o sacerdote disse: —O que estão fazendo aí? Há rumores de que são grandes Santos. Sabem rezar?

Ao ver essas três pessoas o sacerdote se deu conta imediatamente de que eram analfabetos, um pouco idiotas, felizes mas tolos.

Eles se olharam e disseram: —Sentimo-lo, senhor, mas como somos ignorantes não sabemos a oração autorizada pela Igreja. Mas inventamos nossa própria oração, está feita em casa. Se não se ofender a podemos ensinar.

O sacerdote disse: —De acordo, me ensinem sua oração.

—pensamos muito —disseram—, embora não somos grandes pensadores, somos brutos, somos camponeses ignorantes. Então decidimos fazer uma oração singela. No cristianismo Deus é uma Trindade, três pessoas: Deus Pai, o Filho e o Espírito Santo. Nós também somos três. De modo que fizemos esta oração: «Vós são três, nós somos três, tenham piedade de nós. » Esta é nossa oração: «Somos três, vós são três, tenham piedade de nós. »

O sacerdote estava muito zangado, quase encolerizado.

—Que tolice! —disse—. Nunca tinha ouvido uma oração como esta. acabou-se! Assim não podem ser Santos. São estúpidos.

prostraram-se a seus pés e disseram: —Insígnia nos a verdadeira oração, a autêntica.

Ele lhes deu a versão autorizada da oração da Igreja ortodoxa russa. Era larga, complicada; havia palavras difíceis, grandilocuentes. Os três Santos se olharam, parecia-lhes impossível, a porta do céu estava fechada para eles.

—Por favor —disseram—, volte a repeti-la porque é muito larga, e nós somos incultos.

—Voltou-a a repetir—. Outra vez, senhor —disseram—, porque nos vai esquecer e a diremos mau. De modo que a voltou a repetir. Eles lhe deram as obrigado de todo coração e ele se sentiu muito bem por ter feito uma boa obra, devolvendo a esses três idiotas à Igreja.

foi em seu navio. No meio do lago não podia acreditar o que estava vendo... os três homens, os três idiotas vinham correndo por cima da água! —Espere... —disseram— nos tornou a esquecer!

Isto é incrível! O sacerdote caiu a seus pés e lhes disse: —me perdoem. Sigam rezando sua oração.

A terceira energia do amor é a oração. As religiões e as Igrejas organizadas a destruíram. Eles deram orações pré-fabricadas. A oração é um sentimento espontâneo. Quando rezar, te lembre desta história. Deixa que sua oração seja um fenômeno espontâneo. Se nem sequer sua oração for espontânea, então que mais pode ser espontâneo? Se tiver que ser pré-fabricado inclusive com Deus, quando vais ser autêntico, sincero e natural?

Dava as coisas que você gostaria de dizer. Fala com Deus como se falasse com um amigo muito sábio. Não o converta em algo formal. Uma relação formal não é uma relação absolutamente. Também te tornaste formal com Deus? Não tem espontaneidade. Incorpora o amor a sua oração. Então poderá dizer algo! É formoso, é um diálogo com o universo.

Mas te deste conta? Quando realmente é espontâneo, a gente acredita que está louco. Se puser a falar com uma árvore, uma flor ou uma rosa, a gente pensará que está louco. Se for a uma igreja e te põe a falar com a cruz ou com uma imagem, ninguém pensará que está louco acreditarão que é muito piedoso. Está falando com uma pedra no templo e todo mundo acredita que é piedoso, porque esta é a forma autorizada.

Se falas com uma rosa que está muito mais viva que qualquer imagem de pedra, que é muito mais divina que qualquer imagem de pedra... Se falas com uma árvore que está muito mais enraizado em Deus que qualquer cruz, porque a cruz não tem raízes, está morta... por isso arbusto... Uma árvore está viva, tem raízes que baixam às profundidades da terra, tem ramos que sulcam os céus, está conectado com a totalidade, com os raios do sol, com as estrelas; fala com as árvores! Esse pode ser um ponto de contato com o divino.

Mas se falas assim, a gente pensará que está louco. Tomam a espontaneidade por loucura. Acreditam que as formalidades são sões. E a realidade é justo o contrário. Se entrar em um templo e repete uma oração de cor é tolo. Tenha uma conversação de coração a coração! A oração é formosa, através dela começará a florescer.

A oração é estar apaixonado, apaixonar-se pela totalidade. Às vezes te zanga com alguém e não lhe fala; isso é formoso! «Não vou voltar a falar contigo, já está bem, não me escutaste!», Diz. É um belo gesto, não está morto. Às vezes deixa totalmente de rezar, porque reza mas Deus não te escuta. trata-se de uma relação em que está muito comprometido, zanga-te. Às vezes se sente muito bem, está agradecido, dá as obrigado; às vezes te desanima.

Mas deixa que seja uma relação viva. Então, será uma oração sincera. Repetir todos os dias— o mesmo como se fosse um gramofone, não é rezar.

Contaram-me que havia um advogado que era muito calculador. Todas as noites se deitava na cama, olhava ao céu, dizia: «Ditto. Igual aos outros dias», e dormia. Só rezou uma vez —a única vez de sua vida— e depois: «Ditto. » Era lícito fazê-lo, do que serve voltar a repeti-lo outra vez? É o mesmo dizer «ditto» que voltar a repeti-lo.

A oração deveria ser uma experiência viva, um diálogo de coração a coração. E se for de coração, logo sentirá que não só está falando, mas também a resposta está aí. Então, a oração alcançou sua maturidade. Quando sente a resposta, quando sente que não está falando você sozinho —se for um monólogo segue sem ser uma oração—, então se converte em um diálogo. Não só fala, mas também escutas.

E toda a existência está preparada para te responder. Quando seu coração se abre, a totalidade te responde.

Não há nada mais belo que a oração. Nenhum amor pode ser tão belo como a oração. Do mesmo modo que o sexo não pode ser mais belo que o amor, o amor não pode ser mais belo que a oração.

Mas depois está a quarta etapa, que chamo meditação. Aqui cessa também o diálogo. Dialoga em silêncio. As palavras desaparecem porque, quando o coração está cheio, não pode falar. Quando o coração está transbordando, o único meio que temos é o silêncio. Já não há um «outro. É um com o universo. Não diz nada nem escutas nada. Estas com a unidade, com o universo, com a totalidade. Unidade... isso é meditação.

Estas são as quatro etapas do amor, e em cada etapa desaparecerá um medo. Se o sexo tiver lugar de uma forma formosa desaparecerá o medo ao corpo. O corpo não estará neurótico. Normalmente —observei milhares de corpos—, os corpos estão neuróticos, loucos. Não estão satisfeitos, não estão em casa.

1 Se houver amor, o medo desaparecerá da mente. Viverá uma vida de liberdade, comodidade, bem-estar. Não haverá medos, não haverá pesadelos.

Se surgir a oração, o medo desaparece completamente, porque ao rezar te volta um, começa a te sentir profundamente relacionado com a totalidade. O medo desaparece do espírito; se reza desaparece o medo à morte, mas não antes.

E se medita desaparecerá inclusive a ausência de medo. O medo desaparece, a ausência de medo desaparece. Não fica nada. Ou, só fica um nada. Uma imensa pureza, virgindade e inocência.

NÃO É UMA RELAÇÃO, A NÃO SER UM ESTADO

O amor não é uma relação. O amor é um estado; não tem nada que ver com ninguém mais. Um não se apaixonou, a gente é amor. É obvio, se for amor está apaixonado, mas esse é o resultado, a consequência, mas não a origem. A origem é que é amor.

Quem pode ser amor? Evidentemente, se não ser consciente de quem é, não poderá ser amor. Será medo. O medo é exatamente o contrário do amor. Recorda que o ódio não é o contrário do amor, como a gente pensa. O ódio é amor ao reverso, não é o contrário do amor. O contrário do amor realmente é o medo. Com o amor te expande, com o medo te encolhe. Com o medo te fecha, com o amor te abre. Com o medo duvida, com o amor confia. Com o medo fica em solidão. Com o amor desaparece; desvanece-se a questão

da solidão. Se não existir, como te pode sentir sozinho? Então, estas árvores, os pássaros, as nuvens, o sol e as estrelas estão dentro de ti. O amor é quando conhece seu céu interno.

Os meninos não têm medo; os meninos nascem sem medo. Se a sociedade pode lhes ajudar e lhes apoiar para que permaneçam sem medo, se lhes ajudar a subir às árvores e às montanhas, e a nadar no mar e os rios —se a sociedade pode lhes ajudar com todos seus meios a ser aventureiros, aventureiros do desconhecido, e se a sociedade pode provocar uma busca em vez de lhes dar crenças mortas então, os meninos se voltarão grandes amantes, amantes da vida. Esta é a verdadeira religião. Não há maior religião que o amor.

Medita, dança, canta e aprofunda mais em ti mesmo. Escuta aos pássaros mais atentamente. Olhe as flores com assombro, com admiração. Não te volte erudito, não etiquete as coisas. Isso é a erudição, a maravilhosa arte de etiquetá-lo tudo, catalogá-lo tudo. Conhece gente, te mescle com a gente, com toda a gente que possa, porque cada pessoa expressa uma faceta de Deus distinta. Aprende das pessoas. Não tenha medo, a existência não é seu inimigo. A existência te cuida, a existência está disposta a te apoiar de todas as formas possíveis. Confia e começará a sentir um considerável aumento de energia. Essa energia é amor. Essa energia quer benzer a toda a existência, porque quando está nessa energia se sente bento. E quando um se sente bento, o que outra coisa pode fazer a não ser benzer a toda a existência?

O amor é um profundo desejo de benzer a toda a existência.

ESTE BOLO ESTÁ DELICIOSO!

O amor é muito estranho. Conhecer uma pessoa centrada é atravessar uma revolução, porque se quer conhecer uma pessoa centrada também terá que lhe permitir que alcance seu centro. Terá que te voltar vulnerável, absolutamente vulnerável, aberto.

É arriscado. Lhe permitir a alguém chegar a seu centro é arriscado, é perigoso, porque nunca sabe o que vai fazer essa pessoa. E uma vez que desvelou todos seus segredos, que encontrou todos seus esconderijos, que está completamente exposto, não sabe o que fará a outra pessoa. Tem medo. Por isso não te abre nunca.

Só há um vínculo e já acreditam que é amor. encontram-se nossas periferias, e acreditam que nos encontramos. Não é sua periferia. Em realidade, a periferia é o limite onde termina, é sua cerca. Mas não é você! A periferia é o lugar onde você termina e começa o mundo.

Inclusive os maridos e mulheres que viveram juntos há muitos anos podem ter nada mais que um vínculo. Talvez não se conheçam. E quanto mais vive com alguém, mais se esquece absolutamente de que os centros seguem sendo uns desconhecidos.

O primeiro que terá que entender é que não se pode confundir o amor com um vínculo. Pode fazer o amor, pode ter relações sexuais, mas o sexo também é periférico. A menos que se encontrem os centros, o sexo não será mais que o encontro de dois corpos. E o encontro de dois corpos não é seu encontro. O sexo segue sendo um vínculo, físico, corporal, mas só é um vínculo. Só pode permitir que alguém chegue até seu centro quando não tem medo, quando não está assustado.

Há duas formas de viver: orientado para o medo ou orientado para o amor. Uma vida orientada para o medo não pode te conduzir a uma relação profunda. Está assustado e outros não podem entrar, não podem chegar até seu centro mais profundo. Permite-lhes entrar até certo ponto, mas depois se interpõe uma parede.

Uma pessoa orientada para o amor é alguém que não tem medo ao futuro, alguém que não tem medo dos resultados e as conseqüências, que vive aqui e agora. Não se

preocupe pelos resultados, isso é a mente orientada para o medo. Ao fazer algo não pense no que vai acontecer. Estate presente e atua com totalidade. Não calcule. Uma pessoa orientada por volta do medo sempre está calculando, planejando, compondo, protegendo-se. Deste modo esbanja toda a vida. ouvi contar uma história de um monge zen:

Estava em seu leito de morte. Tinha chegado seu último dia e anunciou que essa noite deixaria de existir. Seus seguidores, seus discípulos e seus amigos começaram a chegar. Havia muita gente que lhe queria, e todos foram; chegavam desde lugares longínquos. Quando um de seus discípulos ouviu que o professor ia se morrer, foi correndo até o mercado. Alguém lhe perguntou: —O professor se está morrendo em sua cabana, por que vai ao mercado?

O velho discípulo lhe disse: —A meu professor gosta de um tipo de bolo determinado, vou comprar a El maestro dijo: —Nunca tiemblo porque no tengo miedo. Mi cuerpo se ha hecho viejo pero yo sigo siendo joven, y seguiré siendo joven cuando este cuerpo se haya ido.

Custou-lhe muito encontrar o bolo, mas ao entardecer o conseguiu. Voltou correndo com o bolo.

Todo mundo estava preocupado, parecia que o professor estivesse esperando a alguém. Abria os olhos, olhava, e os voltava a fechar. Quando chegou seu discípulo lhe disse: —Muito bem, assim vieste. E onde está o bolo—, —O discípulo tirou o bolo e estava feliz de que o professor a tivesse pedido.

Morrendo, o professor levantou o bolo com as mãos... mas a mão não estava tremendo. Era muito velho, mas não te tremia a mão. Alguém lhe perguntou: —É muito maior e está a ponto de morrer. Logo te abandonará o último fôlego, entretanto, não te treme a mão.

O professor disse: —Nunca tremo porque não tenho medo. Meu corpo se feito velho mas eu sigo sendo jovem, e seguirei sendo jovem quando este corpo se foi.

Então lhe deu uma dentada e começou a mastigar o bolo. De repente, alguém lhe perguntou: —Qual é a última mensagem, professor? Logo nos deixará. O que quer que recordemos?

O professor sorriu e disse: —Ah, este bolo está delicioso.

Esta é uma pessoa que vive aqui e agora. Este bolo está delicioso. Até a morte carece de relevância. O momento seguinte é insignificante. Neste momento o bolo está delicioso. Se pode estar no momento, no momento presente, atual, plenamente, então poderá amar. O amor é uma flor especial. Só floresce algumas vezes. Há milhões e milhões de pessoas que vivem com uma falsa atitude de amor. Acreditam que amam, mas só é uma crença.

O amor é uma estranha flor. Acontece às vezes. É estranha porque só pode existir quando não há medo, e não de outra forma. Isso quer dizer que o amor só lhe pode acontecer a uma pessoa profundamente espiritual, religiosa. O sexo é possível para todo mundo. Os vínculos são possíveis para todo mundo. O amor não.

Quando não tem medo não há nada que esconder, pode estar aberto, pode retirar as barreiras. E depois pode lhe convidar ao outro a entrar até seu centro mais profundo.

Recorda, se permitir a alguém que te penetre profundamente, o outro também permitirá que lhe penetre, porque se lhe permite penetrar a alguém, surge a confiança. Quando você não tem medo, outros não têm medo.

Em seu amor sempre há medo. O marido tem medo da esposa, a esposa tem medo do marido. Os amantes sempre têm medo. Isso não é amor. Só é um acordo entre duas

peessoas medrosas que dependem um do outro, brigam, exploram, manipulam, controlam, dominam, possuem, mas não é amor.

Se pode conseguir que haja amor, a oração não será necessária, a meditação não será necessária, as Igrejas nem templos não serão necessários. Se pode amar poderá te esquecer de Deus completamente, porque por meio do amor te acontecerá tudo: a meditação, Deus, acontecerá-te tudo. Isso é o que quer dizer Jesus quando diz que o amor é Deus.

Mas o amor é difícil. Primeiro tem que perder o medo. E isto é o estranho: tem muito medo mas não tem nada que perder.

O místico Kabir disse uma vez: «Miro às pessoas... têm tanto medo embora não sei por que, porque não têm nada que perder. É como alguém que está nu e não se banha no rio porque tem medo: ;Onde secará a roupa?» Esta é a situação em que lhes encontram; estão nus, sem roupa, mas sempre lhes estão preocupando da roupa.

O que vais perder? Nada. A morte se levará este corpo; antes de que o leve a morte, entregá-lo ao amor. Será despojado de tudo o que tem; antes de ficar sem isso, por que não o compartilha? Esta é a única forma de possuir algo. Se pode compartilhar e dar, é um professor. vais ficar te sem isso, não há nada que possa ter para sempre. A morte o destruirá tudo.

Se me compreender corretamente, a luta é entre a morte e o amor. Se pode dar, não morrerá. antes de ser despojado de nada, já o terá dado, terá-o agradável. Não morrerá.

A morte não existe para o que ama. Para o que não ama, cada momento é uma morte, porque em cada momento lhe estão arrebatando algo. Desaparece o corpo, está-o perdendo com cada momento. Logo chegará a morte e o aniquilará tudo.

Do que tem medo? *por que tem tanto medo? Embora se saiba tudo sobre ti e seja como um livro aberto, por que ter medo? No que te pode prejudicar? São falsos conceitos, condicionamentos que põe a sociedade: tem que te esconder, tem que te proteger, tem que estar constantemente com um sentimento de luta, todo mundo é seu inimigo, todo mundo está contra ti.

Ninguém está contra ti! Embora sinta que outros estão contra ti, não o estão, porque todo mundo se preocupa de si mesmo, e não de ti. Não há nada que temer. Para que possa haver uma verdadeira relação terá que dar-se conta disto. Não há nada que temer. Medita sobre isto. E depois permite que o outro entre dentro de ti, lhe convide a entrar. Não ponha obstáculos; te volte uma passagem aberta, sem fechaduras, sem portas, sem portas fechadas. Então será possível o amor.

Quando se unem dois centros, há amor. O amor é um fenômeno de alquimia, do mesmo modo que a união do hidrogênio e o oxigênio produz algo novo, a água. Pode ter hidrogênio e pode ter oxigênio, mas se tiver sede não lhe servirão para nada. Pode ter todo o oxigênio que queira e todo o hidrogênio que queira, mas não lhe tirarão a sede.

Quando dois centros se unem, cria-se algo novo. Essa coisa nova é o amor. E é igual à água, tira-te a sede de muitas, muitas vidas. De repente, encontra-te satisfeito. É o signo visível do amor: está satisfeito, como se tivesse alcançado algo. Já não há nada que alcançar, alcançaste sua meta. Não há outra meta além desta, seu destino se realizou. A semente se converteu em uma flor, chegou seu máximo florescimento.

A profunda satisfação é o signo visível do amor. Quando alguém está apaixonado, está muito satisfeito. O amor não se pode ver, mas sim a alegria, a profunda satisfação que lhe envolve... até sua respiração, seus movimentos, todo seu ser estão felizes.

Assombrará-te quando te digo que com o amor desaparecem os desejos; os desejos surgem quando está insatisfeito. Desejas porque não tem. Desejas porque crie que se tiver algo, isso te dará satisfação. O desejo surge da insatisfação.

Quando há amor, quando se unem, dissolvem-se e se fundem os dois centros, e quando aparece uma nova qualidade alquímica, há satisfação. É como se se detivera toda a existência, não se movesse. O momento presente é o único momento que existe. Então, pode dizer: «Ah, este bolo está delicioso.» Para o homem apaixonado nem sequer tem sentido a morte.

UM MUNDO SEM FRONTEIRAS

O amor é abrir-se a um mundo sem fronteiras, um mundo que não termina em nenhuma parte. O amor começa mas não acaba; tem princípio mas não tem fim.

Recorda uma coisa: normalmente, a mente interfere e não lhe deixa ao amor sua infinidade e seu espaço. Se realmente amar a uma pessoa, lhe dê espaço infinito. Seu próprio ser é um espaço para que possa crescer, com o que pode crescer. A mente interfere e tenta possuir à pessoa, então destrói o amor. A mente é muito avara, a mente é avareza. A mente é muito venenosa. Se alguém quer entrar no mundo do amor, terá que renunciar à mente. Terá que viver sem que interfira a mente. A mente está bem em seu sítio. É necessária para estar na rua, mas não para o amor. É necessária para fazer um pressuposto, mas não para ir ao espaço interior. É necessária para as matemática; mas se houver meditação não a necessita. A mente tem sua utilidade, mas é uma utilidade para o mundo exterior. Para o mundo interior é absolutamente irrelevante. te volte cada vez mais amoroso... incondicionalmente amoroso. te volte amor. te volte uma abertura... te volte amoroso.

Os pássaros e as árvores, a terra e as estrelas, os homens e as mulheres... todo mundo o compreende. Negro e branco, só há um idioma, e é o idioma do universo: esse idioma é o amor. te volte esse idioma. E quando houver te tornado amor, abrirá-se ante ti um mundo totalmente novo e sem fronteiras.

Recorda que a mente é a responsável por que a gente esteja fechada. A mente tem muito medo de abrir-se, porque, basicamente, existe graças ao medo. Quanto menos medo tem uma pessoa, menos usa sua mente. quanto mais covarde é uma pessoa, mais usa sua mente.

Possivelmente tenha observado que quando tem medo, quando há ansiedade, quando há algo que se preocupa, a mente aparece em primeiro plano. Quando está preocupado, a mente está muito presente. Quando não está preocupado, a mente não está tão presente. Quando tudo vai bem e não tem medo, a mente fica atrás. Quando as coisas não vão bem, a mente dá um salto e se coloca diante de ti, converte-se no líder. Quando há perigo se converte no líder. A mente é como os políticos. Adolf Hitler escreveu em sua autobiografia, Mein Kampf, que se quer conservar a liderança, sempre terá que ter ao país atemorizado.

Atemorizado com que o vizinho lhe vá atacar, de que há outros países que estão urdindo um ataque, preparando um ataque; tem que propagar rumores. Não permita que a gente esteja tranqüila, porque quando estão tranqüilos não lhes interessam os políticos. Quando a gente está realmente tranqüila, os políticos não têm nenhum sentido. Mantém às pessoas assustada, e assim o político terá muito poder.

Sempre que há uma guerra, cobra importância o político. Churchill ou Hitler, Stalin ou Mao, são produtos da guerra. Se não tivesse havido uma Segunda guerra mundial não teriam existido Winston Churchill, nem Hitler nem Stalin. A guerra provoca situações, dá-lhe oportunidade a algumas pessoas de dominar e converter-se em líderes. A política da mente é exatamente igual.

A meditação não é mais que criar uma situação em que a mente cada vez possa fazer menos coisas. É tão corajoso, tão amoroso, tão pacífico, está tão satisfeito com algo que

acontece que a mente não pode dizer nada. Pouco a pouco, a mente se vai ficando atrás e se vai distanciando mais.

Chega um dia em que a mente se esfuma, então te volta o universo. Já não está encerrado em seu corpo, já não está limitado, é espaço puro. Deus é assim. Deus é espaço puro.

O amor é o caminho para esse espaço puro. O amor é o meio e Deus é o fim.

AS PESSOAS QUE TÊM MEDO SÃO CAPAZES DE DAR IMENSO AMOR. O Medo é um aspecto negativo do amor. Se não permitir que flua o amor, converterá-se em medo. Se permitir que flua, o medo desaparecerá. Por isso, só deixa de haver medo nos momentos nos que há amor. Se quiser a alguém, de repente, desaparece o medo. Os amantes são quão únicos não têm medo; nem sequer lhes preocupa a morte. Só os amantes podem morrer com enorme silêncio e sem medo.

Sempre acontece: quanto mais quer, mais medo tem. Por isso as mulheres têm mais medo que os homens, porque têm mais capacidade para o amor. Neste mundo tem poucas possibilidades de que seu amor seja uma realidade, de modo que fica rondando a seu redor. E se fica rondando em potência, converte-se no contrário. pode-se converter em ciúmes; também são parte do medo. pode-se converter em posesividade; também é parte do medo. pode-se converter em ódio; também é parte do medo. Sei cada vez mais amoroso. Ama incondicionalmente, e ama de todas as formas que possa. pode-se amar de milhões de formas.

Pode amar a um transeunte que passa pela rua. Pode sentir amor por ele, e seguir seu caminho. Não precisa falar. Não precisa comunicá-lo. Basta com que o sinta e siga seu caminho. Pode amar a uma pedra. Pode amar às árvores, pode amar ao céu, pode amar às estrelas. Pode amar a um amigo, a seu marido, a seus filhos, a seu pai, a sua mãe. Pode amar de milhões de formas.

RECORDA: CORAJOSO NÃO QUER DIZER SEM MEDO Não pode chamar corajoso a uma pessoa que não tem medo. Não pode dizer que uma máquina é corajoso; não tem medo. A coragem existe, mas só no oceano do medo, a coragem é uma ilha no oceano do medo. Tem medo, mas a pesar do medo, arrisca-te; isso é coragem. Treme, tem medo de entrar na escuridão, mas o faz. Ir apesar de ti mesmo; Esse é o significado de corajoso. Não quer dizer sem medo. Quer dizer cheio de medo, mas não dominado pelo medo.

A maior pergunta surge quando começa a amar. O medo se apodera de sua alma porque amar significa morrer, morrer no outro. É uma morte, uma morte mais profunda que a morte ordinária. Para amar terá que ter guelra. É preciso ser capaz de entrar no amor apesar de todos os medos que procuram o protagonismo.

Quanto maior é o risco, maior é a possibilidade de crescimento; nada ajuda mais ao homem em seu crescimento que o amor. As pessoas que têm medo de amar seguirão sendo infantis, imaturas, verdes. Só o fogo do amor te dá maturidade.

NÃO É FÁCIL NEM DIFÍCIL, SIMPLEMENTE É NATURAL

O amor é um estado natural de consciência. Não é fácil nem difícil, não se podem aplicar esses termos. Não é um esforço, portanto, não pode ser fácil nem difícil. É como respirar! É como o batimento do coração de seu coração; é como o sangue que circula por seu corpo.

Você próprio ser é amor... mas esse tipo de amor é quase impossível. A sociedade não o permite. A sociedade te condiciona até tal ponto que o amor se volta impossível e só acaba sendo possível o ódio. É fácil odiar; amar não só é difícil, mas também é

impossível. O homem se desencaminhou. Não se pode reduzir ao homem à escravidão se antes não se desencaminhou. Os políticos e os sacerdotes têm uma grave conspiração há séculos. estiveram reduzindo a humanidade a um montão de escravos. Estão destruindo qualquer possibilidade de rebelião por parte do homem; e o amor é rebelião, porque o amor só escuta ao coração e não lhe importa nada o resto.

O amor é perigoso porque te converte em um indivíduo. O Estado e a Igreja não querem indivíduos absolutamente. Não querem seres humanos, querem um rebanho. Querem pessoas que pareçam seres humanos, mas seus espíritos estão tão demolidos, tão deteriorados, que o dano é quase irreparável.

A melhor forma de destroçar a um ser humano é destruir a espontaneidade de seu amor. Se um ser humano tiver amor, não poderá haver nações; as nações existem graças ao ódio. Os índios odeiam aos paquistaneses, os paquistaneses odeiam aos índios... só assim podem existir os dois países. Se aparecer o amor, desaparecerão as fronteiras. Se aparecer o amor, desaparecerão as religiões. Se aparecer o amor, quem será católico e quem será judeu? Se aparecer o amor, desaparecerão as religiões.

Se aparecer o amor, quem irá ao templo? Para que? Está procurando deus porque não tem amor. Porque não está ditoso, porque não está em paz, porque não está em êxtase, por isso está procurando deus, se não, a quem lhe interessa? A quem lhe importa. ? Se sua vida for um baile, já tem descoberto a Deus. O coração amoroso está cheio de Deus. Não é necessário procurar, não é necessário rezar, não é necessário ir ao templo ou a um sacerdote.

portanto, os sacerdotes e os políticos, ambos, são os inimigos da humanidade. Estão conspirando, porque o político quer governar seu corpo, e o sacerdote quer governar seu espírito. E o segredo é o mesmo: destruir o amor. Assim o homem não terá mais que uma existência vazia, oca, insignificante. Assim podem fazer o que quiserem com a humanidade, ninguém se rebelará, ninguém terá coragem suficiente para rebelar-se.

O amor te dá coragem, o amor te tira o medo; e os opressores dependem de seu medo. Colocam-lhe medo, milhares de classes de medo. Está rodeado de medos, sua psicologia está cheia de medos. No fundo está tremendo. Na superfície mantém uma fachada, mas por dentro há capas e capas de medo.

Um homem cheio de medo só pode odiar, o ódio é a consequência natural do medo. Um homem cheio de medo também está cheio de raiva, e um homem cheio de medo está mais contra a vida que a favor. A morte pode ser um estado aprazível para um homem cheio de medo. Um homem cheio de medo é suicida, nega a vida. A vida é perigosa para ele, porque viver quer dizer que terá que amar, como pode viver? Do mesmo modo que o corpo precisa respirar para viver, o espírito precisa amar. E o amor está absolutamente envenenado.

Ao envenenar sua energia de amor, provocaram em ti uma divisão; criaram um inimigo dentro de ti, dividiram-lhe em dois. criaram uma guerra cruel, e sempre está em conflito. No conflito dissipa sua energia; por isso em sua vida não há entusiasmo, não há alegria. Não está transbordando energia, está apagada, insípida, não é inteligente.

O amor agudiza a inteligência, o medo a apaga. A quem lhe interessa que seja inteligente? Às pessoas que estão no poder, não. Como vão querer que seja inteligente? Se for inteligente te dará conta de sua estratégia, de suas jogadas. Querem que seja estúpido e medíocre.

Evidentemente, querem que seja eficiente no que se refere ao trabalho, mas não inteligente; por isso, a humanidade vive com o mínimo, com o mais desço de seu potencial.

Os investigadores cientistas dizem que o homem ordinário só usa cinco por cento de sua inteligência potencial durante toda sua vida. O homem ordinário, só cinco por cento, e o

extraordinário? O que tem que um Albert Einstein, um Mozart, um Beethoven? Os investigadores dizem que inclusive os que têm muito talento, não usam mais de dez por cento.

Imagine um mundo onde todos usassem o cem por cem de seu potencial... os deuses teriam inveja da Terra, os deuses quereriam nascer na Terra. Então, a Terra seria um paraíso, um superparaíso. Agora mesmo é um inferno.

Se o homem permanecer intacto, se não lhe envenena, o amor será singelo, muito singelo. Não haverá nenhum problema. Será como a água que flui para baixo, ou o vapor que sobe para cima, ou as árvores brotando, ou os pássaros cantando. Será natural e espontâneo!

Mas isto não acontece. logo que nasce um menino, os opressores estão preparados para lhe saltar em cima, acabar com sua energia, desencaminhar a de tal modo e tão profundamente que a pessoa não se dê conta de que está vivendo uma falsa vida, uma vida enganosa, que não está vivendo como tinha que ser, como se supunha que tinha que viver ao nascer; que está vivendo de uma forma sintética, de plástico, e esse não é seu verdadeiro espírito. Por isso há milhões de pessoas que são extremamente infelizes, porque sentem que em algum ponto lhes desencaminharam, que não são seu verdadeiro ser, que houve algum engano...

Se se permitir que o menino cresça, se lhe ajuda a crescer de uma forma natural, o amor é singelo. Se se ajudar ao menino a estar em harmonia com a natureza e consigo mesmo, se lhe apóia e lhe alimenta, se lhe estimula a ser natural e a ser ele mesmo, a ser uma luz para si mesmo, então o amor será singelo. Simplesmente, será amoroso!

O ódio será quase impossível, porque antes de poder odiar a alguém, tem que estar envenenado. Só pode lhe dar algo a alguém quando o tem. Só pode odiar se estiver cheio de ódio. E estar cheio de ódio é viver em um inferno. Estar cheio de ódio é estar ardendo. Estar cheio de ódio significa que está te fazendo danifico. antes de poder fazer machuco a ninguém, tem que fazer machuco a ti mesmo. Possivelmente não lhe faça mal ao outro, depende dele. Mas é evidente que antes de odiar, terá que atravessar grandes pena e sofrimentos. Possivelmente o outro não aceite seu ódio, possivelmente o rechace. O outro poderia ser um buda, pode-se rir disto. Possivelmente te perdoe, possivelmente não reaja. Se não estar disposto a reagir pode ser que não lhe fira. Se não poder lhe incomodar, o que vais fazer? Sentirá-se impotente frente a ele.

Não é verdade necessariamente que vás ferir o outro. Mas o que é evidente é que se odiar a alguém, primeiro terá que ferir seu espírito de muitas maneiras; terá que estar tão cheio de veneno que possa tornar-lhe a outros.

O ódio não é natural. O amor é um estado de saúde; o ódio é um estado de enfermidade. Igual à enfermidade, o ódio não é natural. Só ocorre quando perde a pista da natureza, quando já não está em harmonia com a existência, quando já não está em harmonia com seu ser, com seu centro mais íntimo. Então, está doente, doente psicologicamente, espiritualmente. O ódio é um indício de enfermidade, e o amor é um indício de saúde, totalidade e santidade.

O amor deveria ser uma das coisas mais naturais, mas não o é. Entretanto, se' tornou a questão mais difícil, é quase impossível. O ódio se tornou fácil; está treinado, está preparado para odiar. Ser hindu significa estar cheio de odeio para os muçulmanos, para os católicos, para os judeus; ser católico é estar cheio de odeio para as demais religiões. Ser nacionalista é estar cheio de odeio para as demais nações.

Só conhece uma forma de amor: odiar a outros. Demonstra o amor a seu país odiando a outros países, e demonstra seu amor para sua Igreja odiando às demais Iglesias. Está confundido!

As supostas religiões falam do amor, mas o único que fazem é criar mais ódio no mundo. Os católicos falam de amor, mas provocaram guerras, cruzadas. Os muçulmanos falam de amor mas estiveram provocando jihads, guerras religiosas. Os hindus falam de amor, mas se te fixa em suas escrituras... estão cheias de ódio, ódio para as demais religiões. E estamos de acordo com todas estas tolices! Aceitamo-las sem resistimos porque nos condicionaram para aceitá-lo, ensinaram-nos que as coisas são assim. Está negando sua própria natureza.

O amor foi envenenado, mas não o destruíram. Pode arrojá-lo fora de seu organismo, pode limpá-lo. Pode vomitar tudo o que a sociedade te inculcou. Pode perder todas suas crenças e condicionamentos e ser livre. Se decide ser livre, a sociedade não pode te ter escravizado toda a vida.

Já é hora de que abandone todos os velhos padrões e comece uma vida nova, uma vida natural, uma vida não repressiva, uma vida de júbilo e não de renúncia. Cada vez será mais impossível odiar. O ódio é o pólo oposto ao amor, do mesmo modo que a enfermidade é o pólo oposto à saúde. Mas não tem que escolher a enfermidade.

A enfermidade tem algumas vantagens que não tem a saúde; não acostume a essas vantagens. O ódio também tem algumas vantagens que não tem o amor. E tem que estar muito atento. Todo mundo é pormenorizado com uma pessoa que está doente, ninguém lhe faz mal, todo mundo tem muito cuidado com o que lhe diz porque está muito doente. É o centro, o foco de atenção de todo o mundo —a família, os amigos—, converte-se no personagem central, volta-se importante. Mas, se se acostumar a ter essa importância, a que seu ego se sinta satisfeito, não quererá voltar a estar são. Ele mesmo se aferrará à enfermidade. Os psicólogos dizem que há muitas pessoas que se aferram à enfermidade pelas vantagens que tem. dedicaram tanto tempo a sua enfermidade que se esquecem completamente de que se estão aferrando a ela. Têm medo de não ser ninguém se voltarem a estar sãs.

Vós também ensinam isso. Quando um menino pequeno está doente, toda a família está muito atenta. Isto não é absolutamente científico. Quando um menino está doente, cuida seu corpo mas não o Prestes muita atenção. É perigoso, porque se associar a enfermidade com a atenção..., e se se repete uma e outra isto vez será inevitável. Sempre que o menino está doente se converte no centro da família: papai se sinta a seu lado e lhe pergunta como está, vem o médico, começam a vir os vizinhos, os amigos perguntam, e a gente lhe traz presentes... Pode começar a acostumar-se; isto pode afirmar tanto seu ego que não queira voltar a estar bem. Se isto acontecer, será impossível estar são. Não haverá nenhuma medicina para curá-lo. A pessoa se afiançou definitivamente em sua enfermidade. Isto é o que acontece a muitas pessoas, à maioria.

Quando odeia, seu ego se sente satisfeito. O ego só pode existir se odiar, porque ao odiar se sente superior, ao odiar está separado, ao odiar te define. Ao odiar obtém certa identidade. O ego tem que desaparecer no amor. No amor já não está separado, o amor te ajuda a te dissolver com outros. É uma união e uma fusão.

Se estiver muito apegado ao ego te resultará fácil odiar e difícil amar. Estate alerta, atento; o ódio é a sombra Dele. O amor requer muita coragem. Requer muita coragem porque terá que sacrificar o ego. Só poderão amar aqueles que estejam dispostos a não ser ninguém. Só quem está dispostos a não ser nada, a esvaziar-se de si mesmos, estão preparados para receber o presente do amor do mais à frente.

te aparte da multidão

A meditação é a coragem de estar sozinho e em silêncio.

Pouco a pouco, começa a notar que tem uma qualidade nova, uma vitalidade nova, uma beleza nova, uma inteligência nova,

que não te emprestou ninguém, que nasce de ti. Tem suas raízes em sua existência. E se não ser um covarde, frutificasse, florescerá.

NINGUÉM é o que a existência tinha disposto para ele. A sociedade, a cultura, a religião e a educação estiveram conspirando contra a inocência dos meninos. Têm poder para fazê-lo, o menino é impotente e dependente, portanto podem fazer com ele o que queiram. Não permitem que o menino desenvolva seu destino natural. Esforçam-se em transformar aos seres humanos em algo produtivo. Se se deixar que o menino cresça por sua conta, quem sabe se será útil aos interesses criados? A sociedade não está disposta a arriscar-se. apodera-se do menino e o começa a moldar até obter algo que a sociedade necessita.

Em certo sentido, arbusto o espírito do menino e lhe dá uma falsa identidade para que não sinta falta de seu espírito, seu ser. A falsa identidade é um substituto. Mas esse substituto só serve quando está entre a multidão que lhe deu isso. Assim que está sozinho, o falso se rompe em pedaços e a verdade reprimida se começa a expressar. Desde aí o medo a estar sozinho.

Ninguém quer estar sozinho. Todo mundo quer pertencer ao grupo, não a um só grupo, a não ser a muitos. Alguém pertence a um grupo religioso, a um partido político, a um clube social... e há multidão de grupos pequenos aos que pode pertencer. Necessita que lhe respaldem vinte e quatro horas ao dia, porque o falso não pode manter-se sem respaldo. Assim que está sozinho, começa a sentir uma espécie de loucura. Durante tantos anos acreditaste que foi alguém, e de repente, em um momento de solidão, começa a sentir que não é isso. Dá-te medo, então, quem é?

Anos de repressão... custará um tempo até que a verdade se expresse. O intervalo entre ambos é o que os místicos chamaram «a noite escura da alma», uma expressão muito apropriada. Já não é o falso, mas ainda não é o verdadeiro. Está no limbo, não sabe quem é.

O problema se complica ainda mais, particularmente no Ocidente, porque não se desenvolveu nenhum método para descobrir a verdade quanto antes, para que a noite escura da alma se corte. No Ocidente não se sabe nada sobre a meditação. Meditação só é uma forma de dizer estar sozinho, em silêncio, esperando a que se imponha a verdade. Não é um ato, é uma relaxação silenciosa, porque algo que «faça» provirá de sua falsa personalidade... há muitos anos, todos seus atos provêm daí. É um velho hábito.

Aos hábitos os costa morrer. Tantos anos vivendo com uma personalidade falsa que lhe impuseram as pessoas que lhe querem, que lhe respeitam... e não queriam te fazer nada mau intencionalmente. Suas intenções são boas, mas sua consciência é nula. Não eram pessoas conscientes —seus pais, seus professores, seus sacerdotes, seus políticos—, não eram pessoas conscientes a não ser inconscientes. Inclusive a boa intenção em mãos de uma pessoa inconsciente se volta venenosa.

Sempre que estar sozinho sentirá um profundo medo porque, de repente, todo o falso começa a desaparecer. E a verdade demorará um tempo em impor-se porque faz muitos anos que a perdeu. Terá que tomar em consideração o fato de que tem que salvar o intervalo de tantos anos.

Cheio de medo —porque «me estou perdendo, estou perdendo a razão, a prudência, a cabeça, todo»... o ser que lhe deram outros consta de todas estas coisas—, parece que te vais voltar louco. Imediatamente, começa a fazer algo para te manter ocupado. Embora não haja gente, pelo menos há um pouco de ação, para que o falso esteja ocupado e não comece a desaparecer.

A gente tem muitos problemas nas férias. Trabalham durante cinco dias, esperando descansar o fim de semana. Mas o fim de semana é o pior momento da semana: durante o fim de semana há mais acidentes, se suicida mais gente, há mais assassinatos, mais roubos, mais violações. É estranho... enquanto estas pessoas estavam ocupadas não passava nada. Mas, de repente, durante o fim de semana podem escolher: ocupar-se de algo ou descansar; relaxar lhes dá medo, desaparece sua falsa personalidade. Mantem ocupado, faz qualquer tolice. A gente corre para as praias, pára-choque contra pára-choque, quilômetros e quilômetros de caravana. Se os perguntas aonde forem, dirão-lhe que «se afastam da multidão», mas a multidão vai com eles! Vão procurando um sítio solitário, tranquilo... todos juntos.

De fato, se se tivessem ficado em casa teriam estado mais sós e tranquilos, porque todos os idiotas foram a procurar um sítio solitário. E correm como loucos, porque os dois dias se acabam logo, têm que chegar, mas não pergunte aonde!

As praias... estão tão abarrotadas que nem o mercado está tão concorrido. E é muito curioso, a gente se encontra muito mais tranqüila tomando o sol. Dez mil pessoas tomando o sol, descansando, em uma pequena praia. Essa mesma pessoa não poderá relaxar-se se estiver sozinha na praia. Mas sabe que a seu redor há milhares de pessoas relaxando-se. Toda essa gente estava no escritório, toda essa gente estava nas ruas, toda essa gente estava no mercado, e agora a mesma gente está na praia.

A multidão é essencial para que possa existir o falso eu. Assim que fica sozinho, começa a entrar em pânico. Aqui é onde deveriam saber algo a respeito da meditação.

Não lhes preocupem, o que pode desaparecer, merece desaparecer. Não tem sentido seguir aferrando-se a isso, não é teu; não é você.

Você é o que fica quando se foi o falso e surge o novo, o inocente e não poluído em seu lugar. Ninguém mais pode responder à pergunta «Quem sou eu?», Você saberá a resposta.

Todas as técnicas de meditação são uma ajuda para destruir o falso. Não lhe dão o verdadeiro, o verdadeiro não pode ser dado. O que lhe podem dar não é verdadeiro. O verdadeiro já o tem; só tem que tirar o falso.

pode-se pôr de outra maneira: em realidade, um Professor te tira o que não tem, e te dá o que realmente tem.

A meditação é a coragem de estar sozinho e em silêncio, Pouco a pouco, começa a notar que tem uma qualidade nova, uma vitalidade nova, uma beleza nova, uma inteligência nova, que não te emprestou ninguém, que nasce de ti. Tem suas raízes em sua existência. E se não ser um covarde, frutificará, florescerá.

Só podem ser religiosos os corajosos, as pessoas com guelra. E não quão piedosos vão a missa; estes são os covardes. Não os hindus, não os muçulmanos, não os cristãos; eles estão contra a busca. Os grupos tentam consolidar mais sua falsa identidade.

Quando nasce, chega ao mundo com sensibilidade. Note em um menino, lhe olhe aos olhos, que frescura. Todo isso foi talher com uma falsa personalidade.

Não terá que ter medo. Só pode perder o que tem que perder. E é melhor perdê-lo logo, porque quanto mais tempo fica, mais forte se volta.

E não sabe o que pode acontecer amanhã.

Não deve morrer antes de realizar seu verdadeiro ser.

Só são afortunados quem tem vivido com seu autêntico ser e morreram com seu autêntico ser; porque sabem que a vida é eterna e a morte uma ficção.

A POLÍTICA DAS CIFRAS

A sociedade tem grandes expectativas de que te comporte exatamente igual a outros. Assim que te comporta de uma maneira a gente tem medo aos estranhos.

Por isso, quando duas pessoas estão sentadas em um ônibus, em um trem ou em uma parada de ônibus, não podem ficar em silêncio, porque em silêncio seguirão sendo estranhos. apresentam-se mutuamente: «Como te chama?. Aonde vai? O que faz, no que trabalha?» Umas quantas perguntas... e ficam tranquilos; só é outro ser humano igual a eles.

A gente sempre quer encaixar em um grupo. Assim que te comporta de um modo diferente começam a suspeitar, está ocorrendo algo. Conhecem-lhe e notam a mudança. Conheciam-lhe quando não te aceitava e agora, de repente, dão-se conta de que te aceita...

Nesta sociedade, ninguém se aceita. Todo mundo se autocensura. É o estilo de vida de nossa sociedade: autocensurarte. Se não lhe autocensuras e te aceita, apartaste-te que a sociedade. E a sociedade não tolera que ninguém se além do rebanho porque a sociedade se apóia nas cifras, é uma política de cifras. Quando há muitos números a gente se sente bem. As grandes cifra fazem sentir às pessoas que tem a razão; não podem estar equivocados, há milhões de pessoas que lhes apóiam.

E quando ficam sozinhos começam a aparecer grandes duvida. Ninguém está comigo. O que garantia tenho de ter razão?

Por isso digo que neste mundo a maior coragem é ser um indivíduo.

Para ser um indivíduo é necessário ter uma natureza que não tem medo: «Não importa que todo mundo esteja contra mim. O que importa é que minha experiência seja válida. Não me fixo nas cifras, em quanta gente está comigo. Fixo-me na validez de minha experiência, se estou repetindo as palavras de outra pessoa como um louro, ou se a origem de minhas afirmações se encontra em minha experiência. Se se encontrar em minha própria experiência, se forma parte de meu sangue, de meus ossos e minha medula, então não me importa que todo mundo esteja do outro lado; seguirei tendo razão e eles não. Não importa, não necessito que me votem para me sentir bem. Só necessitam o apoio de outros quem imita as opiniões de outras pessoas. »

Mas, até o momento, esta é a forma em que funcionou a sociedade humana. É a maneira de te fazer sentir que está no redil. Se eles estiverem tristes, você tem que sentido. Tem que ser igual a eles. Não se permitem as diferenças porque em última isto instância dá lugar a indivíduos, à unicidade, e a sociedade tem muito medo aos indivíduos e a unicidade já que significa que a pessoa se há independizado da multidão e esta não lhe interessa nada. Seus deuses, seus templos, seus sacerdotes e suas escrituras deixaram que ter sentido para ele.

Agora tem seu próprio ser e seu próprio caminho, seu próprio estilo... de viver, de morrer, de celebrar, de cantar, de dançar. chegou a casa.

Ninguém pode voltar para casa com uma multidão. Só se pode voltar para casa sozinha.

ESCUA A SEU «SENTIDO INTERNO»

Havia um menino que sempre se estava arranhando a cabeça. Um dia, seu pai lhe olhou e lhe perguntou —Filho, por que te arranha sempre a cabeça?

—Bom —disse o menino—, supponho que porque sou o único que sabe que me pica.

Isto é sentido interno! Só você sabe. Ninguém mais pode sabê-lo. Não se pode observar do exterior. Quando te dói a cabeça, só você sabe, não pode demonstrá-lo. Quando está feliz, só você sabe, não pode demonstrá-lo. Não pode pô-lo em cima da mesa para que todo mundo o examine, o diseccione, analise-o.

De fato, o sentido interno é tão interno que nem sequer pode demonstrar que existe. Por isso a ciência segue negando-o, mas é uma negação desumana. Até um cientista sabe que, quando se apaixonava, tem uma sensação interna. Ocorre-lhe algo! Não é uma coisa e não é um objeto, não é possível acostumar-lhe a outros, e entretanto, existe.

O sentido interno tem sua própria utilidade. Por culpa da educação científica a gente perdeu a confiança no sentido interno. Dependem de outros. Dependem tanto de outros, que se alguém diz: «Parece estar muito feliz», começa a te sentir feliz. Se vinte pessoas decidirem que seja infeliz, podem te fazer infeliz. Só têm que lhe repetir isso todo o dia, só têm que te dizer cada vez que lhe encontre isso: «Tem um aspecto muito triste, muito infeliz. O que te ocorre? morreu-se alguém ou algo assim?..» Começa a suspeitar; se tanta gente disser que está triste, deve ser que está triste.

Depende das opiniões de outros. estiveste dependendo tanto das opiniões de outros, que perdeste o rastro de seu sentido interno. Tem que voltar a descobrir seu sentido interno, porque todo o formoso o bom e o divino só se pode sentir com o sentido interno.

Deixa de estar influenciado pelas opiniões de outros. Em seu lugar, começa a olhar para dentro... permite que seu sentido interno te fale. Confia nele. Se confiar nele, crescerá. Se confiar nele estará alimentando-o, fortalecerá-se.

Vivekananda foi ver a Ramakrishna e lhe disse: —Deus não existe! lhe posso demonstrar isso Deus não existe. —Era um homem muito racional, muito cético, muito educado, tinha muitos conhecimentos do pensamento filosófico ocidental. Ramakrishna era inculto, analfabeto. E Ramakrishna lhe disse: —De acordo, demonstre-me isso Y Ramakrishna dijo: —No puedo demostrarlo, pero si quieres, te lo puedo enseñar. —Nadie le había dicho nunca a Vivekananda que Dios se pudiese enseñar. Y antes de que pudiera decir nada, Ramakrishna saltó —era un hombre salvaje—, ¡saltó y puso los pies sobre el pecho de Vivekananda! Entonces, sucedió algo, se desprendió cierta energía, y Vivekananda cayó en un trance de tres horas. Cuando volvió a abrir los ojos era un hombre completamente nuevo.

Vivekananda falou muito, essa era a prova que tinha. E Ramakrishna lhe escutou e disse: —Meu sentido interno me diz que Deus existe, e que é a autoridade suprema. Quão único está fazendo é argumentar. O que te diz seu sentido interno?

Vivekananda nem sequer se parou a pensar nisso. Encolheu os ombros. Tinha lido livros, recolhendo argumentos e provas a favor e em contra; por meio destas provas tinha tentado decidir se Deus existia ou não. Mas não tinha cuidadoso para dentro. Não lhe tinha perguntado a seu sentido interno.

Isto é muito estúpido, mas a mente cética é estúpida, a mente racional é estúpida.

Ramakrishna disse: —Seus argumentos são preciosos, desfrutei! Mas o que posso fazer? Eu sei! Meu sentido interno me diz que existe. Do mesmo modo que me diz que estou contente, que estou doente, que estou triste, que me dói a tripa, que hoje não me encontro muito bem, meu sentido interno me diz que Deus existe. Não se trata de um debate.

E Ramakrishna disse: —Não posso demonstrá-lo, mas se quiser, lhe posso ensinar isso. —Ninguém havia dito nunca a Vivekananda que Deus se pudesse ensinar. E antes de que pudesse dizer nada, Ramakrishna saltou —era um homem selvagem—, saltou e pôs os pés sobre o peito da Vivekananda! Então, aconteceu algo, desprende-se certa energia, e Vivekananda caiu em um transe de três horas. Quando voltou a abrir os olhos era um homem completamente novo.

Ramakrishna te disse: —O que diz agora? Deus existe ou não existe? O que te diz seu sentido interno?

Tinha uma tranqüilidade tão grande, uma quietude tão grande, como nunca havia sentido antes. Estava cheio de júbilo por dentro, tinha um grande bem-estar, estava transbordando bem-estar... Teve que inclinar-se e tocar os pés a Ramakrishna dizendo: —Sim, Deus existe.

Deus não é uma pessoa a não ser a sensação de bem-estar supremo, a sensação de estar em casa, a absoluta sensação de que «pertencem a este mundo e este mundo me pertence.

Não sou um extraterrestre, não sou um estranho. O sentimento absoluto —existencial— de que, «a totalidade e eu não estamos separados. Esta experiência é Deus. Mas esta experiência só é possível se permitir que funcione seu sentido interno.

Começa a permiti-lo! Lhe dê todas as oportunidades que sejam possíveis. Não procure uma autoridade fora, não procure opiniões fora. Mantém um pouco mais independente. Sente mais, pensa menos.

Sal e olhe uma rosa, e não repita como um louro: «É bonita. » Pode ser só uma opinião, há-lhe isso dito a gente; da infância estiveste ouvindo: «A rosa é bonita, é uma grande flor. » Quando vê uma rosa simplesmente o repete, como um computador: «Esta rosa é bonita. » Sente-o de verdade? É sua sensação interna? Se não o for, não o diga.

Quando olha à lua não diga que é bela... a menos que seja seu sentido interno. Surpreenderá-te ao te dar conta de que o noventa e nove por cento das coisas que tem em sua mente são emprestadas. E dentro desse noventa e nove por cento de coisas, de lixo imprestável, um por cento do sentido interno se perdeu, afogou-se. Abandona seus conhecimentos. Recupera seu sentido interno.

Conhece Deus por meio de seu sentido interno.

Há seis sentidos: cinco são externos; informam-lhe sobre o mundo. Os olhos lhe informam da luz; sem olhos não conheceria a luz. Os ouvidos lhe informam do som; sem ouvidos não saberia o que é o som. Há um sexto sentido, o sentido interno, que te mostra e te fala de ti mesmo e da origem suprema de todas as coisas. Tem que descobrir esse sentido. A meditação não é mais que o descobrimento do sentido interno.

O MAIOR MEDO DO MUNDO É O MEDO ÀS OPINIÕES DE OUTROS. Assim que deixa de ter medo à multidão deixa de ser uma ovelha te converte em um leão. De seu coração sai um grande rugido, o rugido da liberdade.

Buda, em efeito, chamou-o o rugido do leão. Quando um ser humano alcança um estado de absoluto silêncio ruga como um leão. Pela primeira vez, sabe o que é a liberdade porque não tem medo à opinião de outros. Não lhe importa o que diga a gente. Que lhe chamem santo ou pecador é irrelevante, seu único juiz é Deus. E «Deus» não se refere a nenhuma pessoa, Deus é todo o universo.

Não se trata de ter que fazer frente a uma pessoa; tem que fazer frente às árvores, aos rios, às montanhas, às estrelas... a todo o universo. É nosso universo, formamos parte dele. Não deve ter medo, não é necessário que te esconda. De fato, não te pode esconder embora o tente. A totalidade já sabe, a totalidade sabe mais coisas de ti das que sabe você.

E a segunda parte é ainda mais importante; a segunda parte é que Deus já te julgou. Não é algo que vá acontecer no futuro, mas sim já aconteceu; já te julgou. Por isso o medo a ser julgado desaparece. Não há um dia do julgamento final. Não tem que ter medo. O julgamento ocorreu o primeiro dia, no momento que te criou já te tinha julgado. Ele te conhece, ele te criou. Se sair mau, o responsável é ele, não você. Se for por mau caminho, o responsável é ele, não você. Como pode ser responsável você? Não criaste a ti mesmo. Se pintas e te sai mau, não pode dizer que a pintura tenha a culpa; tem a culpa o pintor.

Não deve ter medo à multidão ou a um Deus imaginário que, quando se acabar o mundo, te vá perguntar o que tem feito e que não. Já te julgou —isto é muito importante—, isso já aconteceu, de modo que é livre. Assim que te dá conta de que tem liberdade total para ser você mesmo, a vida começa a ter uma qualidade dinâmica.

O medo te encadeia, a liberdade te dá asas.

LIBERDADE DE, LIBERDADE PARA

Não pense em termos de estar livre de algo; pensa sempre em termos de estar livre para algo. E há uma imensa diferença, uma enorme diferença. Não pense em termos de, a não ser em termos para. Sei livre para Deus, sei livre para a verdade, mas não pense que quer te liberar da multidão, da Igreja, disto e aquilo. Possivelmente algum dia possa chegar muito longe, mas nunca será livre, nunca. É uma forma de repressão. por que tem tanto medo à multidão? Se te atrair, então seu medo só demonstra que te atrai, que há uma atração. Vá onde vá, seguirá dominado pela multidão.

O que estou dizendo, note nisso, é que não é necessário que pense como a multidão. Pensa por ti mesmo. Pode fazê-lo agora. Enquanto siga lutando não será livre. Deixa de lutar contra a multidão porque não tem nenhum sentido.

O problema não é a multidão, o problema é você. A multidão não está atirando de ti mas sim você se sente atraído, e não por outras pessoas mas sim por seu condicionamento inconsciente. Recorda que não deve jogar a culpa a outro lugar ou outra pessoa porque, se não, nunca te liberará. No fundo o responsável é você. por que temos que estar contra a multidão? Pobre multidão! por que terá que estar contra ela? por que tem essa ferida?

A multidão não pode fazer nada a menos que você colabore. portanto, é questão de sua colaboração. Pode deixar de colaborar agora mesmo, sem mais. Se fizer um esforço não o conseguirá. Faz-o instantaneamente. Sem pensá-lo, espontaneamente; pode te dar conta de que ao lutar, estará lutando uma batalha perdida. Com cada luta está reforçando a multidão.

Isto é o que aconteceu a milhões de pessoas. Alguém quer fugir das mulheres..., na Índia o levam fazendo há séculos. Então cada vez lhes absorve mais este tema. Querem livrar do sexo mas sua mente se volta sexual; só pensam em sexo. Jejuam, não dormem; fazem este ou aquele pranayama*, ioga e mil e uma coisas... mas não tem sentido. quanto mais lutam contra o sexo mais o reforçam, mais se concentram nele. converte-se em um pouco desproporcionalmente importante.

Isto é o que aconteceu nos mosteiros cristãos Havia muita repressão, tinham medo. Se tiver muito medo à multidão pode acontecer o mesmo. A multidão não pode fazer nada a menos que você colabore, portanto, trata-se de que esteja alerta. Não colabore!

cheguei a esta conclusão: que você é o responsável por tudo o que te acontece. Ninguém te está fazendo nada. Queria que acontecesse, por isso aconteceu. Se alguém se aproveitar de ti é porque você queria que se aproveitasse. Se lhe meterem no cárcere é porque você queria que o fizessem. Deve havê-lo buscado de algum modo. Talvez o chamava segurança. Os nomes podem trocar, as etiquetas podem trocar, mas estava desejando que lhe encarcerassem, porque em um cárcere está a salvo e não se sente inseguro.

Não te pegue com as paredes da prisão. Olhe em seu interior. Busca esse desejo de segurança e como te pode manipular a multidão. Deve querer algo da multidão: reconhecimento, honra, respeito, respeitabilidade. Se o pede terá que pagar. Então, a multidão diz: «De acordo, respeitaremos-lhe, mas nos dê em troca sua liberdade.» É um intercâmbio muito singelo. Mas a multidão nunca te tem feito nada, basicamente, é você. Não te interponha em seu próprio caminho!

ENCONTRA SEU ROSTO ORIGINAL

Sei quem é e não se preocupe do mundo. Sentirá uma enorme tranquilidade e uma profunda paz em seu coração. Isto é o que a gente de zen chama «seu rosto original»,

depravado, sem tensões, desprezioso, sem hipocrisias, sem as supostas normas de como te deve comportar.

O rosto original é uma bela expressão poética, mas isto não quer dizer que vás ter um rosto diferente. O mesmo rosto deixará de estar tenso, o mesmo rosto estará depravado, o mesmo rosto não estará julgando, não pensará que outros são inferiores. Seu rosto original é o mesmo rosto com valores novos.

Há um antigo provérbio: «Muitos heróis são homens que não tiveram a coragem de ser covardes. »

Se for covarde, o que tem que mau nisso? É covarde, não passa nada. Também é necessário que haja covardes, se não, de onde sairiam os heróis? São absolutamente necessários para ter uma base com a que criar heróis.

Sei você mesmo, seja o que seja.

O problema é que ninguém te há dito antes que você seja mesmo. Todo mundo quer farejar, dizem-lhe que deveria ser assim, que deveria ser asa... inclusive nos assuntos correntes.

Em meu colégio... só era um menino, mas odiava que me dissessem como tinha que ser. Os professores começaram a me subornar: —Se te comportar bem, converterá-te em um gênio.

—Ao diabo com o gênio —lhes respondia—, só quero ser eu mesmo. —Estava acostumado a me sentar com as pernas em cima da mesa, e todos os professores se zangavam.

—Que forma de comportar-se é essa? —diziam-me.

—A mesa não me está dizendo nada —lhes dizia—. Isto é entre a mesa e eu, por que me olham tão zangados? Não estou pondo as pernas em cima de sua cabeça! Deveriam lhes relaxar como eu. Assim me sinto mais capaz de entender todas as tolices que estão ensinando.

A um lado da classe havia uma preciosa janela, e no exterior havia árvores, pássaros e cuclillos. A maior parte do tempo estava olhando pela janela, e o professor estava acostumado a vir a me dizer: —Para que vem à escola?

—Porque em minha casa não há uma janela como esta aberta ao ar livre —lhe dizia—. Em casa não há cuclillos nem pássaros. Minha casa está na cidade, rodeada de casas, há tanta gente que os pássaros não vão ali, e os cuclillos não querem alegrar às pessoas com seus cantos.

»Não criam que venho a lhes escutar a vós! Pagamento a matrícula, vós só estão aqui para me servir, não o esqueçam. Se suspender não vou vir a me queixar; se suspender não estarei triste. Mas se durante todo o curso tenho que fingir que lhes estou escutando quando, em realidade, estou escutando aos cuclillos que estão fora, começarei a ser um hipócrita. E não quero ser um hipócrita.

Os professores queriam que fizesse tudo como eles diziam. Naqueles dias, em meu colégio terei que usar uma boina; possivelmente ainda se use. Não tenho nada contra as boinas; quando deixei a universidade comecei a levar boina, mas até que não terminei a universidade não a usei. O primeiro professor que começou a preocupar-se comigo me disse: —Onde está sua boina?

—me traga as normas de conduta deste colégio —te disse—. Em algum sítio põe que tenho que levar boina? E se não o põe, está me impondo algo que vai contra as normas do colégio.

Levou-me a diretor do colégio e eu lhe disse ao diretor: —Estou disposto a me pôr isso mas me ensine onde diz que a boina é obrigatória. Se for obrigatório, possivelmente abandone este colégio, mas primeiro me tem que ensinar onde está escrito.

Não havia normas escritas, então lhe disse: —Pode-me dar uma boa razão para usar a boina? Aumentará minha inteligência? Alargará minha vida? Terei mais saúde, mais entendimento? Por isso eu sei, Rojão de luzes é a única província da Índia onde não se usam as boinas, e é a zona mais inteligente do país. Punjab é justo o contrário. Aí, a gente usa turbantes em vez de boinas, uns turbantes tão grandes que parece que lhes escapasse a inteligência e estivessem tentando sujeitá-la.

O diretor disse: —O que diz tem algum sentido, mas é uma regra deste colégio. Se deixar de usar a boina, outros também deixarão de usá-la.

—A que lhe têm medo? —disse-lhe—. Tirem essa regra.

Ninguém quer que você seja mesmo em assuntos que não têm a menor importância.

Em minha infância estava acostumada levar o cabelo comprido. Entrava e saía pela loja de meu pai, porque a casa e a loja estavam comunicadas. A casa estava detrás da loja, e terei que acontecer a loja, A gente lhe perguntava: —Quem é essa menina? —Tinha o cabelo tão comprido que não se imaginavam que um menino pudesse ter o cabelo tão largo.

A meu pai dava muita vergonha e lhe punha em apuros dizer: —É meu filho.

—Mas —diziam—, por que tem o cabelo tão largo?

Um dia —normalmente não era assim—, senti tanta vergonha que ele mesmo veio e me cortou o cabelo. Trouxe as tesouras que usava para cortar o tecido na loja e me cortou o cabelo. Não lhe disse nada, ele estava surpreso. —Não vais dizer nada? —perguntou-me.

—Direi-o para mim maneira —te respondi.

—O que quer dizer?

—Já verá —lhe disse—. E fui ao barbeiro que era viciado no ópio, que tinha uma loja em frente de nossa casa. Era a única pessoa pela que sentia algum respeito. Havia um montão de barbearias, mas eu gostava daquele velho. Era um tipo estranho, e me queria; falávamos durante horas. Só dizia tolices! Um dia me disse: —Se todos os viciados no ópio se organizassem em um partido político, tomaríamos o país!

—É uma boa idéia... —disse-lhe.

—Mas, como todos somos viciados no ópio —disse—, me esquecimento de minhas próprias idéias.

—Não se preocupe —lhe respondi—. Eu estou aqui e não me esquecerei. me diga que mudanças quer fazer na sociedade, que tipo de ideologia política quer, e o conseguirei.

Fui à barbearia e lhe disse: —me barbeie a cabeça completamente. —Na Índia a gente só se barbeia a cabeça quando falece seu pai. Por um momento, até este viciado no ópio recuperou suas faculdades.

—O que passou? —disse—. morreu seu pai?

—Não se preocupe por essas coisas —lhe disse—. Faz o que te digo; não te corresponde! me corte o cabelo, me barbeie a cabeça.

—Feito! —disse—. Isso é muito singelo. Muitas vezes tenho problemas porque a gente me diz: «me barbeie a barba» mas eu me esquecimento e lhes barbeio a cabeça. «O que tem feito?» Dizem-me. E eu lhes digo: «Como muito, posso te dizer que não me pague, que importância tem?»

Estava acostumado a me sentar em sua loja porque sempre passava um pouco divertido. Barbeava-lhe meio bigode a alguém e dizia: —Espera, acabo-me de acordar que tenho que fazer algo urgente.

O homem lhe dizia: —Mas me vais deixar pela metade? Não posso sair da loja!

Lhe dizia: —me espere aqui.

E o homem se passava horas lhe esperando... —Que classe de idiota é este homem?

Uma vez tive que ajudar a lhe barbear meio bigode a um senhor: —Agora é livre. Não volte nunca mais... este homem não te prejudicou muito, simplesmente lhe esquece.

O barbeiro disse: —Está bem. Não me corresponde. Se se morreu, morreu-se.

Barbeou-me toda a cabeça e voltei para casa. Passei pela loja. Meu pai me olhou e todos seus clientes também. —O que passou? —perguntaram—. Quem é este menino? morreu-se seu pai.

Meu pai disse: —É meu filho e estou vivo! Mas sabia o que faria algo. tomou-se a revanche.

Fora onde fora, todo mundo me perguntava: —O que passou? Seu pai estava muito são.

—A gente morre a qualquer idade —respondia—. Lhes preocupam com ele mas não lhes preocupam com meu cabelo.

É a última vez que mim pai me fez algo, porque sabia que a resposta podia ser mais perigosa ainda! Ao contrário, trouxe um azeite que se usava como crecepelo. É um azeite muito caro, vem de Rojão de luzes e sai de uma determinada flor, javakusum. É uma flor muito cara e muito estranha, só a usam as pessoas ricas, usam-na as mulheres para que lhes cresça muito o cabelo, mas os homens não. Em Rojão de luzes me encontrei com mulheres que tinham o cabelo até o chão, um metro e médio ou dois metros de comprimento. Esse azeite é muito efetivo com qualquer cabelo.

—Agora o entende —lhe disse.

—Entendi-o —disse—. Usa em seguida este azeite; em uns meses voltará a ter o cabelo comprido.

—Você provocaste esta confusão. por que te envergonhava de mim? Podia haver dito: «É minha filha», não tenho nenhuma objeção. Mas não devia ter interferido comigo do modo que o fez. Foi um ato violento, selvagem. Em vez de me dizer algo, começou-me a cortar o cabelo.

Ninguém permite que outros eles sejam mesmos. aprendeste estas idéias tão profundamente que parece que são suas idéias. te relaxe. te esqueça dos condicionamentos, deixa-os cair como se fossem as folhas secas de uma árvore. É melhor ser uma árvore nua sem folhas que ter as folhas de plástico, a ramagem de plástico e as flores de plástico; isso é horrível.

O rosto original significa que não está dominado por nenhuma moralidade, religião, sociedade, pais, professores, sacerdotes, não há ninguém que te domine. Basta que vivas sua vida segundo seu sentido interno —tem essa sensibilidade— e terá seu rosto original.

A alegria de viver perigosamente

Os que são corajosos se atiram de cabeça. Procuram todas as oportunidades de perigo. Sua filosofia de vida não é a das companhias seguradoras. Sua filosofia de vida é a de um escalador, um esquiador, um surfista E não fazem surfe só nos mares exteriores, —surfeam em seus mares internos. E não só escalam os Alpes e o Himalaya mas sim procuram cúpulas internas.

VIVER perigosamente é viver. Se não viver perigosamente, não vive. A vida só floresce quando há perigo. A vida não floresce na segurança; só floresce na insegurança.

Se começar a ter segurança, converte-te em um charco inundado. Sua energia já não se move. Tem medo... porque ninguém sabe como entrar no desconhecido. Para que arriscar-se? Conhecido-o é mais seguro. Mas depois te obceca com o que te resulta

familiar. Farta-te disso, aborrece-te, faz-te infeliz, entretanto, é familiar e cômodo. Pelo menos já o conhece. Desconhecido-o te dá medo. Simplesmente a idéia do desconhecido te faz sentir inseguro.

Só há dois tipos de pessoas no mundo. As que querem viver comodamente: estão procurando a morte, querem uma tumba cômoda. E as que querem viver: escolhem viver perigosamente porque a vida só prospera se houver algum risco.

escalaste alguma vez uma montanha? quanto mais alto escala melhor se sente. Quanto maior é o perigo de cair, quanto maior é o abismo, mais vivo está. Quando está entre a vida e a morte, quando está pendurando entre a vida e a morte, não existe o aborrecimento, não existe o pó do passado nem o desejo do futuro. O momento presente é muito afiado, é como uma chama. É suficiente: vive no aqui e agora.

Ou fazendo surfe... ou esquiando, ou patinando; sempre que houver perigo de perder a vida há uma enorme alegria, porque o risco de perder a vida te faz estar muito vivo. Por isso lhe atraem os esportes perigosos às pessoas.

A gente escala montanhas... Alguém perguntou ao Edmund Hillary: —por que tentaste escalar o Everest? por que? —Hillary respondeu—: Porque está aí, é uma provocação constante. —Era arriscado, tinha morrido muita gente tentando-o. Havia grupos de escaladores desde fazia sessenta ou setenta anos, a morte era quase segura, mas a gente seguia indo. O que é o que lhes atrai?

Ao chegar mais alto, ao te afastar do estabelecido, da rotina da vida, volta-te selvagem de novo, volta-te de novo parte do mundo animal. Volta a viver como um tigre, como um leão, como um rio. Volta a sulcar os céus como um pássaro, voando cada vez mais alto. E cada momento que passa, a segurança, a conta do banco, a esposa, o marido, a família, a sociedade, a Igreja, a respeitabilidade... vão desvanecendo-se, afastando-se. Está sozinho.

Por isso lhe interessam tanto os esportes às pessoas. Mas esse perigo tampouco é real, porque chega a ter muita prática. Pode aprendê-lo, pode te treinar. É um risco calculado. Pode te treinar fazendo montanhismo e tomar todas as precauções. Ou conduzir a grande velocidade... pode ir a 160 quilômetros por hora, é perigoso, é excitante. Pode chegar a ser muito hábil e é perigoso para os de fora, mas não para ti. Embora exista um risco, é secundário. Além disso, esses riscos são riscos físicos, só afetam ao corpo.

Quando te digo vive perigosamente, não me refiro ao risco físico a não ser ao psicológico e, finalmente, ao risco espiritual. A religiosidade é um risco espiritual. Leva-nos a tanta altura que talvez não possamos retornar. Esse é o significado do término anagamin da Buda: aquele que nunca retorna. É chegar muito alto, a um lugar sem retorno... depois simplesmente te perde. Não retorna jamais.

Quando digo vive perigosamente, não me refiro a viver uma vida ordinária de respeitabilidade, ser o prefeito da cidade, ou o membro de uma associação. Isso não é vida. Ou ser ministro, ter uma boa profissão e um bom salário, e ver como se acumula o dinheiro em seu banco e como tudo vai à perfeição. Quando tudo vai perfeitamente, note, está-te morrendo mas não passa nada. A gente te pode respeitar e quando morrer haverá uma grande procissão. Muito bem, isso é tudo; publicarão sua foto nos periódicos e escreverão editoriais, e depois a gente se esquecerá de ti. E viveste toda a vida para isto.

Observa-o, pode-se perder toda a vida em coisas ordinárias, mundanas. Ser espiritual significa entender que não deveríamos dar muita importância a estas pequenas coisas. Não estou dizendo que sejam insignificantes. Digo que têm importância, mas não tanta como criam.

O dinheiro é necessário. O dinheiro é uma necessidade. Mas o dinheiro não é o fim e não pode sê-lo. Evidentemente, é necessária uma casa. É uma necessidade. Não sou um

asceta e não quero que destrua sua casa e fuja à Himalaya. Necessita uma casa, mas é você quem necessita a casa, e não viceversa. Não o interprete mal.

Por isso posso ver, todo o assunto está do reverso. É como se fossem necessários para a casa; trabalham para a casa. É como se fossem necessários para a conta do banco; acumulam dinheiro e depois morrem. E não viveram. Nunca tiveram um momento de vida vibrante, total. Estão aprisionados em sua segurança, familiaridade, respeitabilidade.

Depois, é normal que esteja aborrecido. As pessoas me dizem que estão muito aborrecidas. Que estão fartas, estancadas, o que podem fazer? Acreditam que basta repetir um mantra para voltar a estar vivo. Não é tão singelo. Terão que trocar o padrão de vida.

Ama, mas não pense que amanhã essa mulher seguirá a sua disposição. Não espere nada. Não reduza à mulher a uma esposa. Então, estará vivendo perigosamente. Não reduza ao homem a um marido, porque um marido é algo horrível. Deixa que seu homem seja seu homem e sua mulher sua mulher, e não volte predecible o futuro. Não espere nada e estate preparado para tudo. Isso é o que quero dizer quando digo vive perigosamente.

O que é o que fazemos? Apaixonamo-nos por uma mulher e em seguida começamos a ir ao tribunal, ao registro e à igreja para nos casar. Não estou dizendo que não te case. É uma formalidade. De acordo, pode satisfazer à sociedade mas, no fundo de sua mente, não possui nunca à mulher. Não diga nunca: «Pertence-me. » Porque, como te pode pertencer uma pessoa? E quando começa a possuir a uma mulher, ela começará a te possuir a ti. Então, já não estão apaixonados. Só estão lhes esmagando e lhes matando mutuamente, lhes paralisando.

Ama, mas não deixe que seu amor se reduza a um matrimônio. Trabalha —o trabalho é necessário— mas não permita que o trabalho se converta em sua vida. O jogo deveria ser sua vida, o centro de sua vida. O trabalho só deveria ser um meio que te conduz ao jogo. Trabalha no escritório, trabalha na fábrica e na loja, mas para ter tempo e oportunidades de jogar. Não permita que sua vida se reduza a uma rotina de trabalho, porque o objetivo da vida é o jogo!

Jogar significa fazer algo por si mesmo. Se desfrutar de muitas coisas por si mesmos, estará mais vivo. É obvio, sua vida sempre terá riscos, perigos. Mas a vida tem que ser assim. O risco forma parte dela. De fato, o risco é a melhor parte, o melhor da vida. A parte mais formosa é o risco. Cada momento é um risco. Possivelmente não te dê conta... Inala, exala. Inclusive quando exala, quem sabe se voltará a respirar ou não? Não pode estar seguro, não está garantido.

Mas há pessoas cuja religião é a segurança. Embora falem de Deus, falam de Deus como a segurança suprema. Se pensarem em Deus, só pensam nele porque têm medo. Se rezarem e meditam, é para seguir estando bem com ele, bem com Deus: «Se houver um Deus, saberá que sempre ia a missa, que lhe elogiava. Posso dar fé disso. » Inclusive sua oração é um meio.

Viver perigosamente significa viver a vida como se cada momento fosse um fim em si mesmo. Cada momento tem um valor intrínseco, e não tem medo. Sabe que a morte está aí, e aceita o fato de que esteja aí. Desfruta desses momentos nos que te encontra com a morte fisicamente, psicologicamente, espiritualmente.

Desfrutar dos momentos nos que entra em contato direto com a morte —quando a morte é quase uma realidade—, é o que quero dizer vivendo perigosamente.

Os que são corajosos, atiram-se de cabeça. Procuram todas as oportunidades de perigo. Sua filosofia de vida não é a das companhias seguradoras. Sua filosofia de vida é a de um escalador, um esquiador, um surfista. E não fazem surfe só nos mares exteriores;

surfeiam em seus mares internos. E não só escalam os Alpes e o Himalaya mas sim procuram cúpulas internas.

Mas tenha em conta uma coisa: não se esqueça nunca da arte de arriscar. Segue sendo capaz de arriscar. Sempre que encontrar uma oportunidade de risco, não a desperdice, e assim não será um perdedor. O risco é a única garantia que tem de estar realmente vivo.

FAÇA O QUE FAÇA, A VIDA É UM MISTÉRIO

A mente tem problemas para aceitar a idéia de que há coisas inexplicáveis. A mente tem um grande desejo de explicá-lo tudo... e se não o explica, ao menos de justificá-lo! Tudo o que é um enigma, uma paradoxo, segue causando preocupação na mente.

A história da filosofia, da religião, da ciência, das matemática, têm a mesma origem, a mesma mente... o mesmo prurito. Você te pode arranhar de uma maneira e outra pessoa de outra... mas tem que compreender o prurito. O prurito é a crença de que a existência não é um mistério. A mente só está cômoda quando se desmitifica a existência.

A religião o conseguiu criando a Deus, ao Espírito Santo, ao Filho encarnado de Deus; cada religião cria algo diferente. É a forma de cobrir um buraco que não se pode cobrir; faça o que faça o buraco segue aí. De fato, quanto mais o cobre, mais ênfase faz nele. O mesmo esforço de cobri-lo mostra seu medo de que alguém possa chegar a vê-lo.

A história da mente, em seus diferentes ramos, esteve pondo emplastos; especialmente nas matemática, porque as matemática só são um jogo da mente. Há matemáticos que não acreditam que isto seja ver, igual a há teólogos que acreditam que Deus é uma realidade. Deus é só uma idéia. Se os cavalos tivessem idéias, seu Deus seria um cavalo. Pode estar absolutamente seguro de que não será um homem, porque o homem foi tão cruel com os cavalos que só lhe podem conceber como o demônio, e não como Deus. Mas, todos os animais têm seu próprio conceito de Deus, do mesmo modo que a raça humana tem seu conceito de Deus.

Quando a vida é misteriosa e encontra os que não pode preencher com a realidade, substitui-os por conceitos. Cheias esses os com conceitos; começa a te sentir satisfeito porque pelo menos entende a vida.

Alguma vez pensaste na palavra <<entender>>? Significa que algo está debaixo de ti. É curioso que esta palavra tenha adotado um significado que, pouco a pouco, foi-se afastando da idéia original: é o amo de tudo o que está debaixo de ti, pelo que tem em suas mãos, pelo que está sob seu poder, sob sua sola.

A gente tentou entender a vida do mesmo modo para poder pô-la sob seus pés e declarar: «Somos os amos. Agora não há nada que não possamos entender. »

Mas não é possível. Faça o que faça, a vida é um mistério e seguirá sendo um mistério.

EM TODAS PARTES HÁ UM MAIS À FRENTE. Estamos rodeados pelo mais à frente. Esse mais à frente é Deus; tem que penetrar no mais à frente. Está dentro, está fora, sempre está aí. Mas se se esquece de que existe... isto é o que estamos acostumados a fazer normalmente, porque é incômodo olhar ao mais à frente, é embaraçoso. É como olhar um abismo, começa a tremer, sente-se mau. Basta sendo consciente de que há um abismo para que comece a sentir medo. Ninguém olhe ao abismo; olhamos em outras direções, evitamos a realidade. A realidade é como um abismo, porque a realidade é um grande vazio. É um vasto céu sem limites. Buda diz durangama: estate aberto ao mais à frente. Não ponha limites, transborda os limites. Ponha limites se os necessitar, mas recorda que tem que transpassá-los. Não fabrique prisões.

Criamos muitos tipos das prisões: as relações, as crenças, a religião, todos eles são prisões. Sente-se cômodo porque não sopra vento forte. Sente-se protegido, embora o

amparo seja falso, porque chegará a morte e te levará a mais à frente. antes de que chegue a morte e te leve a mais à frente, vete por seu próprio pé.

Um conto:

Um monge zen estava a ponto de morrer. Era muito velho, tinha noventa anos. De repente, abriu os olhos e disse: —Onde estão meus sapatos?

O discípulo lhe respondeu: —Aonde vai? Tornaste-te louco? Está morrendo, e o médico há dito que não tem remédio, só ficam uns minutos mais.

—Por isso quero os sapatos —disse—, eu gostaria de ir ao cemitério, não quero que me arrastem até ali. Irei por meu próprio pé e me encontrarei ali com a morte. Não quero que me arrastem. E já me conhece, nunca me apoiei em ninguém. Seria horrível que me tivessem que levar quatro pessoas. Não.

Foi caminhando até o cemitério. E não só isso, mas também cavou sua própria tumba, deitou-se nela e morreu. A coragem de aceitar o desconhecido, a coragem de ir por seu pé e lhe dar a bem-vinda ao mais à frente! Então, a morte se transforma, a morte já não é morte.

Um homem tão corajoso não morre nunca; a morte é derrotada. Um homem tão corajoso vai além da morte. Então, o mais à frente lhe dá a bem-vinda. Se te der a bem-vinda ao mais à frente, o mais à frente te dá a bem-vinda; o mais à frente sempre te devolve um eco.

A VIDA SEMPRE É O DESCONHECIDO

O ego te rodeia como se fosse um muro. Convince-te de que te vai proteger te rodeando. É a sedução do ego. Repete-te uma e outra vez: «Se eu não estiver, não estará protegido, estará muito vulnerável, haverá muitos riscos. Deixa que te proteja, deixa que te rodeie. »

Sim, o ego te dá um certo amparo, mas o muro também se converte em sua prisão. Há um certo amparo, do contrário, ninguém sofreria a infelicidade que te produz o ego. Há um certo amparo, protege-te contra os inimigos, mas também te protege contra os amigos.

É como fechar a porta e te esconder detrás porque tem medo ao inimigo. Se chegar um amigo se encontrará com a porta fechada, não poderá entrar. Se tiver muito medo ao inimigo, o amigo tampouco poderá entrar. Se abrir a porta ao amigo, há riscos de que entre também o inimigo.

Terá que pensar muito nisto, é um dos problemas maiores da vida. E só alguns corajosos o abordam corretamente, o resto se acovarda e se esconde, e assim perdem toda sua vida.

A vida é arriscada, a morte não tem riscos. Morre, e já não tem problemas nem te vai matar ninguém, porque como lhe vão matar se já está morto? te coloque em uma tumba e terminaste! Não haverá enfermidade, não haverá sofrimento, não haverá nenhum problema, terá-te tirado de cima todos os problemas.

Mas se estiver vivo, haverá milhões de problemas. quanto mais viva está uma pessoa, mais problemas tem. Mas isto não é mau, porque brigar com os problemas, lutar com o desafio, é a forma de crescer.

O ego é um muro sutil a seu redor. Não permite que entre ninguém dentro de ti. Sente-se protegido, seguro, mas esta segurança é como a morte. É a segurança da planta dentro da semente. A planta tem medo de brotar, porque quem sabe?, O mundo é muito perigoso e a planta é tão débil, tão frágil. Atrás do muro da semente, escondida na cela, está protegida.

Imagine a um bebê no ventre de sua mãe. Tem tudo o que necessita, qualquer que seja a necessidade, esta se verá coberta imediatamente. Não há preocupações, não há luta, não há futuro. O menino é ditoso. A mãe cobre todas suas necessidades.

Mas você gostaria de ficar para sempre no ventre de sua mãe? Protege-te. Se lhe dessem a escolher, permaneceria sempre no ventre de sua mãe? É muito cômodo, o que pode haver mais cômodo? Os cientistas dizem que não conseguimos nenhuma situação mais cômoda que o ventre da mãe. Aparentemente, o ventre é o máximo, o último quanto a comodidade se refere. É muito confortável: não há preocupações, não há problemas, não tem que trabalhar. É existência pura. Te provê automaticamente de tudo, surge uma necessidade e em seguida lhe subministram o que necessita. Nem sequer tem que tomar a moléstia de respirar, a mãe respira pelo filho. Não tem que preocupar-se da comida, a mãe come pelo filho.

Mas você gostaria de ficar no ventre materno? É muito cômodo, mas não é vida. A vida sempre é o desconhecido. A vida está fora.

A palavra inglesa «êxtase» é muito significativa. Significa sobressair. Êxtase significa sair, sair de todos os carapaças, de tudo os amparos, de todos os egos e as comodidades, das paredes de morte. Estar enlevado é sair, ser livre, te mover, ser um processo, ser vulnerável para que possam te atravessar os ventos.

Há uma expressão, às vezes dizemos: «Foi uma experiência sobressalente. » Isto é exatamente o significado de êxtase: sobressalente.

Quando se abre uma semente e começa a manifestá-la luz que estava escondida detrás, quando nasce um menino e deixa atrás o ventre, quando deixa atrás todas as comodidades e as vantagens, quando entra em um mundo desconhecido, há êxtase. Quando um pássaro rompe o casca de ovo e voa para o céu, há êxtase.

O ego é o ovo e tem que sair fora. Vive em êxtase! Sal de tudo os amparos, os carapaças e as seguranças. Então, alcançará um mundo mais amplo, mais vasto, mais infinito. Só assim estará vivo, e viverá com abundância.

Mas o medo te paralisa. antes de sair do ventre, o menino também está duvidando se sair ou não. Ser ou não ser? Dá um passo adiante e outro atrás. Possivelmente por isso a mãe tem que padecer tanto dor. O menino duvida, o menino não está preparado para viver em êxtase. O passado atira para trás e o futuro para diante, o menino está dividido. Este é o muro da indecisão: aferrar-se ao passado, aferrar-se ao ego. E o leva a todas partes. Às vezes, em estranhos momentos, quando está muito acordado e muito vivo, será capaz de vê-lo. Do contrário, embora seja um muro muito transparente, não será capaz de vê-lo. Pode viver muitas vidas —não uma só vida, a não ser muitas— sem te dar conta que vive em uma cela isolada, sem janelas, o que Leibnitz chamava «mónada. Sem portas nem janelas, está encerrado dentro mas é transparente, é um muro de cristal. Deve renunciar a seu ego. Tem que te armar de valor e estelar o contra o chão. A gente segue alimentando o de milhões de formas, sem saber que estão alimentando seu próprio inferno.

A senhora Cochrane estava de pé ao lado do ataúde de seu recém falecido algemo. Seu filho estava agarrado do braço. Afligido-los amigos foram passando de um em um.

—Agora já não sofre —disse o senhor Croy—. Do que morreu?

—Pobre homem—deixo senhora Cochrane—. morreu que gonorréia!

Outra mulher se aproximou do corpo. —Já aconteceu tudo —disse—. Tem um sorriso de serenidade no rosto. Do que morreu?

—morreu que gonorréia! —disse a viúva.

De repente, o filho separou à mãe para lhe dizer: —Mamãe, não diga algo tão terrível de papai. Não morreu que gonorréia. morreu que diarreia!

—Já sei —disse a senhora Cochrane—. Mas prefiro que pensem que morreu como herói e não como a mierda que foi.

Estão mentindo até o final.

O ego não permite que seja sincero, obriga-te a ser falso. O ego é a mentira, mas tem que chegar a essa conclusão. Precisa ter muita coragem porque quando se desmoralizar cairá com ele tudo o que estiveste defendendo até agora. Desmoralizará-se todo seu passado. Você se desmoralizará completamente. Haverá alguém aí, mas essa pessoa não será você. Surgirá dentro de ti uma identidade descontínua, nova, sem corromper pelo passado. Já não haverá muros; em qualquer lugar que esteja, verá o infinito sem limites. O ancião entrou em seu bar favorito, e viu que a garçonete habitual tinha sido substituída por uma nova. Ao princípio ficou perplexo, mas lhe disse galantemente que era «a garota mais bonita que tinha visto desde fazia muito tempo.

A nova garçonete, uma mulher ativa, negou com a cabeça e disse secamente: —Sinto muito, não posso lhe devolver o completo.

—Bueno, querida —disse o ancião plácidamente—. Poderia ter feito quão mesmo eu. Poderia ter mentido.

Todas nossas formalidades servem para ajudar ao ego do outro. São mentiras. Diz-lhe algo a alguém e te devolve o completo. Nem você nem ele estão sendo sinceros. Seguimos jogando ao mesmo: etiqueta, formalidades, caras civilizadas e máscaras.

Mais tarde terá que te enfrentar ao muro. E, pouco a pouco, o muro será tão grosso que não será capaz de ver nada. O muro se vai fazendo cada vez mais grosso, portanto, não espere. Se tiver chegado a sentir que está rodeado por um muro, tire-lhe isso Salte fora! Para te sair dele só tem que tomar a decisão, nada mais. A partir de manhã deixa de alimentá-lo. Sempre que te dê conta de que o está defendendo, detenha. Em poucos dias notará que morreu, porque necessita seu apoio constante, necessita que o amamente.

A CORAGEM ABSOLUTA: SEM PRINCÍPIO NEM FINAL

Há muitos medos mas, basicamente, são vergôntes de seu próprio medo, são ramos da mesma árvore. O nome desta árvore é morte. Possivelmente não te dê conta de que o medo está relacionado com a morte, mas todos os medos estão relacionados com a morte.

O medo só é uma sombra. Possivelmente não seja tão evidente se tiver medo de ir à bancarrota, mas realmente tem medo de ficar sem dinheiro e te fazer mais vulnerável à morte. A gente economiza dinheiro para proteger-se, embora saibam perfeitamente que não há nenhuma forma de proteger-se contra a morte. Entretanto, terá que fazer algo. Pelo menos, mantém-te ocupado, e te manter ocupado é uma espécie de inconsciência, uma espécie de droga.

portanto, do mesmo modo que há alcoólicos, há viciados no trabalho. Sempre se mantêm ocupados com algum trabalho, não podem deixar de trabalhar. Dão-lhes medo as férias; não podem ficar sem fazer nada. São capazes de ler o periódico que já têm lido três vezes pela manhã. Querem seguir ocupados, porque é um pano de fundo entre eles e a morte. Mas se limitamos ao essencial, o único medo que há é o medo à morte.

É importante dar-se conta de que outros medos só são vergôntes, porque se conhecer as raízes, pode-se fazer algo. Se o medo básico e fundamental é a morte, então, poderá fazer algo para não ter medo, quer dizer, ter uma experiência de consciência imortal. Nada mais —nem dinheiro, nem prestígio, nem poder—, não há nada que te assegure contra a morte exceto uma profunda meditação... que te revela que seu corpo morrerá, sua mente morrerá, mas você está além da estrutura corpo—MENTE. Seu núcleo essencial, a fonte essencial de sua vida esteve aí antes de que você existisse, e seguirá estando depois de que desapareça. trocou muitas vezes de forma; evoluiu através de muitas formas. Mas nunca desapareceu, esteve aí desde o começo. E não desaparecerá até o final, se é que há um final... porque não acredito em princípios nem finais.

A existência não tem princípio nem final. Sempre estive aí e você sempre estivereste aí. As formas podem trocar; as formas trocam inclusive nesta vida.

O dia que entrou no ventre de sua mãe não foi maior que o ponto em um signo de interrogação. Se lhe ensinassem uma fotografia, não te reconheceria. De fato, inclusive antes disso...

Duas pessoas estavam discutindo quanto podiam recordar, a partir de que momento podiam recordar algo. Um deles podia recordar sua infância dos três anos. O outro disse: —Isso não é nada. Eu recordo o dia que minha mãe e meu pai se foram de picnic. Quando fomos ao picnic, estava dentro de meu pai. Quando voltamos do picnic estava dentro de minha mãe!

Pode te reconhecer quando estava dentro de seu pai? Podem-lhe ensinar uma fotografia; podem aumentá-la para que a veja simples vista, mas não te poderá reconhecer. Mas é a mesma forma de vida, é a mesma fonte de vida que está pulsando dentro de ti agora mesmo.

Está trocando todos os dias. Tampouco seria capaz de te reconhecer nada mais nascer, quando só tinha um dia. Dirá: —meu deus, esse sou EU? —Tudo troca; fará-te velho e se irá a juventude. A infância se foi para sempre, chegará a morte. Mas só morrerá a forma, não a essência. E o que estive trocando toda sua vida só era a forma.

Sua forma troca em cada momento. A morte não é mais que mudança, uma mudança vital, uma mudança maior, uma mudança mais rápida. Da infância à juventude... não pode distinguir quando te deixou a infância e quando chegou a juventude. Da juventude à maturidade... as coisas são tão graduais que nunca poderá dizer quando, que dia, que ano, abandonou-te a juventude. A mudança é muito paulatina e lenta.

A morte é um salto quântico de um corpo a outro, de uma forma a outra. Mas não é um final.

Nunca nasceste e nunca morrerá.

Sempre estivereste aqui. As formas vêm e vão, e o rio da vida continua. A menos que o experimente, não perderá o medo à morte. Só a meditação... só a meditação pode te ajudar.

Lhe posso dizer isso eu, lhe podem dizer isso as escrituras, mas não servirá de nada; seguirá duvidando. Quem sabe, possivelmente lhe estejam mentindo, ou possivelmente eles mesmos tenham sido enganados. Ou possivelmente lhes enganou outra informação, outros professores. Se segue havendo dúvida, o medo seguirá estando aí.

A meditação te enfrenta à realidade.

Quando consegue saber por sua conta o que é a vida, não se preocupa a morte.

Pode ir mais à frente... Está em seu poder e é seu direito. Mas terá que fazer um pequeno esforço para passar da mente a não—MENTE.

NO MOMENTO QUE NASCE UM MENINO, CRIE QUE É O COMEÇO DE SUA VIDA. Isso não é verdade. No momento que morre um ancião, crie que é o fim de sua vida. Não o é. A vida é muito maior que o nascimento e a morte. O nascimento e a morte não são dois extremos da vida; na vida há muitas mortes e muitos nascimentos. A vida mesma não tem princípio nem fim; a vida e a eternidade são equicorajosos. Mas não pode compreender facilmente como se converte a vida em morte; é difícil de conceber.

Há várias coisas inconcebíveis no mundo, e esta é uma delas: não pode conceber que a vida se transforme em morte. Em que momento deixa de ser vida e se transforma em morte? Onde pode pôr o limite? Tampouco pode marcar o limite do nascimento, o momento em que começa a vida: é quando nasce o menino ou quando é concebido? Mas inclusive antes da concepção, o óvulo da mãe estava vivo, e o espermatozóide do

pai estava vivo... não estavam mortos, porque a união de duas coisas mortas não pode resultar em vida. Quando nasce o menino? A ciência ainda não foi capaz de decidir-se. Não há forma de decidir-se, porque a mãe leva os óvulos no útero desde seu nascimento...

Terá que aceitar uma coisa, que a metade de seu ser está vivo em sua mãe, inclusive antes da concepção. E seu pai contribui à outra metade, a qual também está viva. Quando os espermatozóides saem do corpo de seu pai estão vivos, mas não têm uma vida longa, só duram duas horas. Têm duas horas para unir-se com o óvulo materno. Se não se unirem, começarão a dar voltas por aqui e por lá...

Não há dúvida de que cada espermatozóide tem uma personalidade característica. Alguns são vagos, enquanto outros vão correndo para o óvulo eles ficam dando um passeio. Desta forma alguma vez chegarão, mas que culpa têm? Estas características estão pressentem desde seu nascimento: não podem correr, preferem morrer, e nem sequer se dão conta do que vai acontecer.

Mas há outros que são campeões olímpicos, imediatamente ficam a correr. E há uma grande competência, porque não se trata de alguns centenares de células que correm para o único óvulo materno... O útero materno tem uma reserva de óvulos limitada, e só libera um óvulo ao mês. Por isso a mulher tem um período cada mês; cada mês se libera um óvulo. Só um espermatozóide de toda essa turfa, que consiste em milhões de células vivas... realmente é um grande problema filosófico!

Não é nada, só é a biologia; o problema é que de tantos milhões de pessoas, só nasce uma. E os quais são os outros milhões que não chegam ao óvulo materno? Na Índia, este é o argumento que utilizaram os eruditos hindus, os pandits, os shankaracharyas, contra o controle da natalidade.

Índia é inteligente na hora de dar argumentos. A Batata está contra o controle da natalidade mas não tem nem um só argumento. Seu homólogo hindu pelo menos tem argumentos muito válidos. Um deles é: quando terá que deixar de engendrar meninos? depois de ter dois ou três filhos? Dizem que Rabindranath Tagore era o decimoterceiro filho de seus pais; se tivessem praticado o controle de natalidade, Rabindranath não existiria.

Este argumento parece válido porque o controle da natalidade significa deter-se depois de ter dois meninos, como muito, três; não corre nenhum risco, já que um deles pode morrer ou pode acontecer algo. Pode ter dois filhos para te substituir a ti e a sua mulher, e assim não aumenta a população; mas Rabindranath era o decimoterceiro filho de seus pais. Se se tivessem detido na dúzia, Rabindranath também teria perdido o trem. Mas quantos Rabindranaths perdem o trem?

Estava falando com um dos shankaracharyas: —Muito bem —lhe disse—, como argumento posso dizer que é verdade: nos teríamos ficado sem o Rabindranath Tagore. Mas estou disposto a renunciar a ele. Se todo o país pode viver em paz, ter suficientes mantimentos, suficiente roupa, todas as necessidades básicas cobertas, acredito que vale a pena. Estou disposto a perder a um Rabindranath Tagore, não é muito. Terá que sopesá-lo: milhões de pessoas morrendo de fome para que exista um Rabindranath Tagore? Todos os pais têm que chegar a ter treze filhos? E o décimo quarto? E o décimo quinto?

te esqueça das cifras pequenas; cada vez que um homem faz o amor libera milhões de espermatozóides, e cada vez que um homem faz o amor não se concebe um menino. Há milhões de pessoas que desaparecem cada vez que se faz o amor. Nunca saberemos quantos prêmios Nobel havia, quantos presidentes, quantos primeiros ministros... todo tipo de pessoas.

Eu faço o seguinte cálculo: se um homem tiver relações sexuais normais, dos quatorze até os quarenta e dois anos liberará tantos espermatozóides como população tem a Terra. Um só homem poderia povoar toda a Terra —súper povoá-la!— e já está superpoblada. Todas essas pessoas serão indivíduos únicos, sem nada em comum exceto sua humanidade.

Não, a vida tampouco começa aí; a vida começa antes. Mas, para ti só é uma hipótese, e para mim é uma experiência. A vida começa ao morrer em sua vida passada. Quando morre, por um lado, fecha um capítulo de sua vida que a gente pensa que é toda sua vida. Só é um capítulo de um livro que tem infinidade de capítulos. fecha-se um capítulo, mas não se fecha o livro. Volta a página e começa o seguinte capítulo.

Uma pessoa que se está morrendo começa a imaginar-se sua próxima vida. É um fato que conhece, porque acontece antes de acabar o capítulo. de vez em quando, há pessoas que voltam do limite da vida. Por exemplo, uma pessoa que se estava afogando mas, entretanto, salva-se. Estava quase em vírgula, tiveram que lhe tirar a água e lhe aplicar a respiração artificial, mas consegue salvar-se. Esteve a ponto de fechar este capítulo. Essas pessoas deram informação de feitos muito interessantes.

Um destes fatos é que, no último momento, quando sentarem que se estão morrendo, que se terminou tudo, recordam toda sua vida como um brilho, do nascimento até esse momento. Em uma décima de segundo vêem tudo o que lhes aconteceu em sua vida, tudo o que recordam e também costure que não recordavam; muitas coisas que nem sequer tinham tido em conta e que não sabiam que estavam guardadas em sua memória. O filme de sua vida na memória passa muito depressa, é uma centelha, e tem que acontecer em uma décima de segundo porque a pessoa se está morrendo, não fica tempo, umas três horas para ver tudo o filme.

Embora veja tudo o filme não poderá contar a vida de uma pessoa com todos os pequenos e insignificantes detalhes. Mas toda sua vida passa por diante, isto é um fenômeno certo e muito importante. antes de acabar o capítulo recorda todas suas experiências, seus desejos insatisfeitos, suas expectativas, suas decepções, frustrações, sofrimentos, alegrias... tudo.

Buda tem uma palavra, chama-o tanha. Literalmente, significa desejo, mas metaforicamente significa toda uma vida de desejo. aconteceram todas essas coisas: frustrações, satisfações, decepções, êxitos, fracassos... mas tudo isto aconteceu no campo do que pode chamar desejo.

A pessoa agonizante tem que organizá-lo tudo antes de seguir, simplesmente para podê-lo recordar porque o corpo se está indo: esta mente já não vai estar com ele, este cérebro não vai estar com ele. Mas o desejo que se desprende de sua mente seguirá obstinado a seu espírito e este desejo decidirá sua vida futura. Terá como objetivo dirigir-se a tudo o que não pôde cumprir.

Sua vida começa muito antes de seu nascimento, antes do embarço de sua mãe, muito antes, ao final de sua vida passada. Esse é o princípio desta vida. fecha-se um capítulo e se abre outro. O noventa e nove por cento dessa nova vida estará determinado pelo último momento de sua morte. O que reuniste, o que traz contigo em forma de semente... essa semente se converterá em uma árvore, dará frutos, dará flores, ou o que lhe aconteça. Não pode ler dentro da semente, mas essa semente esconde o anteprojeto.

Há possibilidades de que algum dia a ciência seja capaz de ler o programa da semente; que tipo de ramos terá a árvore, quanto viverá, o que lhe acontecerá. Porque o anteprojeto já está ali, mas não conhecemos a linguagem. Tudo o que acontecerá já está presente em potência.

O que faz no momento de sua morte determina como será seu nascimento. A maioria da gente morre aferrando-se. Não querem morrer, e é compreensível que não queiram

morrer. Quando chega o momento da morte se dão conta que não viveram. Lhes aconteceu a vida como se fosse um sonho, e chegou a morte. Agora já não fica tempo para viver, a morte está batendo na porta. Quando ficava tempo para viver, estava fazendo mil e uma tolices, perdendo o tempo em lugar de viver a vida.

Quando lhe pergunto às pessoas que joga às cartas e ao xadrez:

—O que estão fazendo?

Respondem-me: —Matar o tempo.

Desde que era pequeno estive contra a expressão «matar o tempo. Meu avô era um grande jogador de xadrez, e eu lhe perguntava: —Está-te fazendo velho e segue matando o tempo. Não te dá conta de que, em realidade, o tempo te está matando a ti?

Mas segue dizendo que está matando o tempo. Nem sequer sabe o que é o tempo, não sabe onde está. Agarra-o e insígnia me o Todas estas expressões de que o tempo está fugaz, que acontece, que se vai, só são uma espécie de consolo. Em realidade, é você o que se está consumindo em cada momento. E segue pensando que é o tempo o que acontece, como se você ficasse enquanto o tempo passa! O tempo está onde está; não passa. Os relógios são um invento do homem para medir o passado do tempo que não passa absolutamente.

Na Índia, no Punjab... se viajar pelo Punjab não pergunte a ninguém: «O que é o tempo?», Porque se casualmente são as doze lhe golpearão e sairá vivo de milagre. É por uma razão muito filosófica, mas quando a filosofia está em mãos disto parvos é o que acontece.

Nanak, o fundador do sikhismo, disse que o momento do samadhi, da iluminação, é como quando os dois ponteiros de relógio do relógio marcam as doze, quando deixam de ser dois. Só estava pondo um exemplo: no momento do samadhi a dualidade de seu ser se dissolve e alcança a unidade. Isto mesmo acontece com a morte. Explicou mais tarde que o mesmo acontecia com a morte: de novo os dois ponteiros de relógio que se estiveram movendo por separado, unem-se e se detêm, convertem-se em uma, volta-te um com a existência.

Assim, no Punjab, as doze se converteram no símbolo da morte. Se perguntar a algum sardarji*: «Que horas são?», E dá a casualidade de que são as doze, começará a te golpear porque significa que te está burlando dele, está-lhe amaldiçoando com a morte. No Punjab quando vêem uma pessoa com a cara larga, infeliz, preocupada, dizem: «Tem cara de doze em ponto. » Vi sardars adiantar o relógio rapidamente; quando são as doze o adiantam cinco minutos. Não o deixam nas doze; dói-lhes que seu próprio relógio se burle deles. As doze só lhes recorda a miséria, a tristeza, a morte, esqueceram-se completamente do samadhi, que é o que Nanak estava tentado explicar.

Quando alguém morre —quando chegam as doze para ele— se aferra à vida. Toda a vida pensando que o tempo passa e agora sente que é ele quem se vai, que é ele quem passa. Aferrar-se não servirá de nada. sente-se tão desgraçado, a infelicidade é tão insuportável que quase todo mundo entra em uma espécie de inconsciência, em um vírgula, antes de morrer. perdem-se a lembrança de toda sua vida.

Se não te aferrar quando chega a morte, se não ter desejos de seguir vivo nem um segundo mais, morrerá conscientemente, porque não é necessário que a natureza te deixe inconsciente ou te obrigue a entrar em vírgula. Ao morrer estará alerta e recordará todo o passado. Será capaz de ver que tudo o que fez foi estúpido.

Há desejos que se cumpriram, mas o que ganhaste? Há desejos que não se cumpriram e sofreste, mas que vontades quando se cumprem? É um estranho jogo no que sempre perde, dá igual a ganhe ou perca.

Seus prazeres não eram nada, só assina na água, e sua dor estava gravada em pedra. sofreste toda essa dor por umas assinaturas na água. sofreste toda a vida por umas

quantas alegrias que parecem brinquedos a estas alturas, desde este lugar, desde este ponto onde pode ver o vale de sua vida. Os êxitos também são fracassos. Os fracassos, é obvio, foram fracassos, mas os prazeres não foram mais que incentivos para padecer dor.

Sua euforia só era uma função de sua faculdade de sonhar. Vai com as mãos vazias. Toda esta vida foi um círculo vicioso: sempre estiveste nesse círculo, dando voltas e voltas. Não chegaste a nenhuma parte porque, se te mover em círculos, como vais chegar a nenhuma parte? O centro, em qualquer parte do círculo que estivesse, sempre estava à mesma distância.

houve êxitos, houve fracassos, houve prazer, houve dor; houve miséria e houve felicidade. Todo isso acontecia no círculo mas no centro, seu ser sempre estava eqüidistante de qualquer ponto. Enquanto estava no círculo era difícil de distinguir, estava muito comprometido, formava parte disso. Mas agora, de repente, não tem nada em suas mãos, está vazio.

Kahlil Gibran tem uma frase em sua obra professora, O profeta... À—a Mustafa, o profeta, chega correndo às pessoas do povo que trabalha nas granjas e lhes diz: —Meu navio chegou, chegou o momento de ir. vim para jogar uma olhada a tudo o que aconteceu e o que não aconteceu. antes de embarcar tenho um grande desejo de ver como foi minha vida aqui.

A frase que lhes ia recordar é... ele diz: —Sou como um rio que está chegando ao mar. O rio espera um momento para jogar a vista atrás e ver todo o terreno pelo que correu: selvas, montanhas, gente. foi uma vida rica com milhares de quilômetros, e agora, em um só instante, dissolverá-se tudo. Igual ao rio que está a ponto de desembocar no mar quer jogar a vista atrás, eu também quero jogar a vista atrás.

Mas só é possível jogar a vista atrás quando não te aferra ao passado; porque se não, terá tanto medo de perdê-lo que não terá tempo de observá-lo, de vê-lo. Só dura uma décima de segundo. Se um ser humano morre estando alerta, vendo todo o terreno que cruzou e vendo toda a estupidez, automaticamente nascerá com acuidade, com inteligência, com coragem. Não é que ele faça algo.

A gente me pergunta: —Inclusive quando foi um menino foi sagaz, corajoso, inteligente; eu não sou tão corajoso nem sequer agora... —O motivo é que eu morri em minha vida passada de uma forma diferente à sua. Isso marca a diferença, porque nasce do mesmo modo que morre. Sua morte é uma cara da moeda, seu nascimento é a outra cara.

Se na outra cara havia confusão, miséria, preocupação, apego, desejo; nesta cara não poderá esperar acuidade, inteligência, coragem, claridade, consciência. Todo isso não estará garantido absolutamente; não pode esperá-lo.

Por isso é muito singelo mas muito difícil de explicar porque, de um princípio, não tenho feito nada nesta vida para ser corajoso, agudo ou inteligente.

Só me dava conta mais tarde que quão estúpidas eram algumas pessoas. Isto o observei mais tarde; mas antes não me dava conta de que era corajoso. Acreditava que todo mundo era igual. Só mais tarde me dava conta de que não todo mundo é igual.

Quando comecei a crescer, comecei a recordar minha vida passada e minha morte, e recordei o facilmente que tinha morrido; não só facilmente, mas também com entusiasmo. Estava mais interessado em conhecer quão desconhecido tãha por diante, que em quão conhecido já tinha visto. Nunca joguei a vista atrás. Minha vida sempre foi assim: não olhar atrás. Não tem sentido. Não pode voltar, logo, para que perder o tempo? Sempre Miro para diante. Olhava para diante inclusive quando me estava morrendo, e isso me deixou claro que eu não tinha os freios que impede a outros fazer coisas.

Esses freios provêm do medo ao desconhecido. Aferra-te ao passado e tem medo de entrar no desconhecido. Está te aferrando ao conhecido, ao familiar. Pode ser doloroso, pode ser horrível mas, pelo menos, conhece-o. chegaste a cercar certa amizade com isso.

Surpreenderá-te, mas esta é a experiência que tenho com milhares de pessoas: aferram-se a sua desgraça pelo simples feito de que cercaram certa amizade com a desgraça. viveram tanto tempo com ela que se a deixassem agora seria quase como um divórcio.

É o mesmo caso do matrimônio e o divórcio. O homem pensa no divórcio umas doze vezes ao dia; a mulher também mas, de alguma forma, vai sorteando, vivem juntos pelo simples feito de que os dois têm medo ao desconhecido. Este homem é mau, de acordo, mas quem sabe como será outro homem? Possivelmente seja pior. E pelo menos te acostumaste à maldade deste homem, a sua falta de carinho, e o consegue agüentar. Agüentaste-o, também te tornaste insensível. Com um homem novo nunca sabe, terá que partir de zero outra vez. Por isso a gente se aferra ao que conhece.

Note nas pessoas na hora de morrer. Seu sofrimento não é a morte. A morte não dói, é absolutamente indolor. É agradável, é como um sonho profundo. O sonho te parece doloroso? Mas não estão preocupados com a morte, o sonho profundo ou o prazer; estão preocupados porque o conhecido lhe escapa das mãos. O medo só significa uma coisa: perder o conhecido e entrar no desconhecido.

A coragem é justa o contrário do medo.

Sempre deve estar preparado para renunciar ao conhecido —deve estar desejoso de abandoná-lo—, sem esperar a que mature. Salta a algo novo... sua novidade e sua frescura são muito atrativas. Então' tem coragem.

O medo à morte é o maior medo e o mais destrutivo para sua coragem.

Só posso te sugerir uma coisa. Agora não pode voltar para sua morte passada, mas pode começar a fazer uma coisa: estar sempre preparado para passar do conhecido ao desconhecido, em algo, em qualquer experiência.

É melhor, embora logo o desconhecido resulte ser pior que o conhecido, mas essa não é a questão. O que importa é sua mudança do conhecido ao desconhecido, sua prontidão para passar do conhecido ao desconhecido. Isso é enormemente valioso. Segue fazendo o mesmo em toda classe de experiências. Preparará-te para a morte, porque quando chega a morte não pode decidir de repente: «Escolho a morte e abandono a vida. » Essas decisões não se tomam de repente.

Tem que ir passo a passo, preparando-o, vivendo cada momento. À medida que vai familiarizando com a beleza do desconhecido, começa a ter uma qualidade nova. Está aí, mas nunca foi usada. antes de que chegue a morte, aprende a passar do conhecido ao desconhecido. Recorda que o novo sempre é melhor que o velho.

Dizem que não todo o velho é ouro. Eu digo que embora todo o velho seja ouro, esquece-o. Escolhe o novo, tanto se for de ouro como se não, isso não importa. O que importa é sua eleição: sua eleição de aprender, sua eleição de experimentar, sua eleição de entrar na escuridão. Pouco a pouco, sua coragem começará a funcionar. E a acuidade da inteligência não está separada da coragem, mas sim forma quase uma unidade orgânica.

junto com o medo está a covardia e, indevidamente, uma mente atrasada, medíocre. Vão juntos, apóiam-se o um ao outro. junto com a coragem está a acuidade, a inteligência, a abertura, uma mente sem prejuízos, a capacidade de aprender... vão juntos.

Começa com um exercício fácil, que é: sempre que ter oportunidade de escolher, recorda, escolhe o desconhecido, arriscado-o, o perigoso, o inseguro, e não te equivocará.

E só assim... a morte poderá converter-se em uma experiência tremendamente reveladora, e poderá ter uma percepção de seu novo nascimento, não só uma percepção mas também inclusive uma certa eleição. Com consciência, pode escolher uma determinada mãe ou um determinado pai. Normalmente, tudo isto se faz inconscientemente, é acidental, mas um ser humano que morre com consciência, nasce com consciência.

Podem lhe perguntar a minha mãe, casualmente está aqui. depois de nascer aconteceu três dias sem me alimentar, e estavam preocupados, inquietos. Os médicos estavam preocupados, porque como vai sobreviver este menino se se negar a alimentar-se? Mas não tinham nem idéia de meu problema, do problema que me estavam ocasionando. Tentavam me obrigar de todas as formas possíveis. Eu não tinha forma de lhes explicar o que acontecia, e tampouco podiam averiguá-lo eles mesmos.

antes de morrer em minha vida passada, estava jejuando. Queria completar um jejum de vinte e um dias, mas me assassinaram antes de acabar o jejum, três dias antes. Esses três dias ficaram em minha consciência até este nascimento. Tinha que completar o jejum. Sou muito teimoso! Além disto, a gente não passa de uma vida a outra com coisas, quando se fecha um capítulo, acabou-se.

Mas durante três dias não puderam me colocar nada na boca; rechaçava-o. Aos três dias estava perfeitamente e estavam todos surpreendidos: «por que rechaçou a comida durante três dias? Não estava doente, não passava nada; e aos três dias estava completamente normal. » Seguiu sendo um mistério para eles. Mas eu não gosto de falar destas coisas com vós, porque para vós serão hipótese, e não tenho forma de demonstrá-lo cientificamente. Não quero lhes dar nenhuma crença, portanto, vão destruindo tudo o que possa originar um sistema de crenças em sua mente.

Amam-me, confiam em mim, portanto devem confiar em tudo o que lhes digo. Mas volto a insistir, todas as coisas que não se apóiem em sua própria experiência devem aceitar-se hipoteticamente. Não o convertam em uma crença. Se às vezes der exemplos é por absoluta necessidade, porque a gente me pergunta: «Como conseguiste ser tão corajoso e tão sagaz em sua infância?»

Não tenho feito nada. Simplesmente continuei fazendo o que fazia em minha vida passada.

A coragem aparecerá.

Começa com uma fórmula singela: Não evite o desconhecido.

Escolhe sempre o desconhecido e te atire de cabeça. Embora sofra, vale a pena, sempre te compensa. Sai mais amadurecido, mais formado, mais inteligente.

Em busca da ausência de medo

TÉCNICAS DE MEDITAÇÃO E RESPOSTAS A PERGUNTAS

Todo mundo tem medo, tem que ser assim. A vida funciona de

maneira que tem que ter medo. As pessoas que perdem o

medo, não o perdem porque se voltam corajosos, já que uma

pessoa corajoso só esta reprimindo seu medo; em realidade, não é

que não tenha medo. Uma pessoa perde o medo quando aceita seus

medos. Não é uma questão de coragem. Simplesmente é analisar os

feitos da vida e dar-se conta de que é natural ter medo.

A gente aceita os medos!

O medo e a culpabilidade são o mesmo?

O MEDO e a culpabilidade não são o mesmo. O medo que se aceita se converte em liberdade; o medo que se nega, que se rechaça, que se condena, converte-se em culpabilidade. Se aceitar o medo como parte da situação...

É parte da situação. O ser humano é uma parte, uma parte muito pequena, uma parte diminuta; a totalidade é extensa, o homem é uma gota, uma pequena gota, e a totalidade é todo o oceano. Surge um temor: «Possivelmente me perca na totalidade; pode desaparecer minha identidade. » Esse é o medo à morte. Qualquer medo é medo à morte. E o medo à morte é o medo à aniquilação.

É natural que o homem tenha medo, seja temeroso. Se o aceitar, se disser que a vida é assim, se o aceitar de tudo, o temor desaparece imediatamente e o medo —a mesma energia que se estava convertendo em medo— se desenrosca e se converte em liberdade. Então sabe que embora a gota desapareça no oceano, seguirá estando aí. De fato, converterá-se em todo o oceano. A morte se converte no nirvana, já não tem medo de te perder. Agora entende quando Jesus dizia: «Se salvás sua vida a perderá e se a perder te salvará. »

A única forma de ir além da morte é aceitá-la. Então desaparece. A única forma de não ter medo é aceitá-lo. Então, a energia que se desprende se converte em liberdade. Mas se o condena, se o reprimir, se esconder o fato de que tem medo, se te defender, se te proteger e está à defensiva, surge a culpabilidade.

Algo que reprime provoca culpabilidade; tudo o que não permite provoca culpabilidade; tudo o que está contra a natureza provoca culpabilidade. Então, sente-se culpado de ter mentido a outros e a ti mesmo. A falta de autenticidade é culpabilidade.

Você pergunta: «O medo e a culpabilidade são o mesmo?» Não. O medo pode ser culpabilidade, mas pode não sê-lo. Depende do que faça com o medo. Se fizer algo que não está bem, converte-se em culpabilidade. Se o aceitar e não faz nada —não há nada a fazer!— converte-se em liberdade, converte-se em ausência de medo.

Não diga a ti mesmo que é horrível, mau, um pecador. Não te condene. É o que é. Não seja culpado, não se sinta culpado. Embora algo esteja mau, você não está mau. Possivelmente atuaste que um modo equivocado, mas isso não significa que você esteja mau. Pode haver uma ação equivocada, mas o ser sempre está bem.

notei que sempre estou tentando convencer a outros de que sou importante e tenho poder. meditei sobre o motivo disto, e acredito que é medo.

O ego sempre surge do medo. Uma pessoa sem medo não tem ego. O ego é um amparo, uma armadura. Como tem medo, dá a impressão de que é tal e tal, isto e o outro, não é verdade? Para que ninguém se atreva... mas basicamente, é medo. Muito bem! olhaste profundamente dentro dele. Assim que encontra o motivo básico se converte em algo singelo. A gente está lutando com o ego, mas o ego não é problema real. Está lutando com um sintoma, não com a enfermidade em si. A verdadeira enfermidade é o medo. Pode seguir lutando com o ego mas seguirá sem dar no branco, porque o ego não é o verdadeiro inimigo, é falso. Embora você ganhe, não ganhará nada. Não pode ganhar porque só se pode derrotar a um verdadeiro inimigo, e não a um inimigo falso que não existe. Só é uma aparência. É como se tivesse uma ferida com um aspecto horrível e a adornasse com algo.

Uma vez me estava hospedando em casa de uma estrela de cinema que lhe havia dito a muita gente que viesse para ver-me. Também havia uma atriz que tinha um belo relógio com um enorme bracelete muito bonito. Alguém que estava sentado a seu lado começou a lhe perguntar pelo relógio, e ela estava um pouco molesta. Eu o estava observando. Ele queria ver o relógio, mas ela não o queria tirar. O homem insistiu, e ela o teve que

tirar. Então vi o que acontecia. Ela tinha uma marca de lepra sob o bracelete do relógio. Tinha ficado em evidência, estava suando e ficou muito nervosa...

O ego é assim. O medo existe, mas ninguém quer mostrar seu medo, porque se outros vêem que tem medo, haverá algumas pessoas que lhe assustarão mais. Quando se dão conta de que tem muito medo, todo mundo começa a atacar. Desfrutam te humilhando, dando-se conta que é mais débil. A gente desfruta aproveitando-se, lhe dando patadas a alguém...

Sempre que alguém tem medo, cria um grande ego para rodear o medo e vai inchando o globo do ego, até que é muito grande. Adolf Hitler Idi Amin de Uganda... esse tipo de pessoas estão muito inchadas. Então começam a assustar a outros. Devem saber que qualquer pessoa que tente assustar a outros, no fundo tem medo, se não, por que o faz? Que sentido tem? Quem vai se incomodar em te assustar se ele mesmo não tiver medo? A gente que está cheia de medo assusta a outros para poder descansar tranqüila. Sabem perfeitamente que não lhes vais tocar, que não transpassará seus limites.

olhaste bem, é exatamente o caso de que estou falando. Não lute com o ego. Mas bem, observa-o e tenta aceitá-lo. É natural... forma parte da vida. Não é necessário escondê-lo; não é necessário dissimular. Está aí, todos os seres humanos estão cheios de medo. Forma parte da humanidade. Aceita-o, o ego desaparece assim que o aceita, porque então já não tem sentido que o ego siga existindo. Lutar com o ego não servirá de nada; Aceitar o ego te ajudará automaticamente. Então sabe que sim, somos muito pequenos dentro deste vasto universo, como é possível não ter medo? A vida está rodeada de morte, como é possível não ter medo? Podemos desaparecer em qualquer momento... uma tolice vai mau e desaparecemos, como é possível não ter medo? Se o aceitar, o medo desaparecerá pouco a pouco porque já não tem razão de ser. Aceita-o, dá por feito que existe, é assim!

Não invente nada para escondê-lo. Se não inventar nada contra o medo, este desaparece. Não estou dizendo que não tenha temores, estou dizendo que não te assuste. O medo seguirá existindo, mas não te assustará. Segue-me? Estar assustado significa estar contra o medo, não quer que exista, mas existe.

Quando o aceita... Igual a todas as árvores são verdes, a humanidade está cheia de medo. O que se pode fazer? As árvores não estão escondendo-se. Todo mundo está destinado a morrer. O medo é a sombra da morte. Aceita-o!

Quando estou sozinho sinto que, em certo modo, posso-me relaxar e querer às pessoas, mas assim que me encontro em sua presença, fecham-se todas as portas.

É complicado amar às pessoas real, porque uma pessoa real não vai cumprir suas expectativas. Não é seu dever. Ninguém está aqui para cumprir as expectativas de outra pessoa, tem que viver sua própria vida. E quando faz algo que vai contra ti ou não se ajusta a seus sentimentos, a suas emoções, a seu ser, complica-se.

É muito fácil pensar no amor, mas é muito difícil amar. É muito fácil amar a todo mundo. A verdadeira dificuldade é amar a um só ser humano. É muito fácil amar a Deus ou à humanidade. O verdadeiro problema surge quando conhece uma pessoa concreta, choca-te com ela. Chocar-se com ela é ir através de uma grande mudança, e é um grande desafio.

Não vai ser seu escravo e você tampouco vais ser seu escravo. Aí é onde surge o verdadeiro problema. Se você for ser escravo ou o outro vai ser escravo, então não passa nada. O problema surge porque ninguém quer fazer de escravo, e ninguém pode ser um

escravo. Todo mundo tem livre-arbítrio... o ser consiste em liberdade. O homem é liberdade.

Recorda, é um problema real, não tem nada que ver contigo pessoalmente. Este problema tem que ver com o fenômeno DELamor. Não o converta em um problema pessoal, se não, meterá-te em uma confusão. Todo mundo tem que fazer frente, mais ou menos, ao mesmo problema. Nunca me encontrei com ninguém que não tenha dificuldades no amor. Tem algo que ver com o amor, com o mundo do amor.

A mesma relação te leva a situações nas que surgem problemas... e é bom passar através delas. No Oriente, ao ver as dificuldades que entranhava, as pessoas se escaparam. Começaram a negar seu amor, a rechaçá-lo. converteram-se em pessoas sem amor mas o chamavam falta de apego. Pouco a pouco, ficaram mortícios. O amor quase desapareceu do Oriente e só ficou a meditação.

Meditação significa que se sente bem em sua solidão. Meditação significa que só está aparentado contigo mesmo. O círculo está completo contigo; não precisa te sair dele. É obvio, o noventa e nove por cento de seus problemas resolvem, mas a um preço muito elevado. Agora terá menos preocupações. O homem oriental tem menos preocupações, menos tensões... vive quase em sua própria cova interna, protegido, com os olhos tampados. Não permite que se mova a energia. Faz curto-circuito... basta um pequeno movimento de energia dentro de seu ser para que se sinta feliz. Mas esta felicidade está um pouco morta. Sua felicidade não é júbilo, não é alegria.

Como muito, pode dizer que não é infelicidade. Como muito pode dizer algo negativo, como dizer que está são porque não está doente. Mas isso não é ter muita saúde. A saúde deveria ser algo positivo, ter brilho próprio, e não só ser uma ausência de enfermidade. Nesse sentido, inclusive um corpo morto está são, porque não tem enfermidades.

No Oriente tentamos viver sem amor, renunciar ao mundo —que significa renunciar ao amor—, renunciar à mulher, renunciar ao homem, a todas as oportunidades nas que pode florescer uma flor. Os monges jainistas, os monges hinduistas, os monges budistas, não podem falar com uma mulher se estiverem sozinhos; não podem tocar a uma mulher, nem sequer podem ver-se cara a cara. Quando uma mulher lhes deve pedir algo, têm que baixar o olhar. Têm que olhá-la ponta do nariz para não ver a mulher nem por equívoco. Porque, quem sabe, possivelmente desperte algo... e nas mãos do amor, a gente é quase impotente.

Não ficam em casa da gente, e não ficam muito tempo no mesmo lugar porque é possível que surja o apego, o amor. De modo que se vão movendo, vagando e evitando todo tipo de relações. alcançaram uma certa qualidade de quietude. São pessoas que não se alteram, não lhes atrai o mundo, mas não são felizes, não celebram.

No Ocidente aconteceu exatamente o contrário. A gente tentou encontrar a felicidade por meio do amor, e isto foi a causa de muitos problemas. perderam o contato consigo mesmos. afastaram-se tanto de si mesmos que não sabem como voltar. Não sabem onde está o caminho, onde está sua casa. sentem-se insignificantes, desamparados, e seguem fazendo esforços de amor com aquela mulher, com aquele homem: heterossexual, homossexual, autosexual. Tentam-no de todas as maneiras mas se sentem vazios, porque só o amor te pode fazer feliz, mas não há silencio nele. E quando há felicidade não há silêncio; segue faltando algo.

Quando é feliz sem silêncio, sua felicidade será como uma febre, uma excitação... muito ruído e poucas nozes. Esse estado febril criará muita tensão dentro de ti e não conseguirá nada, só correr, perseguir. E um dia te dá conta de que todo esse esforço não tem sentido porque está tentando encontrar ao outro, mas ainda não encontre a ti mesmo.

Os dois caminhos fracassaram. Oriente falhou porque tentou a meditação sem amor. Ocidente falhou porque tentou o amor sem meditação. NEM trabalho consiste em lhes dar uma síntese, um conjunto, que significa amor mais meditação. A gente deveria ser capaz de ser feliz sozinho, e também deveria ser capaz de ser feliz com alguém. A gente deveria ser feliz dentro de si mesmo, e também deveria ser feliz nas relações. A gente deveria ter uma casa bonita por dentro e por fora. Deveria ter um formoso jardim rodeando sua casa, e também um belo dormitório. O jardim não se opõe ao dormitório; o dormitório não se opõe ao jardim.

A meditação deveria ser um refúgio interno, um altar interno. Sempre que sentir que o mundo é muito para ti, pode ir a seu altar interno. Pode te dar um banho em seu ser interno. Pode rejuvenescer. Pode sair ressuscitado: de novo vivo, jovem, renovado... para viver, para ser. Mas também deveria ser capaz de amar às pessoas e fazer frente aos problemas, porque um silêncio impotente que não pode fazer frente aos problemas não é um grande silêncio, não vale muito.

Só deve desejar e desejar um silêncio que possa fazer frente aos problemas mas seguindo em silêncio.

Eu gostaria de te dizer estas duas coisas: primeiro começa a meditar... porque sempre é bom começar do centro mais próximo de seu ser, e é a meditação. Mas não fique entupido aí. A meditação deveria transformar-se florescer, abrir-se e converter-se em amor.

Não se preocupe, não o converta em um problema, não o é. Simplesmente é humano, é natural. Todo mundo tem medo, tem que ser assim. Mas a vida funciona de maneira que tem que ter medo. As pessoas que perdem o medo, não o perdem porque se voltam corajosos, já que uma pessoa corajoso só está reprimindo seu medo; em realidade, não é que não tenha medo. Uma pessoa perde o medo quando aceita seus medos. Não é uma questão de coragem. Simplesmente é analisar os fatos da vida e dar-se conta de que é natural ter medo. A gente aceita os medos!

O problema surge quando quer rechaçá-los. Ensina-ram-lhe uns ideais ególatras: «Sei corajoso. » Que tolice! Bobagens! Como pode um homem inteligente evitar ter medo? Se for estúpido não terá medo. O condutor do ônibus toca a buzina enquanto você está em meio da rua, sem passar medo. Ou te vai investir um touro e você está aí de pé, sem passar medo. Mas é estúpido! Um homem inteligente tem que apartar do caminho.

Se te converter em um viciado e começa a procurar serpentes em um matagal, então tem um problema. Se não haver ninguém na estrada mas tem medo e sai correndo, então tem um problema; se não, o medo é algo natural.

Quando digo que perca o medo, não me refiro a que não haverá temores na vida. Chegará a te dar conta de que noventa por cento dos medos são pura imaginação. Dez por cento são reais, e tem que aceitá-los. Não converto às pessoas em corajosos. Volto-os mais receptivos, sensíveis, atentos, e sua atenção é suficiente. dão-se conta de que seus medos também podem servir de degraus. Não lhes preocupem, de acordo?

por que sigo tendo tanto medo a me expor?

Quem não tem medo? O lhe expor te produz muito medo. É natural, porque significa expor toda a porcaria que tem em sua mente, o lixo que se esteve acumulando há séculos, há muitas vidas. te expor quer dizer expor todas suas debilidades, limitações, defeitos. te expor significa, em último caso, expor sua vulnerabilidade. A morte... te expor significa expor seu vazio.

detrás de tudo esse lixo da mente e ruído da mente, há uma dimensão de absoluto vazio. Sem Deus está oco, sem Deus não é mais que vazio e nada. A gente quer esconder essa

nudez, esse vazio, essa fealdade. Tapa-o com formosas flores, decora as cobertas. Pelo menos, finge que é algo, alguém. E isto não te acontece só a ti; é universal, é o mesmo caso de todo o mundo.

Ninguém se abre como um livro. O medo se apodera de ti: «O que pensará de mim a gente?» Desde que foi um menino, ensinaram-lhe a te pôr máscaras, formosas máscaras. Não é necessário que tenha um rosto formoso, basta com que ponha uma máscara formosa; e a máscara é troca. É difícil transformar seu rosto, mas pintá-lo é muito singelo.

Agora, no fundo de seu ser te produz calafrios expor seu verdadeiro rosto. Surge um tremor: gostará assim às pessoas? Quem sabe? respeitaram seu caráter, glorificaram seu traje porque gostavam de sua máscara. Agora surge o medo: «Seguirão me querendo. , me respeitando e me apreciando quando me virem nu, ou fugirão de mim? Possivelmente me voltem as costas, poderiam-me deixar sozinho. »

Por isso, a gente segue fingindo. A presunção surge do medo, toda a falsidade surge do medo. Para ser autêntico não pode ter medo.

Uma das leis fundamentais é que tudo o que esconda seguirá crescendo, e tudo o que expõe, se for mau, desaparecerá, evaporará-se no sol e, se for bom, será nutrido. Justo o contrário do que ocorre quando esconde algo. O que é bom começa a morrer porque não se nutre; necessita o vento, a chuva e o sol. Precisa ter a toda a natureza. Só pode crescer com a verdade, nutre-se da verdade. Deixa de nutri-lo, e se começará a ficar cada vez mais magro. A gente está matando de fome sua realidade e engordando sua irreabilidade.

Seus rostos irreais se alimentam de mentiras, tem que te inventar cada vez mais mentiras. Para que uma mentira se sustente, tem que mentir cem vezes mais, porque uma mentira só se sustenta com mentiras maiores. Quando te esconde detrás de uma fachada, o verdadeiro começa a morrer, e o falso prospera, vai engordando. Se te expuser, o irreal morrerá, não tem outra saída, porque o irreal não pode permanecer ao descoberto. Só pode permanecer em segredo, só pode conservar-se na escuridão, só pode permanecer nos túneis de sua inconsciência. Se o tirar a consciência, começará a evaporar-se.

Este é o segredo do êxito do psicanálise. É um segredo muito simples, mas é todo o segredo do psicanálise. O psicanalista te ajuda a tirar o nível consciente tudo o que está em seu inconsciente, nas esferas mais escuras de seu ser. Tira-o a superfície onde você o possa ver e outros o possam ver, então, ocorre um milagre: o mesmo feito de que você o veja é o princípio de sua morte. E se o pode contar a alguém —isto é o que se faz no psicanálise, se pode expô-lo ante seu psicanalista—, inclusive revelá-lo diante de uma pessoa é suficiente para provocar grandes mudanças em seu ser. Mas revelá-lo a seu psicanalista é limitado: só o tem exposto a uma pessoa, em privado, com a condição de que não o fará público. Forma parte da profissão do médico, o psicanalista, o terapeuta; o não dizer-lhe a ninguém, o mantê-lo em segredo forma parte de seu juramento. portanto, é uma revelação muito limitada mas, entretanto, ajuda. É uma revelação profissional; entretanto, ajuda. Costa muitos anos, por isso o que se poderia fazer em poucos dias, à psicanálise lhe custa muitos anos, quatro, cinco anos, e além disso o psicanálise nunca está completo. O mundo ainda não conhece nenhum caso de psicanálise total, de um processo completo, acabado, terminado, não, ainda não aconteceu. Nem sequer se há psicoanalisado por completo seu psicanalista, porque a revelação mesma é limitada e tem condições. O psicanalista te escuta como se não te estivesse escutando, porque não o pode dizer a ninguém. Mas inclusive assim te pode ajudar enormemente a te tirar um peso de cima.

Se pode te expor religiosamente —não em privado, não ante um profissional, a não ser em todas suas relações—, isto é do que trata o sannyas. É autopsicoanálisis. É psicanálise vinte e quatro horas ao dia, todos os dias. É psicanálise em todo tipo de circunstâncias: com sua mulher, com seu amigo, com seu parente, com seu inimigo, com um estranho, com o chefe, com o criado. Relaciona-te as vinte e quatro horas.

Se te segue expondo... Ao princípio te dará muito medo, mas logo começará a reunir forças, porque quando se expõe a verdade esta reúne força e a mentira morre. E quando a verdade se volta mais forte, você está mais enraizado, mais centrado. Começa a ser um indivíduo; desaparece a personalidade e aparece o indivíduo.

A personalidade é falsa, a individualidade existe. A personalidade só é uma fachada, a individualidade é sua verdade. A personalidade vem imposta desde fora; é seu personagem, uma máscara. A individualidade é sua realidade, é como te tem feito Deus. A personalidade é uma sofisticação social, é um brilho social. A individualidade está sem refinar, selvagem, forte, com um enorme poder.

Só terá medo ao princípio. Por isso é necessário que tenha um Professor, para que ao princípio te possa levar da mão, para que te possa apoiar ao princípio, para que possa dar os primeiros passos contigo. O Professor não é um psicanalista, é isso e muito mais. O psicanalista é um profissional, o Professor não é um profissional. Sua profissão não é ajudar a gente, é sua vocação. Faz-o por amor, por compaixão. Posto que o faz por compaixão, só te leva até onde lhe necessita. Assim que começa a sentir que pode ir por seu próprio pé, começa a te soltar a mão. você gostaria de seguir sujeitando-a, mas ele não lhe permitirá isso.

Quando está preparado, é corajoso, atreve-te, quando provaste o sabor da liberdade, a liberdade de expor sua realidade, pode seguir você sozinho. Pode ser uma luz para ti mesmo.

Mas o medo é algo natural, porque lhe ensinaram falsidades desde sua infância, e te identificaste tanto falso que deixá-lo é quase como cometer um suicídio. O medo surge porque há uma grande crise de identidade.

Durante cinquenta anos, sessenta anos, foste um tipo de pessoa. que faz a pergunta deve ter neste momento perto de sessenta anos, durante sessenta anos foste um tipo de pessoa. Agora, esta fase de sua vida em que perde a identidade e começa a te conhecer desde o começo te dá medo. A morte está cada dia mais perto, é agora o momento de começar uma nova lição? Quem sabe se terá tempo de concluí-la ou não? Quem sabe? Possivelmente perca sua identidade e não fique suficiente tempo, suficiente energia, suficiente coragem, para conseguir uma nova identidade. vais morrer te sem uma identidade? vais viver a última fase de sua vida sem identidade? Isso seria uma loucura, viver sem identidade, o coração se afunda, o coração se encolhe. Pensa: «Vale a pena seguir uns quantos dias mais. É melhor viver com o velho, o familiar, o seguro, o que te convém. » Tem muita prática nisso. investiste muito, puseste sessenta anos de sua vida nisso. Conseguiu-o, criaste uma idéia de quem é, e agora te digo que renuncie a essa idéia porque você não é isso!

Não necessita nenhuma idéia para saber quem é. De fato, tem que renunciar a todas as idéias, só assim saberá quem é. O medo é natural. Não o condene, não pense que está mau. Só é parte da educação desta sociedade. Temos que aceitá-lo e superá-lo; temos que superá-lo sem condená-lo.

Expondo pouco a pouco, não é necessário que dê saltos que não possa controlar; vete passo a passo, gradualmente. Logo conhecerá o sabor da verdade, e te assombrará ao ver que esses sessenta anos foram uma absoluta perda de tempo. Sua velha identidade se perderá, terá uma concepção totalmente nova. Realmente, não será uma identidade a não ser uma nova visão, uma nova forma de ver as coisas, uma nova perspectiva. Não

poderá voltar a dizer «Eu» e que detrás dessa palavra siga havendo algo; usará esta palavra porque é útil, mas saberá que a palavra não tem nenhum significado, nenhuma natureza existencial; detrás deste «eu» se esconde um oceano infinito, vasto, divino. Não voltará a ter uma nova identidade; sua velha identidade se perderá e, pela primeira vez, começará a te sentir como uma onda no oceano de Deus. Isto não é ter uma identidade porque você não está nela. desapareceste, Deus te alagou. Se pode arriscar o falso, a verdade será tua. E vale a pena, porque só arrisca o falso e mas vontades a verdade. Não arrisca nada e ganha tudo.

Tenho descoberto que me aborreço de mim mesmo e não estou animado. Há dito que nos aceitemos, sejamos o que sejamos. Não sou capaz de aceitar a vida, sabendo que me estou perdendo a alegria interna. O que posso fazer?

ouvi dizer... que há um novo tipo de tranqüilizador que não te relaxa, mas sim te permite deixar de estar tenso.

Prova-o! Prova-o várias vezes —faz como os norte-americanos—, mas não mais de três vezes. Prova-o várias vezes e depois deixa-o, porque não tem sentido fazer o parvo.

Pergunta-me:

«Tenho descoberto que estou aborrecido de mim mesmo ...»

Isto é um grande descobrimento. Sim, digo-o a sério! Há muito poucas pessoas que se dêem conta de que estão aborrecidas, e estão aborrecidas, absolutamente aborrecidas. Todo mundo sabe exceto eles. Saber que está aborrecido é um grande começo; Mas agora tem que compreender o que isto implica.

O homem é o único animal que se aborrece; isto é uma grande prerrogativa, forma parte da dignidade do ser humano. Alguma vez viu um búfalo aborrecido, um burro aborrecido? Não se aborrecem. O aborrecimento significa que sua forma de viver está mau; portanto, saber que «estou aborrecido e tenho que fazer algo, tenho que transformar alguma coisa» pode tratar-se de um grande evento. Não pense que aborrecer-se é mau, é bom sinal, é um bom começo, é um começo muito propício. Mas não fique aí.

por que se aborrece um? Alguém se aborrece porque viveu em padrões mortos jogo de dados por outros. Renuncia a esses padrões, salte desses padrões! Começa a viver por sua conta.

Não é uma questão de dinheiro, poder e prestígio; essencialmente, é questão do que quer fazer. Faz-o sem pensar nos resultados, e seu aborrecimento desaparecerá. Deve estar levando a cabo as idéias de outros, dever estar fazendo as coisas de uma forma «correta», deve estar fazendo as coisas como terá que as fazer. Estes são os pilares do aborrecimento.

Toda a humanidade está aborrecida, porque a pessoa que poderia ter sido um místico é um matemático, a pessoa que poderia ter sido um matemático é um político, a pessoa que poderia ter sido um poeta é um homem de negócios. Todo mundo está em outro lugar, ninguém está onde deveria estar. Terá que arriscar. O aborrecimento pode desaparecer em um instante se estiver disposto a arriscar.

Pergunta-me: «Tenho descoberto que estou aborrecido de mim mesmo...» Está aborrecido de ti mesmo porque não foste sincero contigo mesmo, não foste honesto contigo mesmo, não foste respeitoso com sua pessoa.

E diz: «Não estou animado. » Como quer estar animado? Só te anima se está fazendo o que queria fazer, seja o que seja. Vincent vão Gogh era enormemente feliz pintando. Não vendeu nem um só quadro, ninguém apreciava seu trabalho, passava fome, estava morrendo. Seu irmão lhe dava uma pequena quantidade de dinheiro para que, pelo

menos, pudesse sobreviver; jejuava quatro dias à semana, comia três dias à semana. Tinha que jejuar esses quatro dias porque, se não, como ia comprar os tecidos, as pinturas e os pincéis? Mas era imensamente feliz, estava animando.

Morreu quando só tinha trinta e três anos, se suicidou. Mas seu suicídio foi muito melhor que sua suposta vida, porque só se suicidou quando tinha terminado de pintar o que queria pintar. O dia que terminou de pintar um pôr-do-sol, que tinha sido seu maior desejo, escreveu uma carta que dizia: «concluí meu trabalho, cumpri. Vou deste mundo enormemente feliz. » Se suicidou, mas eu não o chamaria suicídio. Viveu com totalidade, queimou a mecha de sua vida pelos dois extremos, com uma enorme intensidade.

Pode viver cem anos, mas sua vida será um osso seco, um peso, um peso morto. Diz: «Temos que nos aceitar, sejamos o que sejamos. Eu não sou capaz de aceitar a vida, sabendo que me estou perdendo a alegria interna. »

Quando digo, te aceite, não estou dizendo que aceite seu padrão de vida, não me interprete mal. Quando digo, te aceite, estou dizendo que rechace todo o resto, te aceite a ti mesmo. Mas deve havê-lo interpretado a sua maneira. Isso é o que acontece...

O marciano aterrisou com seu pires volante em Manhattan, nada mais sair, lhe aproximou um mendigo: —Senhor —disse o homem me pode dar um duro?

O marciano disse: —O que é um duro?

O mendigo pensou um minuto, e disse: —Tem razão. Poderia-me dar vinte duros?

Não hei dito o que você entendeste. Rechaza tudo o que lhe impuseram, não estou dizendo que o aceite. Aceita seu ser mais íntimo que trouxeste do mais à frente, e então não sentirá que te falta algo. Assim que te aceita sem condições, de repente, tem uma explosão de alegria. Começa-te a animar, sua vida se volta enlevada.

Os amigos de certo jovem pensavam que estava morto, mas só estava em vírgula. Quando estavam a ponto de lhe enterrar o homem deu sinais de vida, e lhe perguntaram como era estar morto.

—Morto! —exclamou—. Não estava morto. Eu sabia todo o tempo o que estava passando. E também sabia que não estava morto, porque tinha os pés gelados e tinha fome.

—Mas como é possível que isso te fizesse pensar que estava vivo? —perguntou um dos curiosos.

—Bom, sabia que não estava no Céu porque se não, não teria fome, e se tivesse estado nesse outro sítio não teria tido frio nos pés.

Pode estar seguro de que não está morto: tem fome, tem os pés frios. te levante e corre um pouco!

Um pobre homem que carecia de educação e distinção social, apaixonou-se pela filha de um milionário. Lhe convidou a casa para conhecer seus pais e sua elegante mansão. O homem se sentia intimidado pelo luxuoso mobiliário, os serventes e todos outros signos de opulência, mas conseguiu aparentar que estava depravado, até que chegou a hora do jantar. Sentado na impressionante mesa do comilão, ligeiramente ébrio pelo vinho, jogou-se um sonoro peço.

O pai da garota levantou o olhar e observou a seu cão que estava convexo aos pés do pobre homem. —Rover! —disse-lhe em um tom ameaçador.

O pobre homem, aliviado de que lhe tivessem jogado a culpa ao cão, voltou-se a jogar um peço uns minutos mais tarde.

O anfitrião olhou ao cão e lhe voltou a dizer mais forte: —Rover!

Uns minutos mais tarde se voltou a jogar um peço. A cara do homem rico se encolheu de raiva. Vociferou: —Rover, sal daí antes de que este tio te cague em cima!

Ainda tem tempo, salte do cárcere em que viveste até agora! Só tem que ter um pouco de coragem, a coragem do jogador. E não tem nada que perder, te lembre. Só pode

perder suas cadeias, pode perder seu aborrecimento, pode perder em seu interior essa sensação permanente de que te falta algo. Que mais pode perder? Salte da rotina e aceite seu próprio ser, contra Moisés, contra Jesus, contra Mahavira, contra Krishna, te aceite a ti mesmo. Não é responsável frente a Buda, Zaratustra, Kabir ou Nanak; é responsável frente a ti mesmo.

Sei responsável, e quando uso a palavra responsável, te lembre de não mal interpretá-la. Não estou falando de deveres, responsabilidades, simplesmente estou usando a palavra em sentido literal: responde ante a realidade, sei responsável.

Deve ter vivido uma vida irresponsável, cumprindo toda classe de responsabilidades que outros querem que cumpra. Tem algo que perder? Está aborrecido, é uma boa situação. Não está animado, que mais necessita para sair da prisão? Salte, não olhe atrás!

Dizem: antes de saltar pensa-o duas vezes. Eu digo: salta primeiro e depois pensa tudo o que queira!

MEDITAÇÃO PARA O MEDO AO VAZIO

Todas as noites antes de dormir, propon fechar os olhos durante vinte minutos e entrar em seu vazio. Aceita-o, deixa-o estar aí. Se aparecer o medo, deixa-o estar também. Treme de medo mas não rechace esse espaço que está nascendo aí. Ao cabo de duas ou três semanas começará a sentir sua beleza, começará a sentir sua bênção, o medo desaparecerá por sua própria conta. Não deve lutar com ele.

Sente-se de joelhos no chão, ou em uma postura cômoda para ti. Se sua cabeça começar a inclinar-se para diante —o fará— permite-o. Ficará em uma postura quase uterina, como o menino dentro do útero da mãe. Sua cabeça começará a tocar os joelhos, ou o chão... permite-o. Entra em seu próprio útero e fique aí. Não use técnicas, não use mantras, não faça esforço, simplesmente fique aí. te familiarize com o que há. É algo que não conhecestes antes. Sua mente está receosa porque isto vem de uma dimensão muito diferente e desconhecida. A mente não pode com isto. Nunca conheceu nada parecido, de modo que está sentida saudades, quer categorizá-lo e etiquetá-lo.

Mas o conhecido é a mente, e o desconhecido é Deus. Desconhecido-o nunca se converte em parte do conhecido. Quando se converte em parte do conhecido, deixa ser o Deus desconhecido. Desconhecido-o seguirá sendo incognoscível. Embora o tenha conhecido, seguirá sendo desconhecido. Este mistério não tem solução. O mistério é intrinsecamente irresolúvel.

Todas as noites, entra nesse espaço. Terá medo, tremerá, mas isso também está bem. Pouco a pouco, o medo irá diminuindo e cada vez desfrutará mais. De repente, ao cabo de três semanas, verá que um dia surgem tantas bênções, sua energia aumentará tanto, seu ser terá tanta alegria, que é como se se acabou a noite e saísse o sol pelo horizonte.

MEDITAÇÃO PARA DISSOLVER VELHOS PATRÕES DE MEDO

notei que sigo repetindo o mesmo padrão que tinha de menino.

Quando meus pais me brigavam ou diziam algo de mim que me parecia negativo, isolava-me, escondia-me e me consolava com a idéia de que podia viver sem gente, de que podia estar sozinho. Agora, começo a me dar conta de que reajo da mesma maneira com meus amigos.

Só é um velho hábito que se ficou rígido. Tenta fazer o contrário. Sempre que sentir que te quer isolar, te abra. Se te quer ir, não o faça; se não querer falar, fala. Se quer parar a discussão, não o faça, participa dela com todo o vigor que possa.

Sempre que se apresenta uma situação que produz medo, há duas alternativas: lutar ou esfumar-se. Um menino normalmente não pode lutar, particularmente nos países tradicionais. Na América do Norte, o menino brigarão tanto que serão os pais os que se esfumem! Mas nos países antigos, nos países atados à tradição —ou nas famílias onde os valores tradicionais seguem sendo muito fortes— o menino não pode brigar. A única via que fica é encerrar-se, encerrar-se em si mesmo para proteger-se. aprendeste a te esfumar.

Agora a única possibilidade é ficar aí, ser teimoso, e ter uma boa briga sempre que sentir que está tentando escapar. Durante um mês, tenta fazer o contrário e depois veremos.

Quando puder fazer o contrário te direi como pode deixar de fazer ambas as coisas. Tem que renunciar às duas posturas, só assim deixará de ter medo porque as duas estão equivocadas. houve um dano que te impregnou muito, e agora tem que equilibrá-lo com o contrário.

Durante um mês será um autêntico guerreiro, respeito a algo. E se sentirá muito bem, realmente bem, de acordo? Porque quando te escapa, sente-se mau, sente-se inferior. É um truque muito covarde... o isolar-se. te volte corajoso, de acordo? Depois renunciará a ambos, porque ser corajoso, no fundo, também é ser covarde. Quando a coragem e a covardia desapareçam, deixará de ter medo. Tenta-o!

MEDITAÇÃO PARA A CONFIANÇA

Se te resultar difícil confiar tem que voltar para trás. Tem que te inundar em suas memórias. Tem que voltar para seu passado. Tem que limpar sua mente das impressões do passado. Deve ter uma pilha de porcaria do passado, alivia a mente desse peso.

Esta é a chave para fazê-lo: se puder, volta para seu passado, mas não só recordando-o, mas também revivendo-o. Converte-o em uma meditação. Todas as noites, retorna aí durante uma hora. Tenta descobrir o que aconteceu sua infância. quanto mais possa aprofundar, melhor, porque estamos escondendo muitas coisas que aconteceram, sem permitir que afluam à consciência. lhes permita que afluam. Se retornar aí todos os dias aprofundará cada vez mais. Ao princípio, recordará quando tinha quatro ou cinco anos, mas não poderá recordar mais. De repente, encontrará-te com uma muralha a China diante de ti. Mas segue, pouco a pouco verá que retrocede mais: três anos, dois anos. Há gente que retrocedeu até o momento do nascimento. Há gente que pôde recordar quando estava no útero, e há gente que foi ainda mais à frente, ao momento de sua morte em sua vida passada.

Mas se pode alcançar o momento de seu nascimento, e pode voltar a vivê-lo, sentirá muita angústia, muita dor. Sentirá como se voltasse a nascer. Pode chiar como o faz um menino a primeira vez. Sentirá que te afoga, do mesmo modo que o menino sentia que se afogava ao sair do útero pela primeira vez porque, durante uns instantes, não podia respirar. afogava-se: então gritou e começou a respirar, abriram-se os condutos, seus pulmões começaram a funcionar. Possivelmente tenha que retroceder até esse ponto. Daí pode retornar. Vete até ali e retorna todas as noites. Custará-te entre três e nove meses, e cada dia se sentirá mais ligeiro, muito mais ligeiro, e simultaneamente junto a isto aparecerá a confiança. Quando o passado se esclarece e pode ver o que aconteceu, libera-te dele. Esta é a chave: tomando consciência de algo que haja em sua memória,

libera-te dela. A consciência libera, a inconsciência ata. Assim será possível que haja confiança.

MEDITAÇÃO PARA TRANSFORMAR O MEDO EM AMOR

Pode te sentar em sua cadeira ou em qualquer postura que se sinta confortável. Depois, pondo as mãos em seu regaço, coloca a mão direita debaixo da mão esquerda; esta posição é importante porque a mão direita corresponde ao hemisfério esquerdo do cérebro, e o medo sempre vem do hemisfério esquerdo. A mão esquerda corresponde ao hemisfério direito do cérebro, e a coragem provém do hemisfério direito.

No hemisfério esquerdo se localiza a razão, e a razão sempre é covarde. Por isso nunca encontrará a um homem corajoso e intelectual de uma vez. E sempre que ter uma pessoa corajosa, não será intelectual. Será irracional, é inevitável. O hemisfério direito é intuitivo... de modo que é simbólico, mas não só simbólico: isto coloca a energia em uma determinada posição, em uma determinada relação.

A mão direita se coloca debaixo da mão esquerda, e os polegares se juntam. Depois, relaxa-te, fecha os olhos e deixa que a mandíbula inferior se relaxe um pouco, não tem que forçá-la... relaxa-a de forma que comece a respirar pela boca. Não respire pelo nariz, começa a respirar pela boca; isto é muito relaxante. Quando não respira pelo nariz, o velho padrão da mente deixa de funcionar. Será uma novidade, e com um novo sistema de respiração é mais fácil criar um novo hábito.

Em segundo lugar, quando não respira pelo nariz, não se estimula seu cérebro. Não vai diretamente ao cérebro, vai ao peito. Do contrário, produz-se uma estimulação e uma massagem constante do cérebro. Por isso, a respiração vai trocando constantemente de fossa nasal. Respirar por uma fossa nasal estimula um lado do cérebro, respirar pela outra estimula o outro lado do cérebro. Isto troca a cada quarenta minutos.

Sente-se nesta postura e respira pela boca. O nariz é dual, a boca não é dual. Quando respira pela boca não há mudança; se se sinta durante uma hora seguirá respirando do mesmo modo. Não trocará; permanecerá no mesmo estado. Respirando pelo nariz não pode permanecer no mesmo estado. O estado troca automaticamente; troca sem que você saiba.

Isto provocará um novo estado de relaxação muito silencioso, não dual, e suas energias começarão a fluir de uma forma nova. Sente-se em silêncio sem fazer nada durante quarenta minutos pelo menos. Se pode fazê-lo durante uma hora, melhor. Mas começa por quarenta minutos e, pouco a pouco, alcança os sessenta minutos. Faz-o todos os dias.

Enquanto isso não perca nenhuma oportunidade, te coloque em todas as oportunidades que surjam. Escolhe sempre a vida e escolhe fazer; não te retraia, não te escape. Desfruta de qualquer oportunidade que tenha de fazer algo, de ser criativo.

E A ÚLTIMA PERGUNTA: O TEMOR DE DEUS

Embora só seja uma hipótese, é útil o conceito de um Deus pessoal que nos cuida? Porque simplesmente pensar em renunciar ao conceito de Deus me dá muito medo.

por que te dá medo renunciar ao conceito de Deus? Evidente— o conceito de Deus te está impedindo de ter medo. Assim que renuncia a ele, começa a ter medo. É uma espécie de amparo psicológico, isso é o que é.

É inevitável que um menino tenha medo. No ventre da mãe não tinha medo. Nunca ouvi dizer que a um menino que está no ventre de sua mãe lhe ocorra ir à sinagoga, à igreja, ler a Bíblia, o Corán ou o Gita; nem sequer lhe interessa se existir Deus ou não. Não posso imaginar que um menino no ventre de sua mãe tenha algum interesse Por Deus, o demônio, o céu ou o inferno. Para que? Já está no paraíso. As coisas não poderiam ser melhor do que são.

Está absolutamente protegido, em uma casa cálida e agradável, flutuando em uma substância nutritiva. E te surpreenderá: em proporção, durante esses nove meses o menino cresce mais do que crescerá nos próximos noventa anos. Em nove meses faz um comprido viaje, de não ser quase nada se converte em um ser. Em nove meses passa através de milhões de anos de evolução, dos começos até agora. Passa através de todas as fases.

A vida é absolutamente segura: não tem que procurar trabalho, não tem medo de passar fome; o corpo de sua mãe o faz tudo. Viver durante nove meses estando tão seguro no ventre da mãe, provoca um problema que deu origem a suas supostas religiões.

Quando o menino sai do ventre da mãe, o primeiro que sente é medo.

É lógico. perdeu sua casa, perdeu sua segurança, seus arredores, perdeu tudo o que conhecia como seu mundo, e é expulso a um estranho mundo, do qual não sabe nada. Tem que começar a respirar por sua conta.

Ao menino lhe custa uns segundos reconhecer o fato de que agora tem que respirar por sua conta, a respiração de sua mãe não lhe vai servir. Para despertar seus sentidos, o médico lhe coloca de barriga para baixo e lhe dá uma palmada forte no traseiro. Vá começo! Vá bem-vinda!

A consequência dessa palmada, começa a respirar. observaste alguma vez que quando tem medo se altera sua respiração? Se não o observaste antes, faz-o agora. Sempre que tem medo, sua respiração se altera automaticamente. E quando está tranqüilo, em casa, sem medo a nada, notará que sua respiração é gaita, tranqüiliza-se profundamente, volta-se mais silenciosa. Em meditação profunda, às vezes sente como se se deteve sua respiração. Não se detém, mas quase.

Ao princípio um menino tem medo a tudo. Durante nove meses estava na escuridão, e no moderno hospital onde vai nascer, há deslumbrantes tubos de luz por toda parte. Para seus olhos, para sua retina que nunca viu a luz, nem sequer a luz de uma vela, isto é muito. Esta luz é muito violenta para seus olhos.

E o médico não demora nem uns segundos em cortar a conexão que ainda une a sua mãe, sua última esperança de segurança... e um ser tão diminuto. Sabe perfeitamente que não há ninguém mais impotente que uma criatura humana, em toda a existência não há nenhuma criatura tão impotente.

Por isso os cavalos não inventaram a hipótese de Deus. Aos elefantes nem sequer lhes ocorreu o conceito de Deus, não o necessitam. A cria do elefante começa a andar e a explorar o mundo imediatamente. Não está tão necessitada como a criatura humana. Em realidade, assombrará-te de que haja tantas coisas sujeitas à impotência de uma criatura humana: sua família, sua sociedade, sua cultura, sua religião, sua filosofia... tudo está sujeito à impotência das criaturas humanas.

Os animais não têm famílias pelo simples feito que a criatura não necessita aos pais. O ser humano teve que tomar partido por um sistema. O pai e a mãe têm que estar juntos para cuidar de menino. É a consequência de sua aventura amorosa, têm que fazer esse esforço. Mas se se deixasse sozinha a uma criatura humana, igual a fazem muitos

animais, não te pode imaginar que vá sobreviver; é impossível! Onde encontrará a comida? A quem a vai pedir? O que vai pedir?

É possível que tenha chegado muito logo? Alguns biólogos acreditam que a criatura humana nasce prematuramente —nove meses não são suficientes—, posto que está tão necessitada ao nascer. Mas o corpo humano é feito de tal forma que a mãe não pode carregar com o filho mais de nove meses, se não, ela morreria e sua morte seria a morte do menino.

calculou-se que se o menino pudesse estar no ventre da mãe durante três anos pelo menos, possivelmente não seria necessário que houvesse um pai, uma mãe, uma família, uma sociedade, uma cultura, um Deus e um sacerdote. Mas o menino não pode estar no ventre da mãe durante três anos. Esta estranha situação biológica afetou ao comportamento humano, a seu pensamento, à estrutura da família, da sociedade; e isso é o que provocou o medo.

A primeira experiência do menino é o medo, e a última experiência do homem é o medo.

Se o vir do ponto de vista do menino o nascimento também é como uma espécie de morte. Vivía em um determinado mundo e estava absolutamente satisfeito. Não necessitava nada de nada, não tinha afã de ter nada mais. Simplesmente, estava desfrutando de ser, de crescer... e, de repente, é expulso.

Para o menino, esta é uma experiência de morte: a morte de todo seu mundo, de sua segurança, de sua acolhedora casa. Os cientistas dizem que ainda não fomos capazes de inventar uma casa tão acolhedora como o útero. Tentamo-lo, todas nossas casas são intentos de reproduzir essa acolhedora casa.

tentamos fazer inclusive camas de água que nos dêem a mesma sensação. Temos banheiras quentes; quando te tomba nelas pode ter uma sensação parecida com a do menino. Os que realmente sabem dar um banho de água quente, acrescentam-lhe sal, porque o útero da mãe é muito salgado, tem tanto sal como a água de mar. Mas quanto tempo pode viver em uma banheira? Temos tanques de isolamento que não são mais que uma busca do ventre que perdeu.

Sigmund Freud não era um iluminado, em realidade, estava um pouco louco, mas às vezes os loucos também cantam belas canções. Às vezes tem boas idéias. Por exemplo, acredita que quando um homem faz o amor com uma mulher não é mais que um esforço para retornar ao útero. Possivelmente tenha um pouco de razão. Este homem está louco, a idéia parece gasta pelos cabelos mas, embora um homem como Sigmund Freud esteja louco, terá que lhe escutar atentamente.

Sinto que há algo de verdade nisso: a busca do útero, o mesmo conduto de que saiu... Não pode chegar ao útero, é verdade. Depois, começou a inventar todo tipo de coisas; começou a fazer covas, casas, aviões. Se te fixar no interior de um avião... não seria estranho que um dia a gente flutuasse nos aviões dentro de banheiras de água quente salgada. O avião pode te dar exatamente a mesma sensação, mas não será satisfatória.

O menino não conhece nenhuma outra coisa. Tentamos fazê-lo igual de acolhedor: apuras um botão e chega a aeromoça. Fazemo-lo tudo quão cômodo seja possível, mas não podemos fazê-lo tão cômodo como o útero. Nem sequer tinha que apertar um botão. Recebia alimento incluso antes de ter fome. antes de necessitar ar, já o tinha recebido. Não tinha nenhuma responsabilidade.

Quando o menino sai do útero materno, se é que sente algo, deve senti-lo como uma morte. Não pode senti-lo como um nascimento, é impossível. Essa é nossa opinião —a opinião dos que estamos fora—, dizemos que é seu nascimento.

E a segunda vez, chega um dia depois de uma vida cheia de esforços... conseguiu fazer algo, uma pequena casa, uma família, um pequeno círculo de amigos, um pouco de

calor, um rincão em algum lugar do mundo onde poder relaxar-se e ser ele mesmo, onde lhe aceitam. É complicado... toda uma vida de esforços e, de repente um dia, encontra-se com que lhe voltam a expulsar.

O médico volta outra vez, é o homem que lhe pegou! Mas aquela vez era para que começasse a respirar; esta vez, que nós saibamos... Agora estamos deste lado, não conhecemos o outro lado. O outro lado fica para a imaginação; por isso está o Céu e o Inferno... a imaginação está desenfreada.

Estamos deste lado e o homem se está morrendo. Para nós se está morrendo, mas possivelmente esteja voltando a nascer. Isto só o pode saber ele, não pode voltar para nos dizer: «Não lhes preocupem; não estou morto, estou vivo. » Não podia voltar para ventre de sua mãe para dar uma última olhada e lhe dizer adeus a todo mundo, agora tampouco pode voltar, abrir os olhos, despedir-se de todo o mundo e dizer: «Não lhes preocupem. Não me estou morrendo, estou voltando a nascer. »

O conceito hindu da reencarnação não é mais que uma projeção do nascimento corrente. Para o útero —se o útero pensasse— o menino está morto. Para o menino —se o menino pensasse— é morrer. Mas nasce; não se está morrendo mas sim é seu nascimento. Os hindus projetaram a mesma idéia sobre a morte. Desde este lado parece que se está morrendo, mas do mais à frente... Mas o mais à frente é nossa imaginação; não podemos convertê-lo no que nós gostaríamos.

Cada religião descreve o além de um modo distinto, porque cada sociedade e cada cultura dependem de uma geografia diferente, uma história diferente. Por exemplo: os tibetanos não pensam que o mais à frente seja fresco, dá-lhes medo incluso um lugar fresco, é impossível que faça frio. Os tibetanos pensam que o morto está quente em um novo mundo onde sempre faz calor.

Os índios não pensam que sempre faz calor. Quatro meses de calor na Índia já são muitos, mas uma eternidade de calor... cozeria-te! Não conheciam o ar condicionado, mas a forma em que descrevem seu paraíso é como se tivesse ar condicionado: ar fresco, nem quente nem frio, a não ser fresco. Sempre é primavera, a primavera hindu: florescem todas as flores, o ar está cheio de fragrâncias, os pássaros cantam, tudo está vivo; mas o ar não é quente, a não ser fresco. Recordam-nos isso uma e outra vez, circula um ar fresco.

Nossa mente é a que está projetando este conceito; do contrário, não seria diferente para os tibetanos, os hindus e os muçulmanos. Os muçulmanos não concebem que o outro mundo seja um deserto; sofreram muito no deserto arábico. O outro mundo é um oásis, um grande oásis. Não é que depois de atravessar cem quilômetros te encontre um pequeno oásis com um pouco de água e uns quantos árvores, não, há oásis em todas partes, e não há deserto.

Projetamos, mas para a pessoa que se está morrendo, é o mesmo processo que já experimentou uma vez. É um fato sabido que na hora de sua morte, se a pessoa não estiver inconsciente, se não estar em vírgula, começa a recordar toda sua vida. Volta até o primeiro momento de sua vida quando nasceu. Aparentemente, é importante jogar uma olhada a tudo o que aconteceu antes de deixar este mundo. Em uns poucos segundos percorre todo o calendário como se fora um filme.

O calendário avança depressa, porque em um filme de duas horas têm que passar muitos anos... se o calendário se movesse ao ritmo habitual, estaria sentado no cinema quase dois anos, quem seria capaz de suportá-lo? Não, o calendário segue avançando, as datas vão trocando depressa. Na hora da morte vai inclusive mais rápido. Em um instante passa toda a vida e se detém no primeiro momento. volta-se a produzir o mesmo processo... a vida deu a volta completa.

por que queria que recordassem isto? Porque seu Deus não é mais que o medo do primeiro dia que segue estando até o último momento, cada vez se faz maior. Por isso uma pessoa jovem pode ser atéia, pode permitir-se ser atéia, mas à medida que se vai fazendo maior, volta-se mais difícil ser ateu. Se, quando se está aproximando da tumba, quando está com um pé na tumba, pergunta-lhe: «Segue sendo ateu?», dirá-te: «Estou-o pensando melhor», a causa do medo... o que vai passar? Todo seu mundo está desaparecendo.

Você me diz: «Assim que penso em renunciar ao conceito de Deus, tenho medo. » Isto é sinal de que está reprimindo o medo com a rocha do conceito de Deus, quando aparta a rocha, surge o medo.

Se surgir o medo, quer dizer que tem que confrontá-lo; o tampá-lo com o conceito de Deus não te servirá. Não pode voltar a ter fé, foi destruída. Não pode ter fé em Deus, porque a dúvida é uma realidade e a fé é uma ficção. A ficção não pode estar por cima dos fatos. Deus seguirá sendo uma hipótese para ti; sua oração não servirá de nada. Sabe que é uma hipótese, não pode te esquecer disto.

Quando ouviste uma verdade, é impossível esquecê-la. Esta é uma das características da verdade: que não precisa recordá-la. A mentira deve ser recordada continuamente; pode-te esquecer. A pessoa que esta acostumada a mentir precisa ter mais memória que a que está acostumada a dizer a verdade, porque uma pessoa sincera não precisa ter memória. Se disser a verdade não precisa recordar nada. Mas se MENTE, tem que recordar constantemente, porque lhe há dito uma mentira a uma pessoa, outra mentira a outra pessoa, e outra mentira a outra. Tem que classificar em sua mente e recordar o que lhe há dito a quem. Sempre que surge uma pergunta sobre uma mentira, tem que voltar a mentir, é uma sucessão de mentiras. A mentira não acredita no controle da natalidade.

A verdade é celibatário, não tem filhos; em realidade, não está casada.

Quando compreende que Deus não é mais que uma hipótese criada pelos sacerdotes, os políticos, a elite do poder, os pedagogos... e todos os que querem que siga sendo um escravo psicológico, todos os que têm algum interesse em que siga sendo escravo... Querem que siga tendo medo, que esteja tremendo em seu interior, porque se não ter medo, é perigoso.

Pode ser uma pessoa covarde, que tem medo, que está disposta a submeter-se, a render-se, uma pessoa que não tem dignidade, uma pessoa que não respeita seu próprio ser... ou pode não ter medo. Mas então será um rebelde, não poderá evitá-lo. Ou é um homem de fé, ou é um espírito rebelde.

As pessoas que não querem que sejam rebeldes —porque sua rebeldia vai contra seus interesses—, seguem te impondo e condicionando sua mente com o cristianismo, o judaísmo, o islamismo, o hinduísmo; e você segue morto de medo em seu interior. Esse é seu poder: qualquer pessoa que esteja interessada no poder, cuja vida não tenha outro interesse mais que o poder de governar, tem muitas aplicações para a hipótese de Deus. Se tiver medo de Deus —e se crie em Deus tem que ter medo—, terá que respeitar suas ordens e mandamentos, seu livro sagrado, seu Mesías, sua encarnação; terá que lhe obedecer a ele e a seus representantes.

Em realidade, ele não existe, só existem seus representantes. É um assunto muito estranho. A religião é uma das questões mais estranhas. Não há chefe, mas há mediadores: o sacerdote, o bispo, o cardeal, a Batata, o Mesías, toda a hierarquia, e por cima de todos eles não há ninguém.

Mas Jesus deriva sua autoridade e seu poder de Deus, é seu único filho encarnado. A Batata deriva sua autoridade do Jesus, é seu único representante verdadeiro, infalível. E assim continua até o sacerdote mais modesto... mas Deus não existe; é seu medo. pediste que inventassem a Deus porque não podia viver sozinho. Foi incapaz de fazer

frente à vida, a sua beleza, a suas alegrias, a seu sofrimento, a suas angústias. Não estava preparado para as experimentar por sua conta sem que te protegesse ninguém, sem alguém que fizesse de guarda-chuva. Pediu um Deus porque tinha medo. E em todas partes há estelionatários. Se lhes pedir algo lhe darão isso.

Terá que renunciar a esse conceito de Deus que ajuda a não ter medo. Terá que ir através do medo e aceitá-lo como uma realidade humana. Não tem necessidade de escapar disso. O que precisa é aprofundar nisso, e quanto mais aprofunde em seu medo, dará-te conta que é menor do que crie. Quando chegar até o fundo te rirá, não tem nada que temer.

E quando desaparece o medo aparece a inocência, e essa inocência é o *summum bonum*, a essência em si do homem religioso.

Essa inocência é poder.

Essa inocência é o único milagre que existe.

Partindo da inocência pode acontecer algo, mas não te converterá em um cristão nem em um muçulmano. Por essa inocência te converterá simplesmente em um ser humano, aceitando totalmente sua normalidade, e vivendo-a com alegria, com agradecimento para toda a existência e não para Deus, porque é um conceito que lhe deram outros.

Mas a existência não é só um conceito. Está a seu redor, por dentro e por fora. Quando é completamente inocente surge —não o chamarei oração porque em uma oração está pedindo algo, chamarei-o agradecimento profundo— surge um profundo agradecimento. Não é que esteja pedindo algo, mas sim agradece o que o já te foi dado. Deram-lhe tanto. 'Merecia-o? Ganhaste-lhe isso? A existência te enche de tantas coisas que é feio pedir mais. Deveria estar agradecido pelo que recebeste. E o mais formoso é que quando está agradecido, a existência segue te enchendo de coisas. É um círculo: quanto mais tem, mais agradecido está; quanto mais agradecido está, mais recebe... e isto não tem fim, é um processo infinito.

Mas recorda, a hipótese de Deus desapareceu; no momento que o chama hipótese, já renunciaste ao conceito de Deus. Tenha medo ou não, não pode recuperar esse conceito; terminou-se.

Agora só fica um caminho, examinar seu medo.

Entra nele silenciosamente para descobrir sua profundidade.

Às vezes te dará conta de que não é muito profundo.

Uma história:

Um homem que caminhava de noite se escorregou de uma rocha. Acreditando que podia cair milhares de metros porque sabia que havia um profundo vale, agarrou-se a um ramo que pendurava em cima da rocha. Quão único podia ver de noite é que estava em um abismo sem fundo. Gritou; um eco respondeu a seu grito... não havia ninguém que lhe escutasse.

Poderá imaginar a noite de tortura que passou este homem. A morte estava à espreita em cada momento, suas mãos se estavam esfriando, perdia a sujeição... e quando começou a sair o sol olhou para baixo e riu: não havia nenhum abismo. Dez centímetros mais abaixo havia uma rocha. Podia ter descansado toda a noite, podia ter dormido bem —a rocha era bastante grande—, mas essa noite tinha sido um pesadelo.

Através de minha experiência te posso assegurar que o medo não tem mais de dez centímetros. Mas tudo depende de ti: pode te agarrar a um ramo e converter sua vida em um pesadelo, ou soltar o ramo e te valer por ti mesmo.

Não tem nada que temer.

Sobre o autor

OSHO é um místico contemporâneo cuja vida e ensinamentos influenciaram milhões de pessoas de todas as idades e condições. Foi descrito pelo Sunday Times de Londres como um dos «1.000 artífices do século XX» e pelo Sunday Mid—Day (Índia) como uma das dez pessoas —junto com o Ghandi Nehru e Buda— que trocou o destino da Índia.

A respeito de seu trabalho Osho há dito que está ajudando a criar as condições para o nascimento de um novo tipo de ser humano. Frequentemente caracterizou a este ser humano como «Zorba o Buda»; capaz de desfrutar dos prazeres terrestres, como Zorba o Grego, e da silenciosa serenidade da Cautama o Buda. Como um fio condutor através de todos os aspectos do trabalho do Osho, está uma visão que conjuga a intemporal sabedoria oriental e o potencial mais elevado da ciência e a tecnologia ocidental.

Também é conhecido por sua revolucionária contribuição à ciência da transformação interna, com uma perspectiva da meditação que reconhece o ritmo acelerado da vida contemporânea. Suas singulares «meditações ativas» estão desenhadas para liberar primeiro o estresse acumulado do corpo e a mente, e assim facilitar a experiência do estado, depravado e livre de pensamentos, da meditação.

Os livros do Osho não foram escritos, mas sim são transcrições de gravações de áudio e vídeo dos bate-papos espontâneos que deu a amigos e discípulos ao longo de sua vida.

Osho Commune International, o lugar para a meditação que Osho fundou na Índia, como um oásis aonde seus ensinamentos podem ser postos em prática, continua atraindo mais de 15.000 visitantes ao ano de mais de cem países diferentes de todo o mundo.

Para mais informação a respeito do Osho e seu trabalho, incluindo uma visita virtual ao centro de meditação na Índia, veja-se:

AnDre

Advaita Samtusti

a_r_z_@terra.com.br